Bibliotheca dos Jovens Brazileiros

III

A PATRIA BRAZILEIRA

COELHO NETTO E OLAVO BILAC

EDUCAÇÃO MORAL E CIVICA

A Patria Brazileira

(Para os alumnos das Escolas Primarias)

21.ª EDIÇÃO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

166, Rua do Ouvidor, 166 — Rio de Janeiro

S. PAULO
49-A. Rua Libero Badaró

BELLO HORIZONTE
Rua da Bahia, 1052

1930

PARA OESTE!

O ultimo quartel do seculo XV foi uma aurora. Ardia ainda nos corações a chamma sagrada que fôra alumiando o caminho da Palestina aos Cruzados. O povo rezava e batia-se; por entre alas de guerreiros, revestidos de couraças formidaveis, desfilavam lentas procissões monasticas, levando hereges cobertos pelo sambenito para a purificação publica nas *fogueiras;* os sinos dobravam funebremente em todos os mosteiros da Hespanha catholica e aventureira; mas, apezar do intenso respeito religioso, á luz fraca das lampadas accesas diante dos nichos dos santos, nas ruas, tiniam espadas e moribundos rolavam praguejando.

As forjas dos alfagemes mal se apagavam, fundindo o aço inquebrantavel das armas; outros operarios, porém, de obras mais duradouras, competiam vantajosamente com os que aguçavam lanças: eram os que compunham livros, servindo-se dos caracteres inventados pelo trabalhador perseverante de Moguncia, Guttemberg, para exhumar as velhissimas litteraturas, e para dar expansão ás obras do genio humano, limitadas á estreiteza dos manuscriptos preciosamente conservados nos mosteiros.

Se era grande o fanatismo religioso, não era menor a aspiração das almas á riqueza.

Os monges falavam das delicias celestiaes, promettendo o largo premio da bemaventurança, e os espiritos concentravam-se em Deus; logo, porém, surgia um marujo, queimado dos grandes sóes, e punha-se a referir as suas viagens, contando o que vira, repetindo as lendas da *Atlantida* da *Antilla* de Aristoteles, das *Ilhas Afortunadas* de Strabão, da *Ilha de S. Brandão,* que se avistava, nos dias claros, além das Canarias, fugindo sempre se o navegador aproava para suas praias,

e da *Ilha das Sete Cidades,* colonisada por um bispo e monges, paraiso maravilhoso de verdura e flores, coberto de preciosissimas areias d'ouro.

Não admira que os rudes marinheiros visionarios mencionassem maravilhas taes, se Martin Behaïm marcára no seu famoso globo de cobre, conservado em Nuremberg, a posição d'essas mesmas terras.

Todas as verdades parecem annunciar-se por um sonho. Essas miragens da maruja eram precursoras de uma realidade mais bella: a America. Apezar do globo de Behaïm apresentar um vasto hemispherio, vasio, Christovão Colombo, de Genova, depois de ter recolhido na Ilha da Madeira papeis e cartas de um navegador portuguez, apparece nas Côrtes offerecendo-se para ir descobrir as Indias.

Vae primeiro a Lisboa; repellido, porém, passa a Castella, onde é aceito pelos reis catholicos Fernando e Isabel, e tão cordialmente o recebem, que o marinheiro italiano não hesita em adoptar por sua a patria heroica do Cid.

O que mais o impellia á aventura era o desejo intenso de descobrir thesouros,

não por avara cubiça, mas para poder equipar um exercito, forte de dez mil cavallos e cem mil infantes, com que fosse, christãmente, disputar aos infieis o tumulo do Senhor.

Era homem de leituras, mas profundamente mystico; se possuia preciosos instrumentos de marear e cartas, as melhores do tempo, se levava os olhos extasiadamente postos nos astros fazendo rumo pelas claridades do céu, se observava as correntes marinhas, — a alma ia embebida de fé, cheia de uma intuição divina, de uma inabalavel esperança.

Armada a expensas dos reis hespanhoes, a pequena frota — tres navios nos quaes hoje, de certo, o mais ousado mareante julgaria temeridade fazer-se ao oceano, — partiu de Palos, á aventura, na manhã de 3 de Agosto de 1492.

DESCOBRIMENTO DA AMERICA

Posto houvesse quasi certeza da existencia de um continente na direcção de oéste, talvez o seculo XV se tivesse escoado, sem que o velho Mundo visse surgir dos mares a irmã formosa que Melchior de Voguë, nos desenha graciosamente nestas palavras admiraveis:

"Entre os dois oceanos que lhe asseguram o silencio, alonga-se uma terra virgem, de um perfil vago de mulher adormecida, a cabeça apoiada ao polo Norte, os pés no polo Sul, a cinta cingida pelo equador, um braço estirado para a Asia — Alaska, o outro estendido para a Europa — o Labrador."

Em rumo das Canarias, a esquadrilha singrou os mares, chegando ao seu des-

tino, favorecida pelos ventos, afagada pelas vagas que pareciam propicias á expedição maravilhosa. A 6 de Setembro, a ancora foi recolhida e fez-se ao largo a frota seguindo para oéste. Que destino era esse? que roteiro o traçára? a alma do predestinado.

Velejaram sem accidentes, a principio, velejaram sempre; os astros tornavam-se mais claros; as noites, porém, baixavam temerosamente, e a maruja, receiando um fim sinistro no desconhecido, não vendo sombras de praias, entrou a murmurar; e, como para lhe augmentar o desespero, levantaram-se as vagas, ventos impetuosos enfunaram e fizeram estourar as velas bojadas, relampagos abrazaram os céus e os mares solitarios. Colombo, porém, sempre no castello da náo, indifferente ao rumor da procella e á celeuma dos homens descontentes, observava os astros, e seguia o vôo dos passaros como um augurio.

As vezes, illudido pela nevoa, o gageiro bradava "Terra!"; e atropellados e anciosos, corriam todos ás amuradas alongando os olhos; dissipava-se, porém, a bruma, a miragem sumia-se, e o hori-

zonte apparecia desanimadoramente vasio, além...

A' proa da capitanea, Colombo, falava ao Eterno, igual a Moysés no Sinai, recebendo de Deus, não a lei sancta, mas o roteiro para o paíz sonhado, a terra bemdita que deve ser a Chanaan dos que a Miseria e o Frio perseguirem nos dias vindouros, quando o mundo antigo abarrotado começar a alijar as grandes massas humanas.

Não se lhe arrefecia o animo; e, ainda diante da furia desabrida da tripulação, o seu olhar buscava o longinquo, — confiante e seguro de encontral-o. A 11 de Outubro o gageiro, erguendo-se vivamente nas gaveas, bradou com firmeza e jubilo: — "Terra!" Não era illusão. Uma brisa fresca trazia suaves aromas de flores, passaros voavam pousando nas vergas; e não longe o littoral apparecia coberto de arvores, viçosamente verde, e a *Pinta* empavezada, com toda a sua tripulação apinhada nas vergas, saudou a terra com alegria.

O genovez, profundamente commovido, agradecia intimamente ao Senhor a graça que lhe concedera, e os seus olhos agudos

baixavam do céu e alongavam-se pela terra proxima, enternecidamente, e lacrimosos.

O globo de Bahaïm rolara por terra, o hemispherio vasio era berço de um mundo.

No dia seguinte desembarcaram, cravaram uma cruz na terra que recebeu o nome de *San Salvador,* e, ajoelhados diante de um altar improvisado, entoaram piedosamente um *Te Deum* em acção de graças.

Dos tres navios da frota só dois lograram tornar á Hespanha; ainda assim um temporal arrojou ás costas cantabricas a *Nina* em que se achava Pinzon. A 16 de Março de 1493, sete mezes depois da sua partida, Colombo entregava a America á corôa de Hespanha, tendo deixado reconhecidas e occupadas as *Antillas, San Salvador, Conceição, Fernandina, Izabel, Hispaniola e Cuba.*

Os que ficaram, entre os indigenas, nessas terras estranhas, garantindo-as á patria, bem merecem ser lembrados como heróes que foram.

A recepção feita a Colombo foi extraordinaria; os sinos repicavam festiva-

mente, as fortalezas atroavam os ares com as salvas, o povo acudia dos campos a ver o heroe e os homens bronzeados que elle trazia, e as aves estranhas de maravilhosa plumagem; e toda a Hespanha, arrebatada no mesmo delirio de fortuna, sonhou aventuras arriscadas, pensando em transportar-se a esses paizes semeados de ouro e de pedrarias, que o genovez tomára pelas Indias.

Descobrimento do Brazil. — Cabral avistando o *Monte Paschoal*. (Quadro de Aurelio de Figueiredo.)

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

Chegando a Lisboa a noticia do maravilhoso feito de Colombo, accendeu-se a cubiça no coração de D. Manoel; e estimulado pela doação extensa feita a Castella pelo papa Alexandre VI, que lhe assegurava o direito sobre todas as terras e ilhas descobertas e por descobrir

que ficassem a oéste da linha meridiana imaginada a cem leguas das ilhas dos Açores e das do Cabo Verde, — o rei portuguez recorreu á Curia Romana, obtendo, em 7 de Junho de 1494, a assignatura do tratado de Tordesilhas, pelo quál as terras encontradas a leste da linha imaginaria, que devia passar 370 leguas para o poente da ilha de Santo Antão, deveriam ser adjudicadas a Portugal. Cessaram as dissenções que se haviam gerado entre os monarchas da Peninsula. Proseguindo, com maior afan, no empenho de encontrar as Indias, dobrando a extrema meridional da Africa, viu Portugal o problema resolvido com a chegada de Vasco da Gama, a Calecut, em 1498, viagem cheia das mesmas peripecias desalentadoras que affligiram o genovez.

Estabelecido o riquissimo commercio das especiarias, afim de assegural-o a Portugal partiu da foz do Tejo, a 9 de Março de 1500, uma esquadra de 13 embarcações, algumas das quaes armadas a expensas de particulares, todas, porém, sujeitas ao mando do capitão mór Pedro Alvares Cabral, de illustre familia, mas

ainda sem feitos que lhe dessem lustre ao nome.

Pelas instrucções escriptas que recebeu, devia afastar-se tanto quanto pudesse, da Africa, na altura da Guiné, para evitar as calmarias.

Obediente ás instrucções, observou-as estrictamente e seguindo-as e tambem arrastado pela correntes oceanicas, attrahido maravilhosamente pela terra virgem que anciava por apparecer á vista do Mundo antigo, — passados 40 dias sobre as aguas, a 22 de Abril (*) avistou, a oéste, terra desconhecida, apparecendo logo aos olhos assombrados da gente dos doze navios errantes um alto monte, que, em attenção á festa da Paschoa, foi chamado *Paschoal.*

A esquadra approximou-se da costa no dia seguinte, indo um batel á terra com gente, não sendo porém possivel communicação alguma por não entenderem os interpretes a lingua dos naturaes, reduzindo-se todo o trato a algumas dadivas e trocas de parte a parte.

Decidindo-se a explorar a terra que

(*) Segundo o calendario Juliano. No calendario gregoriano, essa data corresponde a 3 de maio.

O desembarque de Cabral

se alongava para o Norte, Cabral, no dia seguinte, velejou em demanda de uma angra onde ancorasse e se abastecesse de agua, encontrando, dez leguas ao Norte, tão propicia enseada que lhe deu o nome significativo de *Porto Seguro.*

E assim, por um accidente feliz, foi encontrado sobre os mares o continente verde da nossa patria.

O solo fertilissimo, forrado de hervas balsamicas que despontam em flores, esconde no seu seio thesouros incontaveis que só esperam o esforço do homem para vir ao lume da terra.

Rios caudalosos cruzam-n'o fertilizando-o, e são outras tantas estradas por onde vão, de um extremo a outro do paiz, as barcas de communicação. Cachoeiras precipitam-se de alturas prodigiosas com estupendo fragor, e, alvas, espumantes, extasiam os que de perto as contemplam; corregos defluem com suave murmurio e as suas aguas brandas e laboriosas vão movendo engenhos e turbinas, até que se derramam nos estuarios cantando. O arvoredo, sobre ser bello, é frondoso e forte; touca-se de flores que se transformam em fructos; a sua lenha, rija muitas vezes a

ponto de embotar o machado do lenhador, vai ao estaleiro e á officina, resiste á acção corrosiva das aguas e ao tempo; faz-se náu e segue em derrota pelo mundo, levando desfraldado o pavilhão da patria, armada e prompta para defender a terra de-onde foi tirada; é palacio e é cabana, é a lenha que nos dá o lume, é o arrimo final e o cofre do nosso despojo, quando á terra tornamos; nas mãos habeis do artifice dá o leito do natal e o da morte, dá a meza em torno da qual a familia se reune, e dá o cofre precioso e trescalante onde se conservam preciosamente as joias; dá o aroma e a tinta; é a sombra amena nos campos e nos montes; é a alegria nas praças; e a alterosa folhagem da sua copa purifica o ar viciado, e as suas formidaveis raizes, estiradas em cordoalhas, absorvem a humidade malefica do solo.

Freme o jaguar nas brenhas, o tapir assobia, as grandes cobras silvam enroscadas nos troncos ou de rastro pelas hervas; nos campos os veadinhos meigos saltam e yraras correm. A' beira dos rios, abundantes em pescado, arrastam-se reptis; e garças brancas pousam contem-

plativas, e tantas, que de longe parece á gente que um lençol se estende á beira das aguas.

Das grotas e das luras sáem ariscamente as pacas e as cotias, e pelos ramos chalram, gazilam aves de deslumbrante plumagem, sob um céu de purissimo azul, que um sol vívido alumia ou as constellações estrellam.

Para completa prosperidade de uma terra tão prodigamente aquinhoada, basta que ao seu viço correspondam o esforço e o amor do homem; e, agora que, consciente da grandeza da patria que possue, o brazileiro se lhe dedica com todo o interesse, o Mundo volta os olhos pasmados para esta região de magnificencias, invejando-a, e já a procuram os desfavorecidos para viver, acolhidos á sombra das suas arvores, em communhão pacifica e laboriosa, gozando a paz e preparando a abastança.

OS ABORIGENES

Pero Vaz de Caminha, chronista minucioso do acontecimento, mostra-nos os primeiros specimens do gentio brazilico. São dois jovens selvicolas que Affonso Lopes levou da terra á náu capitanea.

Cabral recebeu-os "sentado numa cadeira, com uma alcatifa aos pés por estrado, e bem vestido, com um collar de ouro mui grande no pescoço"; e os mais graduados da náu estavam sentados na mesma alcatifa, cercados da maruja que se apinhava cheia de curiosidade.

Os indigenas entraram sem cortezias nem palavras; um d'elles, porém, cravando a vista no riquissimo collar que ornava o pescoço e o peito do capitão mór,

acenou para a terra, como a dizer que lá tambem havia ouro; o mesmo gesto teve, quando lhe deram a ver um castiçal de prata. Vendo um papagaio pardo, tomaram-n'o á mão e acenaram como das outras vezes; mas, como lhes mostrassem uma gallinha, ficaram cheios de susto, e, só depois de com ella se acostumarem, d'ella se aproximaram, pasmados todavia.

Vendo um d'elles umas contas, ficou em tal contentamento e tão descompassados gestos fez, que logo lh'as deram; e elle, com pressa, pol-as ao pescoço, ufano: tirou-as depois, enrolou-as no braço pondo-se logo com acenos a mostrar as contas e o collar ao capitão, como a querer exprimir que daria ouro por aquellas missangas, proposta de vantajoso escambo que muito agradou aos da náu. A bordo dormiram agazalhados. Comeram do que lhes deram; o vinho, porém, mal o provaram porque logo que lhe sentiram o sabor o repelliram.

Da pintura que nos faz dos indios o mencionado chronista podemos dizer, abreviando as suas palavras: — Eram ge-

ralmente de côr parda, tirando ao vermelho, sympathicos de feição, fortes e graciosos de talhe.

Posto que andassem nús, o faziam com tão natural innocencia que não demonstravam o minimo vexame. No labio inferior traziam cravado um pedaço de osso como ornamento, sem que isso lhes causasse incommodo, porque bebiam e comiam com desembaraço.

Lisos e negros os cabellos, usavam-n'os em tranças, raspando-os, porém, um pouco acima das orelhas; por armas traziam altos arcos e flechas. Dos que mais tarde viu, diz Caminha que usavam pintar o corpo; alguns o tinham coberto de quadradinhos brancos e pretos como os de um taboleiro do xadrez.

Pelo adiante, varias vezes desceram a communicar com os indios, que sempre os recebiam com affabilidade, principalmente com Diogo Dias, que sahiu alegre e ruidosamente por entre elles dansando ao som de uma gaita; e os indios, acompanhando o rythmo da musica, dansaram tambem com elle. Um galé, Affonso Ribeiro, foi á terra, por ordem do capitão

mór, para se familiarisar com os indios com os quaes devia ficar; com elles passou grande tempo; mas á tarde foi trazido á praia para que tornasse a bordo, como se apenas o quizessem por visita e não por companheiro.

A PRIMEIRA MISSA

A 26 de Abril, domingo da Paschoela, desceram todos os da frota a uma restinga onde, sob uma tenda, erigiram um altar ricamente ornamentado.

Os guerreiros, revestidos de suas brilhantes armaduras que resplandeciam ao sol, causavam admiração aos ingenuos selvagens que chegavam do coração do bosque, attrahidos pelo estranho espectaculo; e, emquanto frei Henrique, seguido de acolytos, consummava o santo sacrificio elevando aos céus a hostia christã, o povo das selvas, apinhando-se na praia, buscava os melhores sitios de onde visse a cerimonia, uns trepando aos galhos das arvores, outros acocorando-se na areia, apoiados aos arcos fortes, as mães com os filhos enganchados na cinta ou escarran-

chados ao flanco, todos com as suas armas e os seus ornatos vistosos de plumagens variegadas, na cabeça e na cinta, ou sarapintados da cabeça aos pés, garridamente.

As aves cruzavam os ares que o fumo dos thuribulos incensava; perto do altar o pendão de Christo jazia, e, desfraldado aos ventos brandos, o pavilhão das quinas dominava a turba.

Terminada a missa, frei Henrique, despindo os habitos talares, subiu a um solio fazendo uma larga e commovedora predica, inspirada no Evangelho do dia e suggerida igualmente pelo successo venturoso do descobrimento de terras que demonstravam ser tão ricas, habitadas por gente tão hospitaleira posto que de alma inculta. Os selvagens, que não desviavam os olhos do santo homem, vendo, no final do sermão, que os guerreiros se levantavam, entraram a saltar, contentes, numa dansa agitada, arrancando agudissimos sons dos seus *borés* e *inubias*, instrumentos que usavam nas festas e guerras.

Findo o piedoso acto, tornaram os guerreiros ás chalupas, ganhando as náus,

A Primeira Missa. (Quadro de Victor Meirelles.)

que, empavesadas, arfavam sobre as aguas mansas.

A 1 de Maio, descendo novamente á terra, os guerreiros levantaram uma cruz, padrão religioso e de conquista, e, como fosse pesadissimo o lenho, os indigenas correram a auxiliar os portuguezes, ajudando-os a enterrar no fosso o poste sancto, que avultou numa eminencia abrindo ao sol os braços, á sombra dos quaes frei Henrique rezou a segunda missa.

No dia seguinte despachou Cabral uma das caravellas para Lisboa, portadora da noticia e de varias aves e objectos da terra tão afortunadamente encontrada; André Gonçalves ou Gaspar de Lemos foi o commandante. Deixando, ao que julgavam apenas uma ilha, o nome de Vera Cruz, — a 2 de Maio (*) os navegadores fizeram-se de vela, buscando o caminho das Indias. Na praia ficaram dois degredados, Affonso Ribeiro e outro, e, segundo o testemunho de Caminha, mais dois marinheiros que desertaram.

(*) Estas datas são as que figuram na carta de Pero Vaz de Caminha. Já dissemos que, com a adopção do calendario gregoriano, a data de 22 de abril corresponde a 3 de maio.

OS DEGREDADOS

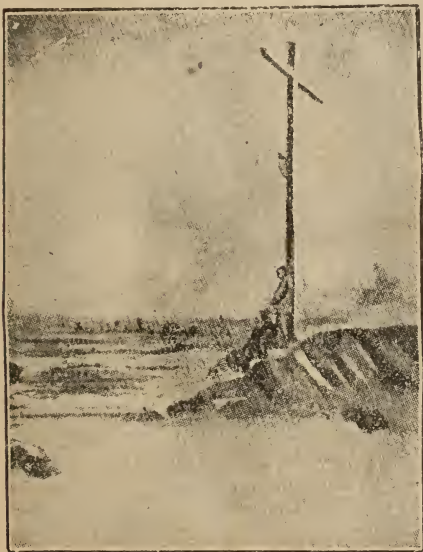
Na praia, juntos, os dois homens alongavam os olhos pelos mares, que as náus, com as velas amplas tufadas, iam rapidamente cortando. Choraram, certos que nunca mais tornariam á patria, e, apprehensivos, vendo-se desprovidos de defeza em terra desconhecida, entre gente estranha sem que, ao menos, pudessem tratar com ella por desconhecerem de todo a lingua que falavam.

Emquanto assim pensavam, vertendo copiosas lagrimas, ouviam o jucundo concerto das aves que voavam de um ramo a outro tecendo ninhos; viam o céu de um azul sem mancha onde apenas um ponto havia, o sol, que vestia de ouro terras e mares; ouviam o fremito das inubias que resoavam, e os gritos dos indigenas, que

espiavam a partida das náus acenando com os seus arcos, com as suas flechas ou com folhagens arrancadas do arvoredo. O dia foi arroxeando, e veio a noite triste, posto que estrellada e com luar. Os dois homens, á beira do mar, sem animo de penetrar no bosque cheio de cabildas, ficaram relembrando o passado, os dias felizes nos campos nataes, e até as desgraças que, por maiores que houvessem sido, pequenas pareciam comparadas com a desesperada situação em que se encontravam, visinhos da morte, na solidão e no desconhecido.

E que lhes haviam dito, como adeus, os que partiram? que buscassem aprender a lingua dos naturaes, que andassem com elles explorando a terra, para que, ao tornarem do reino, encontrassem meios de communicar com elles e de conhecer as riquezas da ilha.

A' noite, a selva com a sua grande voz mysteriosa, as aguas com o seu lamento tristonho, os pios das aves noctivagas, o rumor dos barbaros, ao longe, — tudo concorria pavorosamente para encher de medo as almas dos infelizes, que, mal distinguindo, andavam com os olhos de um

para outro lado, tremendo ao mais brando estalo da folhagem, ao ruflo mais leve da aza de um passaro errante, julgando sem-

Os degredados.
(Quadro de Antonio Parreiras.)

pre que os farejava uma fera, ou que os buscava, traiçoeiramente, um bando de selvagens.

Onde findaria tamanha terra, que tinha por horizontes a floresta e o mar?

que mysterio haveria nos seus meandros? que deus protegeria aquellas almas? diante de que altar se prostrariam aquelles homens na hora da afflicção?

Scismavam assim, quando, erguendo os olhos molhados, viram, ao clarão do luar, na eminencia, grande e solitario, com os braços abertos longamente, o cruzeiro que os seus companheiros haviam alli fincado. Alvoroçados, cahiram de joelhos, e começaram a rezar...

USOS E COSTUMES DOS INDIGENAS

Procurando pontos estrategicos, os indigenas construiam as suas cabildas (*tabas*) cercando-as de estacadas feitas com troncos de palmeiras ou emaranhadas touceiras de bambú. Sobre solidos esteios edificavam as choupanas (*ócas*) cobrindo-as de folhas de palmeira, revestindo as suas paredes de barro ou de taipa.

Viviam de caça e de pesca, e serviam-se de habeis estratagemas (*arapucas, mundéos, gequiás,* etc.) para apanhar os animaes vivos; não se descuidavam, todavia, da agricultura, cujo segredo, segundo uma lenda tamoya, lhes fora maravilhosamente revelado por um homem branco, de nome Sumé, que, atravez dos mares, viera do lado do Levante.

Faziam as suas embarcações, que variavam de tamanho, cavando troncos de arvores, e chamavam ás maiores *ygaraçus, ygarités* ás menores, e *ubás* ás que eram feitas com pelles de animaes ou folhas de palmeiras, destinadas á pesca nos rios. A canôa do cacique *(ygaritim)* distinguia-se das outras pela presença do *maracá* (chocalho) á popa, com o qual era dado o signal para a peleja.

A's armas dedicavam particular cuidado: os arcos de iri ou de jacarandá attestavam cordas de algodão ou de fibras de tucum; as flechas de ubá, esmeradamente desenhadas e lavradas, tinham em uma das extremidades fragmentos de taquara, dentes, ossos aguçados, ou o aguilhão da cauda da arraia, farpeados ou não.

O *tacape* cortante, largo no meio, terminava aguçado; tinham ainda a *tangapema* ou espada de sacrificio, a clava *(tamarana)*, e a *zarabatana,* tubo com que lançavam settas ou pelotas de barro.

Os principaes instrumentos de musica eram o *maracá,* o *boré,* a *inubia*, trompa guerreira, e o *uapy*, tambor destinado a convocar a tribu e a dar o rebate nos dias de festa ou de guerra.

Conheciam varias bebidas fermentadas e o fumo; domesticavam animaes; e, quando sahiam em expedições guerreiras, levavam, como provisão principal, farinha secca ou submettida a uma ligeira fermentação.

Habituavam-se, desde os annos mais tenros, a supportar todas as provações, desenvolvendo-se em agilidade e dextreza, encarando a morte com resignação heroica. Aos condemnados permittiam que entoassem o canto de morte. De apuradissima percepção, distinguiam os minimos rumores na selva, e preveniam-se, reconhecendo os passos cautelosos do inimigo, ou alegravam-se, se era o rumor de um bando alliado.

De um exaltado sentimento de independencia e liberdade, não dispensavam emtanto a auctoridade de um chefe militar *(morubixaba)* e o prestigio de um *pagé*, oraculo e medico ao mesmo tempo.

Os mortos eram enterrados, ou envolvidos em redes e conservados em talhas de barro *(igaçabas)*. As sepulturas eram circulares e profundas, sem monumento algum. Punham sobre o cadaver os melhores atavios e deixavam sobre o tumulo

vasos com alimentos e bebidas destinados, segundo a lenda, a *Anhangá* para que não devorasse o morto.

Os funeraes eram ruidosos: por entre lamentações angustiadas, num canto triste, os da tribu rememoravam as virtudes e os feitos guerreiros do finado; as mulheres cortavam os cabellos em signal de luto, e os homens, com o mesmo sentimento, deixavam-n'os crescer, o que tambem faziam quando projectavam alguma vingança, cortando-os quando se julgavam desforçados.

AS GUERRAS, OS PRISIONEIROS

Moviam-se as guerras principalmente para fazer prisioneiros, quando as não incitava o desejo de vingança.

Geralmente, as guerras eram emprehendidas no tempo do amadurecimento dos fructos com os quaes preparavam os vinhos das libações.

Não atacavam francamente, mas armando ciladas, e cahiam sobre o inimigo de surpreza, aos brados, com estridor de inubias.

Repellidos com vantagem, recuavam; outras vezes, despedindo flechas inflammadas, ateiavam o incendio na taba inimiga e voltavam levando as prêzas de guerra, atroando os bosques com algazarras e ululos de trombetas.

Atado, pela cinta, a um poste, o prisio-

neiro, na hora do supplicio, entoava o seu canto de morte, emquanto os da tribu inimiga dansavam em torno d'elle com estrepito de chocalhos e silvos de flautas de osso ou de taquara, simples ou duplas. Creanças e velhos ficavam de parte assistindo, ou batendo nos tambores.

A' hora do sacrificio, o matador, ornado vistosamente, aproximava-se da victima já tosquiada e, brandindo a *tangapema* enfeitada descarregava o golpe que esmigalhava o craneo do infeliz. Levantava-se estupenda algazarra, e as velhas precipitavam-se para talhar o corpo que ainda estrebuchava, levando logo os pedaços para a fogueira.

O dedo pollegar era o primeiro cortado á victima por ser o disparador das flechas, os ossos eram guardados para differentes usos; as caveiras ou as espetavam nas estacadas á entrada das tabas ou aproveitavam-n'as para cumbucas; dos dentes, enfiados, faziam collares.

Era uma honra assistir a taes ceremonias e participar do banquete; as glorias, porém, cabiam todas ao matador, que, em memoria da acção, inscrevia caracteres indeleveis no peito. E seguia-se a *poracé*,

dansa selvagem, durante a qual a bebida corria copiosamente e os cachimbos fumegavam.

Pela grande excitação que provocava tão descompassado exercicio, não raro, ao fim da festa, os guerreiros travavam-se em luta de morte.

As mulheres aprisionadas ficavam escravas, sendo, porém, submettidas a supplicio se houvessem pelejado.

O espirito exaltado de vingança constituia a verdadeira crença do selvagem. Era o odio que os levava ao canibalismo: eram antropophagos, não por gula, mas porque sentiam um barbaro prazer em trincar a carne do que, em vida, contra elles pelejara.

Levavam longe a vingança, tanto que se compraziam em exhumar o esqueleto d'um inimigo para, quebrando-lhe os ossos, desforçarem-se ainda do mal que elle lhes havia feito em vida.

CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES

O sentimento religioso, se assim nos podemos exprimir, revelava-se, entre os selvagens, pelo assombro. Não tinham idéa de um Deus creador nem ceremonias que provassem subordinação do espirito á crença em um Ente superior.

Constrangiam-se medrosamente diante dos phenomenos, que, nem por serem communs, se lhes tornavam indifferentes. Tupan, espirito maligno, gerador das trovoadas que atroavam o espaço, despedia raios quando estava irado.

Se os céus se carregavam procellosamente e os coriscos serpenteavam no fundo tenebroso dos nimbus, o pavor tranzia o povo barbaro, que se apertava, como um rebanho acossado, nas *ócas* fu-

marentas. Temiam os máos espiritos das selvas.

Preponderando nelles o animismo, viam nos animaes reencarnações de almas e temiam-n'os por isso.

O *curupira* representava variadamente o que imaginava a fantasia do indigena: ora o tapuyo em pena, ora um espirito mysterioso que perseguia os andantes. O *jurupary*, especie de genio anthropophago, tomava a forma humana ou a de um animal nas suas apparições; os *caaporas* faziam parte d'essa legião de duendes; o mais funesto, porém, era *Anhangá*, considerado por alguns viajantes como uma encarnação da lua; perseguia os homens, attribulando-os.

Os espiritos aquaticos deram origem á ficção da *yára*, mãe d'agua, mulher formosa de cabellos louros que fascinava e attrahia os que ficavam ao alcance dos seus olhos. A' noite não ousavam andar sós fora do terreiro da taba, ás escuras, e tremiam ouvindo os pios agourentos da *acauan* ou a voz das corujas que atravessavam os ares.

De alma simples como eram, aceitavam piamente tudo o que se lhes dizia, e

d'essa credulidade se aproveitavam vantajosamente os pagés.

Grande era o prestigio que estes exerciam sobre os barbaros. Viviam solitariamente nas brenhas, em trato intimo com os espiritos, como diziam, e só de tempos a tempos appareciam nas aldeias, quando entendiam dever subjugar pelo pavor os barbaros, garantindo o seu dominio sobre elles; e os seus agouros impressionavam de tal sorte aos indigenas que muitos succumbiam á predicção.

O dia da visitação de um pagé era considerado festivo. Limpavam os caminhos que elle devia trilhar, preparavam-lhe sumptuosa recepção e presentes que denominavam *potaba,* e dansavam a *poracé* ruidosa.

Vivendo em plena selva virgem, em absoluta ignorancia, era natural que procurassem explicar, pela intervenção de espiritos, os differentes ruidos nocturnos, as sombras largas nos campos, o doce murmurio das aguas, as luzes errantes do céu, as molestias, as desfortunas. Tudo quanto lhes escapava ao entendimento ou lhes causava surpreza e

assombro — o estrondo do raio ou o pio merencoreo da ave nocturna — era para elles mysterio e causa de temor. Andavam no estado intermedio entre o pavor e a crença, que é a idealisação mystica do medo.

OS PRECURSORES DE CABRAL

Antes que o acaso trouxesse ás novas terras a frota de Cabral, já varios nautas castelhanos as haviam encontrado e costeado para o norte.

Em fins de Junho de 1499, Alonso de Hojeda, navegando com os celebres pilotos Americo Vespucci e Juan de La Cosa, encontrou uma terra baixa, alagada, naturalmente a do delta do Assú, no actual Estado do Rio Grande do Norte.

Impossibilitado de vencer a violencia das correntes, fez-se ao largo, indo surgir, como se presume, no porto de Cayena.

Sete mezes depois, Vicente Yanez Pinzon, que primeiramente encontrámos na esquadra de Colombo, navegando com

quatro caravellas, aproou á terra, em rumo do Norte, alcançando, a 26 de Janeiro de 1500, um cabo a que deu o nome de *Santa Maria de la Consolacion*, cabo que, com fundados motivos, se julga ser o de Mucuripe no Estado do Ceará, e não o de Santo Agostinho, como se presumia.

Seguindo a costa, descobriu Pinzon outro cabo, a que chamou *Rostro Hermoso*, — sem duvida a ponta de Jerécoara. Debalde procurou entrar em communicação com os indigenas d'esses pontos por meios seductores, tendo até de sustentar luta com elles, da qual resultou morrerem varios homens da expedição. Seguio depois pelo Amazonas a que denominou *Mar Doce* e navegou até o *Cabo de Orange*, onde chegou a 5 de Abril de 1500, chamando-o *S. Vicente*, que era o orago do dia.

Perdendo numa tempestade duas caravellas com toda a equipagem, fez-se de vela para a Hespanha depois de ligeira parada em Hispaniola, levando 20 indigenas escravisados, 3 mil libras de páo-brazil e varias outras coisas que achára na terra, onde fora recebido tão atrevidamente.

Pouco tempo depois da expedição de Pinzon, Diego de Lepe, de Palos, aportou tambem perto da ponta chamada *Rostro Hermoso,* tendo de pelejar contra os naturaes que, lembrando-se do que lhes fizera Pinzon, receberam com sanha o piloto hespanhol e a gente das suas duas caravellas.

Já que nos temos referido, por vezes, ás terras da America sob a denominação de "novas", convém que digamos, firmados em valiosissimas affirmações de sabios e em documentos anthropologicos, que essas mesmas terras foram das primeiras, senão as primeiras, que emergiram dos mares, no hemispherio que, por muitos seculos, foi julgado vasio, — não obstante, de longe em longe, a intuição de um vidente fizesse despertar na alma dos aventureiros dos mares a idéa de exploral-o.

AMERICO VESPUCCI

Apezar do enthusiasmo que despertou na côrte portugueza a noticia do feliz achamento das terras novas, não houve grande açodamento na exploração do territorio que, por venturoso successo, coubera a Portugal: porquanto só a 13 de Maio de 1501 deixou o Tejo uma nova expedição, composta de 3 caravellas, vindo na capitanea, segundo as conjecturas, um favorecido de D. Manoel, D. Nuno de Mello.

Dá-se como razão principal da demora na exploração o desejo justo que tinha o rei de mandar na pequena frota alguns pilotos praticos em navegações anteriores ao novo continente.

Effectivamente com D. Nuno de Mello veio Americo Vespucci, florentino, que

já havia navegado com Hojeda, e que, por ser homem pratico, se tornou o verdadeiro chefe da expedição.

Depois de ligeira demora num porto africano, a fróta fez-se ao mar, aproando para o Sul. Sessenta e sete dias lutaram com as tormentas; e, segundo o mesmo Vespucci, teriam todos perecido, se elle não tivesse acudido a tempo. Escapando afortunadamente á furia dos ventos e dos mares, avistaram terra a 16 de Agosto, junto ao cabo que foi chamado *S. Roque.*

Ahi os naturaes receberam-n'os com desconfiança, reservando-se; e, como baixasse á terra um moço de bordo, foi trucidado pelas mulheres que o esquartejaram aos olhos dos companheiros, arredados demais para qualquer desforço; emquanto devoravam a victima, os canibaes deram a entender que haviam feito o mesmo a dous outros marinheiros que, dias antes, haviam saltado á terra.

Como despedissem innumeras flechas contra as caravellas, os de bordo descarregaram quatro obuzes, dispersando-se os indios com o estampido. A tripulação das caravellas, indignada, quiz descer em massa para tirar vingança dos selvagens.

Vespucci, porém, oppoz-se, e, levantando a ancora, guiou em direcção ao Sul, e foi successivamente baptisando as paragens que encontrava, designando, pelos nomes que lhes ia dando, o dia em que as avistou: foi assim que a 28 de Agosto descobriu o Cabo de Santo Agostinho; a 1 de Novembro a Bahia de Todos os Santos; a 25 a Bahia de São Salvador; a 1 de Janeiro (1502) o Rio de Janeiro; a 6 de Janeiro a Angra dos Reis; a 20 a Ilha de S. Sebastião; a 22 o porto de S. Vicente.

De S. Vicente passou a esquadrilha ao porto de Cananéa onde deixou degredado um bacharel portuguez. De Cananéa seguiu para o Sul até o cabo de Santa Maria, onde julgaram ter terminado o continente. Narra Vespucci que, esmorecendo o chefe da expedição, ficou sob a sua exclusiva responsabilidade a direcção da viagem. Abastecendo-se, como pôde, seguiu o rumo de sueste e, ao cabo de 50 dias de navegação, descobriu uma inhospita e grande terra, sem duvida a *Georgia Austral,* que o capitão Cook visitou em 1775, julgando-se o seu descobridor.

D'essa friissima paragem de noites

longas regressou a esquadrilha a Portugal, e foram tão desanimadoras as informações dadas pelos exploradores do novo continente, que á corôa pareceu melhor abandonar a terra á mercê dos especuladores para que a explorassem livremente.

Abalaram-se centenas d'elles, animados, principalmente, pelo commercio do *páo-brazil* que, pela estima em que era tido, até legou o seu nome á região, sendo os que os vendiam alcunhados de *brazileiros.* Um d'esses exploradores, Fernão de Noronha, descobriu, provavelmente pelo S. João de 1503, a ilha que a principio teve o nome d'esse santo e hoje é conhecida pelo proprio do seu descobridor, que foi tambem o seu primeiro donatario.

GONÇALO COELHO

A corôa, abandonando a particulares a exploração da terra, cuidava em preparar uma expedição consideravel que seguisse da extrema meridional do novo continente até a Asia, de onde provinham as especiarias (*). Organisou-se uma frota de seis navios, alguns do quaes armados por particulares, sendo o commando entregue a um nauta experimentado, Gonçalo Coelho. Americo Vespucci acompanhou-o, commandando um dos navios, e julga-se que tambem tomaram parte nessa expedição Diaz Solis, João Lopes de Carvalho e João de Lisboa, que mais tarde appareceram como praticos d'essas paragens.

(*) *Especiarias*, drogas aromaticas, com que se adubam iguarias.

Partiu a frota em meiados de 1503, e depois de refrescar na ilha de Santiago, no archipelago do Cabo Verde, a 10 de Agosto acharam-se os navegantes em presença de outra ilha, a mesma que, dias antes, havia sido encontrada por Fernão de Noronha. A capitanea foi de encontro a um cachôpo proximo d'essa ilha, de sorte que Gonçalo Coelho teve de se passar a outro navio. Este acontecimento fez que se desmembrasse a esquadra, separando-se o navio de Vespucci e outro mais; os tres restantes seguiram provavelmente sob o commando de Gonçalo Coelho.

O navio de Vespucci e o que com elle seguiu surgiram no porto da Bahia, paragem dada para encontro no caso de desgarramentos. Depois de esperarem dois mezes e quatro dias, proseguiram por conta propria, caminho do Sul, entrando em differentes portos até que chegaram a Cabo-Frio, onde fizeram boa provisão de páo-brazil.

Antes de regressar a Portugal, fez Vespucci uma incursão pela terra caminhando 40 leguas; e, ao deixal-a, estabeleceu uma pequena feitoria que

guarneceu com 24 homens. Os dois navios chegaram a Lisboa a 18 de Junho de 1504.

Apezar de Vespucci julgar perdido Gonçalo Coelho, tal não succedera. O chefe da esquadrilha, seguindo o rumo do sul, recolhera-se á bahia do Rio de Janeiro, estabelecendo ahi um arraial, tendo mais tarde noticia pelos selvagens da existencia de um outro, em Cabo Frio. Suspeita-se que esse primitivo arraial existiu junto ao riacho que tomou o nome de *Cari-óca* (casa do branco).

Demorando-se, como se presume, dois ou tres annos nesse sitio, Gonçalo Coelho mandou explorar a costa do Sul até a bahia de S. Mathias, regressando os exploradores por verem que era de todo impossivel encontrar caminho que os levasse até Malaca. Infructifera foi tambem essa segunda expedição; emtanto, os navios das primeiras armadas que se dirigiam á India aportaram a estas costas. O porto geralmente frequentado era o de Santa Cruz, ao norte de Porto Seguro. Alguns navios francezes, procedentes de Honfleur, trazendo, como praticos, portuguezes, começaram a frequentar o nosso

littoral. Toda a costa, do cabo de S. Roque para o Sul, principiou a ser visitada por esquadrilhas de especuladores que vinham em busca do páo-brazil.

Os contractadores ou arrendatarios de páo-brazil armavam náos para esse commercio. Entre as que vieram ao Brazil merece especial menção a náu "Bretôa", que, de volta á Europa, levou cinco mil tóros de páo-brazil, alguns animaes e passaros vivos, e trinta e tantos captivos, apezar da prohibição expressa do regimento que recommendava fossem "os da terra bem tratados, não se levando d'elles nenhum para a Europa, ainda que para isso se offerecessem".

O NORTE

São vagas e escassas as noticias relativas á primitiva exploração das costas do norte, além do cabo de São Roque, por navios de Portugal.

Sabe-se que andou por essas bandas o piloto João de Lisboa, que deu o seu nome a um dos rios áquem do Maranhão. Antes, andaram por esse lado um João Coelho, e o arauto Diogo Ribeiro, possuidor d'um alvará régio que lhe consentia andar em descobrimento e exploração. Diogo Ribeiro acabou tragicamente ás mãos dos indios.

E' indubitavel que por lá andaram, em commercio, varios navios portuguezes, mas porque não exploravam toda a costa existiu durante muito tempo a crença de que só havia um grande rio que entrava

pela terra, pois os que reconheciam o verdadeiro Maranhão desconheciam o Amazonas, e vice-versa, vindo ambos a ser designados confusamente pelo nome de Maranhão.

Americo Vespucci foi o primeiro europeu que navegou ao longo de todo o littoral de nossa patria; foi o primeiro que sentiu a grandeza da região que hoje se chama America do Sul. Com justissima razão bem mereceu essa perpetua homenagem quem, temerariamente, atravez de tormentas, lutando com os elementos e com a barbarie, foi desbravando a terra, que hoje venturosamente prospéra, seguindo para um riquissimo futuro.

AS CAPITANIAS

A principio, em Portugal, a descoberta de Cabral apenas foi apreciada por se achar que estas terras serviriam "para nellas refrescarem e fazerem aguada as armadas da India". Ninguem fazia idéia da incalculavel fortuna que o acaso entregara a Portugal, entregando-lhe estas regiões prodigiosas. A conquista das riquezas da India era ainda o grande sonho do velho mundo: havia ainda quem pensasse que era real a existencia d'aquelles assombrosos reinos de que falavam escriptores fantasistas: — Quinsai, cujo circuito media cem milhas, e onde havia cem pontes de marmore; Cipango, cujos templos eram cobertos de folhas de ouro fino; Cathay, abundantissima em

perolas (*)... Além d'isso, os lucros reaes e immediatos, que dava o commercio na India, eram bastantes para attrahir os portuguezes.

Assim, durante muito tempo, só vieram para o Brazil degredados e criminosos. Mas a Hespanha e a França começaram a visitar o novo paiz; e os armadores de Honfleur e de Dieppe, para explorar o commercio da madeira chamada *brazil,* chegaram a crear feitorias no littoral da bella possessão portugueza. Foi então que D. João III resolveu dividir as suas novas terras em *capitanias hereditarias.*

Começou d'esse modo a colonisação do Brazil. Os donatarios, que tinham o direito de transmittir aos filhos as terras havidas da munificencia real, receberam o titulo de *capitães generaes,* e ficaram sendo os senhores absolutos das capitanias. Deviam apenas ao rei a obediencia de subditos, e parte dos lucros que aufferissem. Assim, foi retalhada a nossa costa, já então toda conhecida pelas ex-

(*) Carta de Paulo, physico, a Fernandes Martins, conego de Lisboa. Florença, 1747.

plorações que a ousadia dos navegantes realisára. Começou a constituir-se o paiz, de onde tinha de sahir mais tarde a Patria Brazileira. No solo virgem, principiaram a cahir as sementes dos cereaes; os machados entraram a violar as mattas espessas, que até então só animaes e indios bravios tinham cruzado; os troncos seculares, despedaçados, exportados para a Europa, iam lá mostrar a excellencia das nossas madeiras; e, do fundo da terra e do leito dos rios, onde dormiam havia seculos sem conta, começaram a sahir o ouro e as pedras preciosas, que de tanta desgraça e de tanta luta iam ser causa.

Infelizmente, os colonisadores não eram apenas donos da terra e da agua, dos peixes e das feras que as habitavam: eram donos tambem dos homens primitivos, que, rudes e independentes, altivos e barbaros, tinham visto perturbada a sua liberdade e atacado o seu dominio absoluto, logo á chegada dos primeiros navegadores. As *cartas de foral*, que investiam os donatarios da auctoridade de capitães generaes, davam-lhes o direito de captivar o gentio, para o serviço dos seus navios e das suas lavouras, podendo

mandal-os a Lisboa, afim de ahi serem vendidos. Como sempre, a terra tinha de progredir á custa das lagrimas dos seus filhos. Amarrados e domados, sem comprehender a violencia de que eram victimas, os indios, reduzidos á escravidão, eram arrancados á força das brenhas que os tinham visto nascer...

VASCO FERNANDES COUTINHO

Quando, comprehendendo que só no azar das batalhas podiam achar salvação, os indios, para defender a terra e a propria liberdade, começaram a atacar os colonisadores, — estes tiveram de sustentar uma lucta renhida, que por longos annos atrazou o progresso das capitanias. Mas não foram os indios os seus unicos inimigos: maior inimiga sua foi a propria ambição desmarcada, que muitas vezes os desuniu e os arrastou á miseria e á morte.

Dos capitães generaes, o mais infeliz foi talvez Vasco Fernandes Coutinho, a quem fôra dada a capitania de que nasceu o actual Estado do Espirito Santo. Essa capitania comprehendia uma das mais bellas porções do littoral do Brazil. Vinha do rio Mucury ao rio Itapemirim.

Neste ponto, a costa abre-se em bahias magnificas, em golfos e em barras. A matta virgem, ahi, como em toda a costa do Atlantico, em logar da pobreza e da uniformidade da vegetação que ha nas mattas da Europa, tem uma extraordinaria variedade. E' raro que se achem duas arvores que se pareçam. As gigantescas paineiras, cobertas de espinhos até certo ponto, elevam a grande altura a massa movediça da sua copa; as sapucaias entrelaçam as folhagens em abobadas cobertas de flores côr de rosa; entre os coqueiros de tronco esbelto e liso, coroado de amplo pennacho verde, erguem-se os jequitibás majestosos; do fundo verde escuro da matta destacam-se as flores amarellas do jacarandá; e cipós, resistentes como cabos de aço, enleiam toda essa fantastica multidão de colossos vegetaes.

O clima da capitania de Vasco era excellente; e fertilissimo o solo, abundantemente regado de rios. O gentio da região não era intratavel: violento e vingativo quando perseguido, não duvidava apoiar quem o affagava. E o erro dos primeiros colonisadores consistiu precisa-

mente no proposito, em que quasi sempre estiveram, de tratar os selvagens, não como homens, mas como féras, incapazes de civilisação, inaccessiveis á bondade, destituidos de entendimento.

Vasco Fernandes Coutinho, quando se viu donatario de tão extensos dominios, vendeu quanto possuia em Portugal, e, reunindo muitos colonos, alguns dos quaes eram fidalgos, mais preparados para viver nos ocios da côrte do que nos perigos e trabalhos da colonisação, apparelhou uma frota que veio ancorar diante da terra do Espirito Santo, na manhã de um domingo, 23 de Maio de 1535.

Viu logo Fernandes Coutinho uma bella e larga enseada, que lhe pareceu ser, não um reconcavo de bahia, mas a foz de um rio, e ordenou que ahi se fizesse o desembarque. Parados, á espera dos invasores, estavam, em pé de guerra, os naturaes do paiz. Vencidos, depois de um rude combate, os selvagens consentiram que Vasco Fernandes Coutinho assentasse os fundamentos de uma povoação, que recebeu o nome de Victoria, — nome que hoje, cidade próspera, ainda conserva.

Mas a insubordinação lavrou logo en-

tre os colonos. Os fidalgos, viciosos e violentos, perseguiam os indios. Os ataques á povoação recomeçaram. Dentro d'ella, corria tambem o sangue, — sangue de irmãos que a ambição do mando e da riqueza derramava. Duarte de Lemos, a quem Vasco dera as ilhas de Santo Antonio, foi o primeiro a desgostar o seu protector. E a colonia decahia.

Por fim, a idade, a molestia e o desgosto mataram o donatario. Tendo empregado na empreza toda a sua fortuna, tendo-a visto desapparecer, tragada pelas despesas de guerra, pelos esbanjamentos dos administradores, — aleijado, velhissimo, abandonado dos seus, — aquelle homem, que fora senhor de cincoenta legoas de terra fertilissima, acabou na mais completa miseria. E o lençol, em que foi amortalhado o seu cadaver, foi o producto de esmolas.

AYRES DA CUNHA

Quantos d'aquelles conquistadores esforçados, que, por aguas desconhecidas e bravias, vieram da sua patria, em busca da riqueza e do poder, até estas plagas, de onde a nossa Patria tinha de nascer, — sentiram, na longa e profunda noite do mar, quando a tormenta lhes batia as caravellas frageis, a alma invadida pelo desanimo e pelo desespero! Quantos d'elles, em meio da viagem gloriosa, acreditaram ouvir a grande voz tragica d'aquelle velho que, no poema de Camões, o grande Gama ouviu:

> Oh! maldito o primeiro que no mundo,
> Nas ondas vélas poz em secco lenho!

Na partida, quando ainda se vê a terra que fica, quando a alma, embriagada de sonho, esquece os perigos a que se vae arriscar para apenas se lembrar das glorias que vae conquistar, — não ha tempo para a duvida ou para o desanimo. Só no meio da viagem, quando, á direita e á esquerda, adiante e atraz, o olhar só encontra as ondas que se levantam, batidas pelos tufões, — é que o medo entra o coração, e cala-se a ambição, e amortece-se a febre do sonho... A terra tarda! As tempestades succedem-se! A esperança morre! E o homem pergunta a si mesmo se a vida obscura e pobre, no meio dos entes amados, não vale mais do que a ruidosa gloria e a pesada riqueza que tantos sacrificios exigem...

Entre os primeiros que vieram colonisar o Brazil, um houve que nem logrou pisar a terra a que vinha entregar o seu trabalho.

João de Barros, o famoso chronista de Portugal, o historiador que tão brilhantemente contára os feitos das armas portuguezas nas Indias, recebeu em doação, das mãos liberaes de D. João III, cem legoas de terra brazileira. A sua capitania

vinha da Bahia da Traição á extrema do Rio Grande do Norte: e quiz ainda El-Rei accrescentar a essas cem legoas, mais cincoenta, que iam do rio da Cruz á abra de Diogo Leite. Fernando Alvares de Andrade, thesoureiro-mór do reino, teve setenta e cinco legoas que se estendiam do rio da Cruz ao cabo de Todos os Santos. Mas esses dois felizes donatarios não quizeram sahir da Côrte, para, abandonando os seus altos empregos, vir correr os riscos das viagens longas e das emprezas difficeis. Associaram-se a Ayres da Cunha, aventureiro ousado, alma ambiciosa que os perigos do commettimento não amedrontaram.

Da praia portugueza, grande multidão viu partir essa bella frota de dez navios, galhardamente empavesados, orgulhosamente levantando as proas em demanda do Novo Mundo. Dentro d'elles vinham Ayres da Cunha, e dois filhos do chronista João de Barros, trazendo comsigo mil colonos.

Mil colonos! Patria e familia ficavam lá... Quando o vento enfunou as vélas claras da formosa frota, todos aquelles olhos miraram, com certeza, turvados de

lagrimas, a terra que deixavam; todas aquellas almas, apartando-se dos logares amados que conheciam tanto, promettiam voltar dentro em pouco, saciadas de gloria e de riqueza.

Longa foi a viagem, longa e amargurada. Ás vezes o vento faltava. E dias e noites, oscillando ao sabor das ondas, paradas á flor das aguas desertas, as náus dormiam, como fantasmas. Outras vezes, desencadeiavam-se tempestades. Desunida, desarvorada, a frota errava, ás tontas...

Um dia, quando já não havia em nenhum dos navegantes esperança de ver terra, a tormenta augmentou.

Cerraram-se os ares. Grossos bulcões de nuvens negras, retalhadas de fuzis, rodavam no céo. E ao ribombo do trovão casava-se o fragor das vagas encapelladas. Por toda a noite, sem governo, entrechocando-se na medonha escuridão, sacudiram-se as náus, numa corrida louca, que os furacões impelliam.

De repente, quasi todas, com estrondo, pararam, despedaçadas. Um clamor de espanto subiu de bordo. Amanhecia. A frota encalhára em bancos de areia. E, no

terrivel naufragio, sem soccorro, á primeira luz hesitante da manhã, os colonos avistaram longe, muito longe, uma faixa de terra. Era a costa do Maranhão.

Mas tão longe! tão longe! E os conquistadores morriam, vendo com os olhos, que a agonia embaciava, aquella terra que buscavam, e que nunca haviam de pisar...

VIDA DOS PRIMEIROS COLONOS

Vendo-se em limitado numero nas capitanias, os colonos foram se afazendo aos barbaros, adoptando muitos dos seus usos e até algumas das suas superstições.

Na edificação das casas, em vez de pregadura, serviam-se de cipós para segurar as ripas, e colmavam-n'as de palha.

Os vasos de que se serviam eram copiados dos que usava o gentio. Faziam-se ao mar afoitamente em jangadas, sulcavam os rios em ygáras. Cultivavam o milho, a mandioca, o feijão. Adoptaram o uso do tabaco, contra o qual debalde a Igreja se oppoz ameaçando os viciosos com a excommunhão. Os artigos de exportação primeiramente cultivados foram o arroz e o assucar.

Os indios, a troco de pannos ou missangas, prestavam-se a trabalhar nas roças, e os christãos não se envergonhavam de roçar o matto ou de accender a coivára ao lado d'elles.

Iracema. (Quadro de Medeiros.)

Guardando respeito á tradição religiosa, festejavam, longe da praia, os grandes dias do calendario: o Anno Bom, Reis, as festas de Maio, Santo Antonio, S. João, S. Pedro, o Natal. Ardiam fogueiras e os instrumentos peninsulares zangarreados acordavam o silencio das noites de clarissimo luar.

Já os gallos cantavam nos poleiros, os bacorinhos coinchavam nos cercados, e a vacca nos pastos verdes mugia chamando o vitello.

Os baptisados e casamentos eram celebrados festivamente.

Altivos e sobranceiros, os indios, á menor falha de contracto, resentiam-se e, abandonando os sitios em que trabalhavam, internavam-se formando planos de vingança.

O europeu, conhecedor dos habitos do indigena, apparelhava-se para o assalto, fortificando-se e armando-se. Inopinadamente uma hoste irrompia aos brados, precedida de uma nuvem de flechas, e a peleja travava-se, as mais das vezes fatal aos colonos, inferiores em numero.

A mulher e a cruz muito e poderosamente concorreram para abrandar o animo do selvagem. A india que se ligava ao portuguez, não só por amor de esposa, como por ver o filho fraco, brincando e rindo entre os dois, buscava salvar a casa da furia dos seus irmãos da floresta, e seduzia-os, ameigava-os; a seu turno o padre, illuminando as almas, expunha a religião de Christo, toda amor e caridade,

e conseguia mais, com a sua palavra ungida de fé, do que os guerreiros com os seus mosquetes e as suas espadas.

Além das relações entretidas com os indios do districto em que se fixavam, emprehendiam os colonos, tanto por mar como por terra a dentro, algumas relações de trafico e resgate com outros indios.

A essas relações deveram os colonos o conhecimento não só de toda a costa que percorriam em caravellões, barcaças e jangadas, como dos invios sertões que iam intrepidamente devassando, em grupos, chamados *bandeiras*.

As colonisações dos actuaes Estados de Sergipe, Alagoas, e os de Parahyba ao Pará foram iniciadas, a bem dizer, por expedições d'essa natureza, que nem por levarem como intuito principal o resgate de escravos deixavam de ser exploradoras.

O NAVIO NEGREIRO

Sereno é o mar, os ventos sopram de feição, e o brigue veleja garbosamente pelas aguas verdes, sob um céu azul onde não passa a mais ligeira nuvem...

Mas porque espalha gemidos essa embarcação que tão propicia brisa vem trazendo? porque espalha lamentos pelo tranquillo oceano? Virá a maruja presaga adivinhando uma procella proxima? não, a maruja canta descuidada vendo as vélas pandas...

Quem geme? de onde vem tão sentido lamento?

E' a carga do brigue que assim chora, é a carga do veleiro brigue que veio dos mares da Africa cheio de gente negra...

O porão está entulhado: homens, mu-

lheres e creanças, os pulsos carregados de ferro, os olhos inundados de lagrimas. Não podem ver, estão cercados de treva, num ambiente infecto; ouvem as pancadas dos corações soffredores e o escachôo do mar, ouvem os soluços das mulheres e os brados do commandante. Amanhece, anoitece, o sol surge, as estrellas scintillam, — e sempre é noite, noite negra no porão do navio. Vêm da Africa, arrematados pelo traficante, valem como a especiaria, como o gado, são cousa venal como a lenha da terra, como o coral das aguas. Negam-lhes sentimento, negam-lhes sensibilidade, roubam-lhes os filhos, laceram-lhes as carnes. E o vento, como a alma errante e compassiva do paiz deixado, acompanha-os gemendo.

A's vezes um rompe a chorar, ouvem-n'o todos commovidos e a lagrima communica-se, o choro torna-se geral; mas quem o ouve? o mar, o vento... "Eh! cessa! Eh! basta de choro!" — brada o traficante, não porque a piedade o tenha penetrado, por usura sómente: porque a lagrima definha e o escravo enfraquecido menos vale...

Porque não vens, corsario, açor bemdito?...

Um expira algemado. Ao mar a carniça! Outro enferma e geme... Ao mar o inutil! A creança, que mama, deforma a escrava nova, ao mar o vampiro! Os que morrem, como são felizes! Alguns deixam-se finar á mingua, outros succumbem ao *banzo,* molestia indefinivel da alma, e o brigue veleja sob o céu tranquillo, sobre as aguas mansas.

Terra! E Deus que não salva da agonia a pobre gente! Terra! ancia de chegar ao porto tem a maruja; elles, porém, coitados, ouvindo a faina dos que vão descendo a ancora, tremem, pensando talvez que lhes chegou o momento final. Terra! e elles, chicoteados, começam a subir do porão, apertando os olhos que a luz deslumbra, e, magros, arrastando ferros, surgem do negro esquife como esqueletos numa evocação macabra. Terra!...

O CARAMURÚ

Em 1510, naufragando na costa da Bahia uma náu portugueza, alguns dos que iam a bordo, entre os quaes um certo Diogo Corrêa, conseguiram chegar a terra. O gentio, apinhado na praia, vendo surgir da agua o naufrago, logo lhe poz cerco, olhando-o pasmado, e não sem gestos e esgares que despertaram desconfianças no espirito do malaventurado.

Para qualquer lado que olhasse com a esperança de descobrir um rosto amigo, apenas via indios, que saltavam, significando uma grande alegria pouco tranquillisadora.

Vendo-se tão mal cercado, e, como houvesse conservado o seu mosquete, teve a feliz lembrança de alli disparal-o, certo

que ao menos surpreza, senão medo, provocaria nos indios.

Aconteceu que, levantando os olhos, viu um passaro nos ares, e logo, fazendo certeira pontaria, disparou a arma, derrubando-o morto entre os selvagens. A grita que se levantou foi grande, de susto muitos rolaram por terra, outros fugiram, e um só grito sahiu de todos os peitos: Caramurú!

Segundo Varnhagen "é este o nome de certa enguia electrica, isto é, de um peixe comprido e fino como uma espingarda, que por suas virtudes de fazer estremecer, e por damnar e ferir, poderia ser applicado ao tremendo instrumento e por uma facil e sensivel ampliação ao seu portador".

Maravilhados, os indios, receberam com demonstrações de respeito o homem que lhes parecia possuidor do raio, e de tanto lhe valeu o estratagema, que, levado em triumpho á cabilda, logo o trataram como chefe, sabendo o Caramurú de então por diante conservar o mesmo prestigio sobre os selvagens.

Affazendo-se á vida, tomou uma india para companheira. Paraguassú chamava-

se ella; e mais tarde recebeu da rainha o nome de Luiza.

Nasceram a Caramurú varios filhos, e de tal modo adoptou a vida nova, que, quando á Bahia chegaram os jesuitas, encontraram o colono tão identificado com os indios, que por bem pouco d'elles se distinguia: até a lingua natal quasi esquecera. Todavia, reconhecendo os compatriotas, prestou-lhes relevantissimos serviços, pondo-os em contacto com os selvagens, servindo, por assim dizer, de interprete entre a civilisação e a barbaria.

Nos ultimos mezes do governo de D. Duarte da Costa, falleceu na Bahia o famoso Diogo Alvares, depois de ter revisto a terra amada da patria em companhia de sua esposa, a india Paraguassú.

O MISSIONARIO

Selva. Altissimos troncos, subindo em columnatas, amparavam as frondes que se confundiam, formando uma abobada impenetravel ao sol; redes de cipós cruzavam-se, ligando ramos, ou arrastavam-se pelo solo acamado de folhas seccas que estalavam sob os pés dos homens, sob as patas das alimarias; aos ramos, pendurados em chuveiro de ouro, filamentos de parasitas balouçavam-se, e as raizes das arvores, em formidaveis cordões á flor do terreno, pareciam grandes reptis adormecidos.

Sussurro constante enchia a solidão sombria, pios de aves, fremitos de azas de insectos, zumbidos de bezouros; ás vezes,

uma palma que se despegava rolando com fragor, um ramo podre que cahia...

As féras, nos covis, espreitavam perfidamente; enroscada nas arvores, perto da agua de um rio, a sucury esperava a prêa. De longe em longe um grasnido... e uma nuvem de papagaios levantava-se, muito verde, como uma revoada de folhas; macacos, suspensos pelas caudas, balouçavam-se dos ramos, aos guinchos. Aqui um lençol d'agua, a escorrer, insinuando-se múrmuramente por entre as relvas avelludadas, adiante uma grota profunda cheia de embaubas prateadas; alli um tronco carcomido tendo, junto á raiz, uma cova; não longe a taba do indio.

Já appareciam as pegadas do selvicola, um fio de fumo azul subia aos ares, por entre as folhas, gritos repercutiam, e, numa clareira, cheia de ar e de sol, mostrava-se a estacada da cabilda com o seu trophéo de caveiras attestando morticinios crueis. O rio rolava perto.

E lá ia vagarosamente, solitariamente, com um cruzeiro á mão e o livro dos evangelhos, o Missionario...

Armado com a grande resignação dos propagandistas, affrontava os perigos, atravessando, sem parar, toda a floresta densa, até chegar ás aldeias barbaras, onde, alçando a cruz aos olhos pasmados dos caboclos, punha-se a falar da religião do Christo, promettendo-lhes a redempção das almas e a delicia de uma vida eterna no seio de Deus.

Para baptisar, tinha alli perto as aguas limpidas do rio; de um ramo fazia o hyssope, de uma folha fazia a concha, e, á beira d'agua, como João Baptista, ia sagrando toda a tribu.

E, no meio da taba, erguia-se um cruzeiro; e tempos depois, quem seguisse o rastro do evangelizador, iria encontral-o entre os indios, cercado de creanças, já familiar com a lingua da tribu, explicando a religião, e ensinando o cultivo da terra e o fabrico dos utensis aos barbaros.

Muitos, penetrando a floresta, d'ella não mais tornavam, — ou sorprehendidos pelo salto do jaguar, ou esmagados pelos élos da sucury, ou abatidos pela tangapema do indio. Outros descoroçoariam; mas os missionarios, cheios de zelo reli-

gioso, iam por diante, caminhavam para o sacrificio contentes, seguindo a trilha aberta pelos primeiros, internavam-se, mais seguros do martyrio que da victoria, convencidos, porém, de que cumpriam uma missão apostolica.

AS MISSÕES

Data do estabelecimento do governo geral da Bahia a entrada dos jesuitas no Brazil.

Nobrega vem com Thomé de Souza em 1549, e em 1553 chega Anchieta com Duarte da Costa.

O primeiro collegio jesuitico foi installado em Piratininga, S. Paulo, começando desde logo a catechese dos indios. D'ahi partiram as missões, espalhando-se por todo o Brazil.

Nobrega e Anchieta ficaram em S. Paulo, capital das missões; a Navarro coube Porto Seguro, a Affonso Braz e Simão Gonçalves o Espirito Santo. Estudando o tupi, faziam-se entender pelos indios, e

explicavam-lhes os mysterios da religião christã, humanizando-os.

Fundavam aldeias; e, deslumbrando os indigenas com o apparato das procissões, e seduzindo-os, magnetisando-os com a musica e o canto, ganhavam ascendencia sobre elles, e tiravam partido d'esse dominio, aproveitando-os no trabalho; e porque attrahiam quantos d'elles se approximavam, entraram a murmurar os colonos contra as seducções dos frades, que lhes tomavam os melhores homens, deixando-os depauperados para a luta com a terra semeada e fertil.

Se, as mais das vezes, a victoria sobre as almas barbaras era docemente conseguida apenas com a palavra e com o deslumbramento, não raro lançavam mão de meios violentos para conter o furor do indio e castigo era infligido publicamente para que aproveitasse como exemplo. Apezar do seu piedoso sentimento, missionarios não recuaram ante a escravisação do selvagem, de sorte que, se por um lado praticavam a lei de Christo á beira das aguas, baptisando o gentio, infringiam-n'a por outro roubando-lhe a liberdade.

D'esses primeiros jesuitas, que vieram ao Brazil, aquelle que mais luminoso traço deixou da sua passagem por estas terras, foi José de Anchieta, poeta suave, cuja figura Fagundes Varella immortalisou num lindo poema (*).

(*) O *Evangelho nas Selvas.*

VILLEGAIGNON

Clara manhã de sol. Novembro. Solto todo o panno ao vento, entram a barra os dois grandes navios, em que os sectarios de uma nova religião, fugindo ás perseguições, vêm procurar no continente novo um abrigo. Na amurada de cada uma das náus empilha-se a multidão.

Longa foi a viagem. Villegaignon, cavalleiro de Malta e vice-almirante da Bretanha, querendo fundar no Brazil uma colonia, que servisse de asylo aos Calvinistas, obteve protecção do rei de França, e partiu do Havre, commandando os dois navios. Mas as tempestades lhe retardaram a viagem. As náus arribaram avariadas a Dieppe, e só a custo proseguiram na sua marcha para a America...

Clara manhã de sol. Aos avidos olhos dos que chegam, abre-se, vivamente illuminada, como um seio generoso, a bahia esplendida. Brilham as aguas. Serras azues, acastelladas umas sobre as outras, fugindo para a extrema do horizonte, perdidas por fim em vagas neblinas que alvejam, fecham a paizagem. Nas praias, para além da linha branca, de prata, em que as aguas do mar se franjam, espumando sobre a areia, cresce a vegetação de um verde claro, em massas compactas, de cujo seio se veem romper, coroados de leques tremulos, os caules dos coqueiros. Ha no céo azul, no mar que o vento arrufa, naquellas folhas verdes que parecem acenar de longe, desejando a boa-vinda aos viajantes, naquellas ilhas de esmeralda que se levantam do seio da agua, em toda a serena paizagem, a promessa de uma felicidade sem fim, de um futuro risonho, de uma tranquillidade inalteravel, vida nova, em nova terra, debaixo de novo firmamento, longe das guerras fanaticas que ensanguentam a Europa...

Os dois navios passam o canal. Agora toda a bahia, num circulo immenso, des-

dobra-se á vista do almirante Villegaignon, que, de pé, á proa, armado e sereno, já traz a cabeça povoada de grandes projectos: a fundação de uma forte cidade, que perpetúe o nome do rei Henrique, e, depois, todo o Brazil conquistado, para gloria da França e da religião de Calvino...

Os navios avançam. Todos os olhos sorvem soffregamente a luz d'aquellas paragens nunca vistas; todos os peitos se dilatam, sorvendo aquelle ar de um mundo nunca imaginado; todas as almas se enchem da mesma consoladora esperança e ardem na mesma ambição...

E, á luz do sol brazileiro, na infinita solidão das aguas desertas, os calvinistas entoam um cantico religioso, antes do desembarque.

CUNHAMBEBE

Era Cunhambebe alto e membrudo. O viajante Thevet, que o viu, diz que não era possivel supportar muito tempo o brilho dos seus olhos. O grande *Morubixaba* tinha um aspeco que impunha o respeito e infundia o terror.

Quando, dentro da grande praça da *ocára,* Cunhambebe presidia uma assembléa de chefes, o seu vulto formidando se destacava de entre os vultos dos outros: assim na matta a figura colossal de um velho jequetibá domina todas as outras arvores.

Tinha o rosto e o peito coberto de cicatrizes, que eram a historia viva dos combates sem conta em que entrara. E elle mesmo dizia que, em toda a sua vida, já tinha provado a carne de dez mil inimigos....

Trazia no labio inferior um grosso pedaço de páu; e nas suas orelhas balançavam-se enormes arrecadas. Cingindo o pescoço, tinha um largo collar de buzios. Quando o seu cocar apparecia, todos os outros cocares se curvavam...

Porque Cunhambebe era o chefe dos chefes. Todos os *morubixabas* das tribus que povoavam o littoral, desde Cabo Frio até Bertioga, prestavam obediencia a esse homem temido, de quem, nos combates, partia o primeiro acto de bravura, e de quem, na paz, partia o primeiro conselho sensato.

Não tinham numero as suas canoas de guerra. Finas e ligeiras, agilmente impellidas pelos remos fortes, essas *igáras* percorriam a costa, assaltando as colonias, e não receiando dar batalha ás grande caravellas européas. Muitas vezes, uma d'essas grandes náus artilhadas e poderosas se viu de repente cercada de um turbilhão de canoas. E essas embarcações pequeninas, atacando a embarcação formidavel, que vomitava nuvens de fogo e ferro pela bocca da sua artilharia, eram como gaivotas em torno de uma grande baleia. Muitas vezes, tambem, ao romper da alva,

as colonias de S. Vicente e Santos viam o mar coalhado de *igáras*. Cunhambebe desembarcava com os seus guerreiros, saqueava os estabelecimentos, retirava-se, carregado de despojos, e ia recolher a sua ligeira e terrivel marinha nos reconcavos, que demoram entre Angra dos Reis e a Ilha de S. Sebastião.

Mas não era cruel o grande chefe, que de tão absoluto poder dispunha. Mais orgulhoso que máu, costumava dar liberdade aos prisioneiros só para que elles fossem contar ao estrangeiro o prodigio da sua força e a supremacia do seu nome. Só elle, com a sua gente, demorou por muitissimos annos a colonisação d'esta parte do littoral. Nunca talvez tiveram os colonisadores peior inimigo. Foi Cunhambebe quem, para fazer mal aos portuguezes, apoiou os francezes na bahia do Rio de Janeiro. E para vencel-o, foi mister que contra os seus exercitos se colligassem, unidas aos exercitos de Mem de Sá, as tribus que temiam e invejavam o heroico *morubixaba*.

O littoral do sul do Brazil guarda, em cada uma das suas angras, uma recordação de Cunhambebe. O nome do heroe,

que atrazou a colonisação d'esta parte do Brazil, merece, apezar d'isso, ser lembrado, — porque Cunhambebe defendia com bravura os privilegios da sua raça, — e a bravura é sempre digna de admiração.

OS AYMORÉS

De onde vinham estes, tão selvagens, que os proprios selvagens, aterrados, fugiam d'elles? Quando, como uma avalanche humana, cahiram sobre Porto Seguro, um terror panico se apoderou dos colonos portuguezes e dos indios alliados... Eram grandes e feios. Falavam uma lingua desconhecida no littoral, e os seus costumes, diversos dos costumes das outras tribus, eram de uma ferocidade espantosa.

Não praticavam a agricultura: nunca nenhum dos seus, curvado sobre a terra, quizera perder o tempo a exploral-a. Sabiam apenas combater. Cahiam sobre o

inimigo, em massas compactas, uivando, com gritos de guerra, gutturaes e asperos, mais de feras do que de homens. Não construiam tabas, não conheciam o uso da rede: viviam, aos magotes, ao ar livre, dormiam no chão, sobre molhos de hervas. E a sua vida era nomada: davam combate ás tribus que encontravam, e, quando venciam (o que quasi sempre acontecia, porque só o seu feio aspecto punha nas almas um grande medo), eram sem piedade para os vencidos: comiam-n'os vivos, — não só por espirito de vingança, como porque, sobre todos os alimentos, amavam a carne humana.

De onde vinham estes, tão selvagens, que os proprios selvagens, aterrados, fugiam d'elles? Vinham dos sertões do centro. A prosperidade das colonias attrahira a sua cobiça e excitára o seu furor. Por varias vezes, o valor dos colonos da capitania de Jorge de Figueiredo Corrêa (cincoenta legoas que se mediam de Porto Seguro á Bahia de Todos os Santos) conseguira conter e rechaçar essa torrente tumultuosa de homens, que, por onde passavam, iam deixando a destrui-

ção e o pavor. Mas a avalanche só recuava para d'ahi a pouco voltar com impetuosidade maior.

E, no dia em que a sizania começou a lavrar entre os colonos, os Aymorés desceram em massa e destruiram todos os estabelecimentos...

S. SEBASTIÃO

Cedo lavrára a discordia na colonia que o almirante Villegaignon tinha fundado, na ilha que ainda hoje tem o seu nome. A principio, tiveram os colonos de soffrer privações de toda a especie, emquanto esperavam reforços. Depois da chegada d'esses reforços, trazidos por tres náus que Bois-le-Comte commandava, foi Villegaignon obrigado a retirar-se para Europa. Sómente cinco annos depois da chegada da expedição franceza, se resolveu a metropole a combater os invasores. Deu-lhes combate Mem de Sá, assaltando o forte Coligny, e obrigando os seus defensores a se refugiarem no littoral, onde, em 1565, veiu o grande Estacio de Sá encontral-os, de novo fortificados e vivamente auxiliados pelos indios.

Na faixa de terra que demora ao pé do Pão de Assucar, lançou Estacio de Sá as bases da cidade. Mas depois, Mem de Sá transferiu a povoação para junto do morro do Castello. Nucleo gerador de uma das mais bellas cidades da terra, aquelle pequeno agrupamento de casas toscas, feitas de hastes de madeira, cobertas de palha, á moda do gentio, — foi o berço da nossa capital. D'alli transbordando, crescendo pelo littoral, galgando o morro do Castello, desdobrando-se, multiplicando-se em casas com o correr do tempo, nasceu a cidade heroica, que, numa vida de mais de tres seculos, tem servido de abrigo generoso e amavel a quantos a procuram. Porto aberto á emigração de todo o mundo, a grande filha de Estacio de Sá, que tem atravessado tantos soffrimentos, tem sabido unir a bravura á bondade, repellindo os que a affrontam, e amando os que a amam. E dentro d'ella, no coração de cada um dos seus filhos, vive perpetua a memoria do grande Fundador, que, com o seu sangue de guerreiro illustre, foi o primeiro a regar o solo da povoação que nascia.

Fundação da Cidade do Rio de Janeiro. (Quadro de F. Monteiro.)

ESTACIO DE SÁ

Foi no dia de S. Sebastião, padroeiro da sua cidade, que o grande Estacio de Sá recebeu, em combate, o ferimento que o devia matar.

Os francezes e os indios, seus alliados, estavam fortificados em dois pontos da bahia. Um era o forte de Urúçúmirim, no fim da praia do Flamengo: tinha sido construido por Bois-le-Comte. O outro era a ilha de Maracaiá, que hoje tem o nome de ilha do Governador.

O dia 20 de Janeiro amanhecera lindo. O sol rutilava sobre toda a bahia. Mem e Estacio atacaram o forte de Urúçúmirim, que pouco resistiu. Os francezes, admiravelmente servidos pelos indios, utilisando-se das suas ligeiras canôas de guerra,

passaram-se para a ilha, onde se concentraram, esperando o assalto.

Por todo o dia, as serras de em torno echoaram o medonho fragor da batalha. Estalavam as descargas da mosquetaria; os pesados canhões troavam sem cessar; silvavam as fréchas certeiras; e, sobre todo este clamor guerreiro, elevava-se, mais forte o clamor dos urros dos indios. O combate, travado por fim á arma branca, terminou pelo desbarato completo dos francezes. Mas, no mais acceso da refréga, Estacio de Sá, que se batera sempre com uma bravura irreflectida, recebeu no rosto uma setta.

Déra elle por armas á cidade um molho de settas, — recordação das armas com que fora martyrisado S. Sebastião. Tambem uma setta tinha de matar o fundador do Rio de Janeiro.

Penou ainda dois dias o heroe. No dia 22 cerrou os olhos á luz da vida. E, antes de os cerrar, o seu olhar derradeiro foi dado á esplendida bahia, theatro da sua gloria e berço da sua fama.

A HOLLANDA

Ha na Europa um pedaço de terra, habitada por uma raça independente, sóbria, pertinaz, laboriosa, que pode servir, pelo muito que tem obtido á custa do seu esforço, de exemplo e de incentivo aos povos que, como o nosso, agora apenas começam a formar-se. E' a Hollanda.

O solo é inteiramente plano, cortado de canaes, por onde entra a agua do mar. Por esses canaes, velejando, passam as barcas que atravessam quasi todo o paiz, levando de extremo a extremo d'elle a agitação do commercio.

Ao contrario de todos os outros paizes, quem fez a Hollanda não foi a Natureza: foi o homem. Um velho adagio do paiz

declara que Deus fez o mundo, e o hollandez fez a Hollanda. Em primeiro logar, antigamente, nessa parte da terra, os rios transbordavam periodicamente e inundavam o solo; em segundo logar, a terra era constantemente invadida pela agua do mar. Mas os hollandezes, construindo diques, que são prodigios de engenharia, e dissecando o solo, fizeram d'essa zona inhabitavel um territorio fertil, em que floresce hoje uma opulenta lavoura. Convém notar que esse trabalho não é dos que, uma vez feitos, permanecem definitivos e eternos; de dia em dia, o mar forceja por ganhar de novo o dominio perdido, e avança e roe as pedras dos diques, e abala-as, e desloca-as: de maneira que os filhos d'aquella ingrata região são obrigados a não descançar um minuto na luta que lhes impõem as aguas, — suas inimigas naturaes e implacaveis.

Isso é a terra, o paiz. A raça é uma das mais admiraveis do globo. A actual nacionalidade hollandeza é oriunda de uma luta gloriosa. Felippe II, que reinou sobre Hespanha e Portugal, tinha herdado de Carlos V, a Hollanda, que era um simples condado. Foi contra Felippe II, que inau-

gurou um governo oppressor e cruel, — que a Hollanda se revoltou, empenhando-se numa guerra terrivel, em favor da sua liberdade suffocada. Ao cabo de longos annos, durante os quaes os hollandezes, sem um momento de desanimo, supportaram todos os revezes, Felippe III, que succedera a Felippe II, foi forçado a ceder diante da bravura indomavel d'aquella gente. Conta-se que, depois de derrotados os hespanhoes, em Leyde, toda a população, tendo á sua frente Guilherme de Orange, o *Taciturno,* (que fora o grande heroe da sobrehumana luta), se dirigiu á cathedral, e, ahi, de joelhos, entoou um hymno em acção de graças. Mas, apenas tinham soado os primeiros compassos do hymno, o choro embargou a voz dos que cantavam. Aquelle povo longo tempo humilhado pela Hespanha, aquelle povo dizimado pela guerra, aquelle povo que soffrera fome e peste por amor da liberdade, — chorava, agradecendo ao céo o seu primeiro dia de independencia e de felicidade.

Livre dos oppressores, a Hollanda não dormiu sobre a victoria. Animada de uma actividade febril, começou a cuidar da

sua terra. Dentro em poucos annos, o solo estava secco, o mar estava dominado, a lavoura prosperava, e a marinha hollandeza, uma das mais fortes do mundo, cobria os mares, e era o terror das outras nações.

Era com essa nação prodigiosa que a Hespanha e Portugal tinham de lutar, por causa das riquezas do novo continente. E o Brazil tinha de ser o theatro d'essa luta gigantesca, que durou trinta annos, — largo periodo em que o solo da nossa patria foi ensanguentado por batalhas sem conta.

A COMPANHIA DAS INDIAS

Ainda hoje, do velho mundo, os olhos avidos do estrangeiro se estendem com ancia e inveja para esta larga e riquissima porção da Terra. O Brazil já não é aquelle paiz fabuloso que a imaginação dos viajantes representava abrindo o seio em avalanches de ouro, e rolando, no curso dos seus rios, cascatas de pedras preciosas. Mas é ainda o paiz abençoado, cujo solo, ao primeiro carinho do homem, ao primeiro golpe de enxada e de arado, offerece logo, infinitamente reproduzidas e transformadas em riquezas, as gottas de suor que recebe.

Nação nova, ambiciosa, atrevida, a Hollanda cobiçava os thesouros que a Hespanha, então dominadora de Portugal e do Brazil, d'aqui levava, a bordo dos seus

galeões artilhados. E, logo, o proposito de conquistar as minas e o commercio da grande colonia, a levou a tentar uma empresa, que, depois de trinta annos de sangue, pouco havia por fim de lhe render. Duas fortes companhias de navegação se fundaram na patria de Guilherme *o Taciturno*: a primeira, *Companhia das Indias Orientaes* era destinada a atacar os dominios da Hespanha na Asia; outra, *Companhia das Indias Occidentaes* tinha de vir operar na America.

Esta ultima companhia teve, desde o começo, una organisação admiravel. Era presidida por um Conselho de dezenove membros, e dispunha de grandes sommas de dinheiro, porque ninguem duvidava empregar capitaes numa empreza, que devia remunerar, com lucros fantasticos. os sacrificios que se lhe fizessem. Tomou conta do commando supremo da grande esquadra, que devia vir conquistar o Brazil, o almirante Jacob Willekens, que tinha sob as suas ordens, como vice-almirante, Pieter Heyen. E ficou assentado que Johan van Dorth seria o governador dos paizes subjugados. A esquadra, que se compunha de vinte e tres navios e tres

hiates, conduzindo tres mil e trezentos homens, veio ancorar na bahia de Todos os Santos, no dia 8 de Maio de 1624.

Iam começar as famosas *Guerras Hollandezas.* A Hespanha, senhora do Brazil, se bem que estivesse avisada da expedição, dormia, indolente e incauta. E foram sobretudo os naturaes do Brazil que o salvaram, impedindo a sua separação do seio da nobre raça latina.

A PRIMEIRA GUERRA

A Capitania da Bahia, que fora doada a Francisco Coutinho, pertencia agora á Corôa Hespanhola. Desenvolvera-se muito. Tinha uma população de dezeseis mil almas. O seu littoral era constantemente cruzado por navios; trinta e seis fazendas de assucar trabalhavam dentro d'ella; e, sobre o seu solo, já se haviam construido quarenta egrejas catholicas, — quando a esquadra hollandeza appareceu diante d'ella. Prevenido a tempo, esperando o ataque, o governador chamara em soccorro da capital os colonos que labutavam nos reconcavos e no interior. Ficaram, armados, á espera do inimigo.

Mas o inimigo tardava. As lavouras abandonadas soffriam desastres grandes. Aquella gente, de habitos simples e pacificos, amava apenas a calma vida da lavoura sem os sobresaltos da guerra, sem as aventuras da gloria, que a não tentavam. Além d'isso, a actividade constante dos trabalhos da róça, os dias passados, do clarear ao escurecer, na faina agitada e alegre das plantações, das colheitas e das moagens, com os pulmões tonificados pelo ar livre do campo e os musculos desenvolvidos pelo exercicio continuo,—não a tinham educado nem preparado para aquella vida de immobilidade, de attenção passiva, de ancia medrosa, de susto, á espera de um inimigo que não chegava nunca. Pouco a pouco, todos os colonos foram desertando a cidade: felizes, sacudiram o fardo pesado d'aquella obrigação, e voltavam, aos magotes, para as suas terras queridas, convencidos de serem sem fundamentos os receios do governador. Este, no dia em que a esquadra entrou a barra, tinha sómente, ao seu lado, pouco mais de mil soldados sem disciplina, e sem grande interesse na defesa da cidade.

Não houve combate. A cidade rendeu-se logo. O proprio governador entregou-se sem resistencia. E, no mesmo dia, a bandeira hollandeza fluctuou sobre a Capitania.

Não havia, porém, de ser de longa duração o dominio das armas da Hollanda. Johan van Dorth, confiando demais na sua facil victoria, deixou que pouco a pouco se retirassem para a patria os navios que commandava. Pouco depois, morreu em duello. Os seus successores desmoralisaram-se.

No interior, os colonos tomavam armas. D. Marcos Teixeira, bispo da Bahia, que, a principio, tambem não acreditára na imminencia do perigo, era o primeiro agora a dar o exemplo da calma e da coragem, na organisação do projectado assalto da cidade. Cauteloso, bravo, conhecedor dos ardis da guerra, despindo as vestes sacerdotaes, vestiu armas e commandou os improvisados exercitos, que puzeram sitio á cidade do Salvador.

Ao mesmo tempo, uma esquadra hespanhola cercava pelo lado do mar os hollandezes. As duas forças concertadas apertaram num circulo de ferro os usur-

padores. Bastou um mez de cêrco para que elles capitulassem, entregando armas, navios e riquezas.

E de novo, nos mesmos pontos em que, durante mezes, se haviam desdobrado as bandeiras da Hollanda, se desdobraram as bandeiras de Hespanha e Portugal.

CAMARÃO

O indio Poty nascera no Ceará, nessa bella terra infeliz, que as seccas periodicas abrazam, e que tem dado á Patria Brazileira tantos exemplos de bondade, de bravura, de modestia na felicidade e de resignação no martyrio. Nascido naquellas florestas virgens, Poty, aggregado depois aos habitantes brancos, pouco a pouco se civilisára. Defendendo a terra brazileira do ataque hollandez, não defendia a possessão portugueza ou hespanhola: defendia a terra do seu amor e do seu berço, e defendia aquelles que lhe haviam dado, com a civilisação, o sentimento de patria, a consciencia do seu valor moral de homem.

Para o estado de homem civilisado trouxera as fortes e boas qualidades de sua raça: a compleição robusta e resistente á fadiga; a alma inaccessivel ao medo; o amor da hospitalidade; a audacia; a desconfiança; a astucia; a impavidez diante do supplicio e da morte; a independencia de caracter; o faro desenvolvido, que lhe permittia presentir a grandes distancias a approximação do inimigo; os olhos perspicuos, dotados de um poder visual extraordinario; o ouvido apuradissimo, capaz de apprehender e distinguir de longe os mais fracos rumores; e, sobretudo, esse admiravel instincto, com o auxilio do qual os selvagens, perdidos, depois de mil caminhadas e rodeios complicados, conseguem maravilhosamente orientar-se, dentro da floresta mais cerrada.

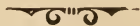
Possuidor de tão preciosas qualidades, apuradas e accrescentadas pelas qualidades novas que lhe déra a civilisação, conhecedor das armas européas, educado pelos soldados portuguezes na arte da guerra, — o indio Poty, que depois do baptismo se ficou chamando Antonio Felippe Camarão, foi talvez o mais encarni-

çado inimigo que os hollandezes tiveram, durante a segunda longa e sanguinaria guerra.

Os marinheiros da Hollanda tinham já, por mais duas vezes, atacado o littoral da Bahia, saqueando portos e aprisionando navios, quando uma esquadra sua, de mais de setenta navios, rompeu fogo contra Olinda, na capitania de Pernambuco. Ao mesmo tempo, a quatro legoas da povoação, desembarcavam tres mil hollandezes, commandados por Weerdenburch, e marchavam sobre ella. A perda de Olinda e Recife não se fizeram esperar: a capitania estava desapercebida de recursos bellicos. Mas os Pernambucanos não desanimaram. Emquanto Mathias de Albuquerque se fortificava, entre Olinda e Recife, no arraial do Bom Jesus, — Camarão organisava as suas famosas *companhias de emboscada,* que impediam as communicações entre as cidades tomadas pelos hollandezes.

Joelho em terra, mosquete em punho, ouvido alérta ao menor barulho, escondida pela vegetação dos mattos, a gente de Poty, contendo a respiração, esperava, horas inteiras, o inimigo. Ninguem ima-

ginava que dentro d'aquellas moitas immoveis e calmas estavam punhados de homens decididos a morrer ou a vencer, — tão silenciosos, tão quietos, tão serenos como as mesmas arvores que os cercavam. Passavam as horas... De repente, o inimigo chegava. Já ao longe, o ouvido agudo do indio lhe adivinhava a chegada e lhe contava os passos descuidados. Desprevenidos os hollandezes avançavam. De repente, estacavam, envolvidos numa nuvem de fogo. De cada grupo de arvores partia um tiro ou uma frecha. Parecia que era o proprio matto quem despejava sobre elles a morte e o medo.

Mais de uma vez, assim, Poty, o bravo Antonio Felippe Camarão, fez recuar a gente hollandeza, que, superior em força e em numero, não podia resistir a essa guerra implacavel e mysteriosa, cujos ataques partiam do desconhecido, da sombra, do invisivel.

CALABAR

Longa ia a luta, — longa e feroz. Chegavam sempre reforços da Hollanda, e toda a capitania de Pernambuco estava conflagrada. Em terra e no mar travavam-se combates que não asseguravam uma victoria definitiva a nenhuma das nações em guerra. As armas hollandezas encontravam uma resistencia inesperada. Mas, um dia, toda a face da guerra foi modificada pela influencia de um só homem.

Domingos Fernandes Calabar, brazileiro intrepido, que até então prestara os maiores serviços ás armas portuguezas, passou-se de repente para os arraiaes hollandezes. Com elle, passou-se para esses arraiaes a victoria. Calabar conhecia os campos, as fortificações, o modo de combater, e os planos dos defensores de Per-

nambuco. As suas informações guiavam os chefes invasores, que puderam assim ganhar um terreno consideravel.

Que motivos teriam levado Calabar a esse acto, em torno do qual ainda hoje se chocam opiniões diversas? Ninguem sabe que movimento irresistivel de alma impelliu esse homem bravo a ir dar a uma raça estranha o apoio do seu braço. Se crime houve, o castigo não se fez esperar.

Mathias de Albuquerque, que commandava as forças da metropole, soffrendo derrotas consecutivas, perdendo todos os pontos que occupava, foi forçado a retirar-se para Alagôas. Com elle retirava-se o povo. Immensa multidão emprehendia a emigração desesperada, a fuga angustiosa, por caminhos pessimos, levando creanças e mulheres, expostas aos azares das emboscadas e á fome.

Somente quinhentos soldados acompanhavam a Albuquerque. Em Porto Calvo estava Calabar com uma pequena força. Houve um combate rapido e decisivo. Calabar, derrotado e aprisionado, foi enforcado alli mesmo, em Porto Calvo que lhe fora berço.

GUARARAPES

Havia 25 annos que os hollandezes estavam no Brazil; havia 25 annos que durava essa luta implacavel. Durante esse largo periodo, houve epochas em que, vencedores, os invasores se haviam considerado senhores de facto do territorio; mas, logo, ou chegavam tropas da metropole, ou, depois de uma conspiração patriotica, o povo se levantava como um só homem; e a guerra continuava; e a victoria favorecia ora um, ora outro campo, sem que uma batalha decisiva viesse pôr um termo definitivo á pendencia.

Em 19 de Fevereiro de 1649, estava o Recife sitiado pelos libertadores. Dentro eram os hollandezes commandados pelo coronel Van den Brinck, que, vendo aper-

tar-se cada vez mais o cerco, decidiu-se a tentar a sorte das armas em um combate campal. Deu-se esse combate ao pé dos montes Guararapes, situados a tres legoas do Recife.

No anno anterior, já alli tinha sido ferida a primeira batalha dos Guararapes, da qual sahiram vencidos os hollandezes, commandados por Segismundo von Schkoppe, tendo perdido quatrocentos e tantos soldados e dezesete bandeiras. Mas a segunda batalha dos Guararapes ainda tinha de ser mais fatal ás armas da Hollanda.

Ao amanhecer do dia 19, os dois exercitos se contemplaram, dominando duas alturas que se enfrentavam. O coronel Van den Brinck commandava tres mil e quinhentos homens. (*) Compunha-se o exercito pernambucano de dois mil e seiscentos soldados. Até o meio dia, os dois exercitos se prepararam. Dispunha-se a artilharia, adarvavam-se as trincheiras, estendiam-se as alas da infantaria. Em torno, a natureza dos montes Guararapes fulgurava, magnifica e pujante, viva-

---

(*) Warden diz 5.000 homens.

Batalha de Guararapes. (Quadro de Victor Meirelles.)

mente batida de um claro sol de verão. Entre os dois campos, cavava-se um pequeno valle. E, ultimados os preperativos, um silencio profundo reinou, apenas cortado pelo estrondo das torrentes volumosas que naquelle logar se despenham dos montes, cujo nome de Guararapes vem justamente do barulho d'essas aguas impetuosas (*).

Ao meio dia, começou o fogo, de parte a parte. De parte a parte se operaram prodigios de bravura. Os dois exercitos comprehendiam bem que d'aquelle encontro dependia tudo. Naquelle estreito espaço do territorio brazileiro, estava sendo jogada a sorte da nossa nacionalidade. Uma victoria estrondosa da Hollanda dar-lhe-ia força e prestigio para talvez plantar definitivamente o seu dominio no Brazil. Essas seis horas que durou a segunda batalha dos Guararapes encerraram, sem duvida, a nossa maior crise historica.

(*) "Guararapes, na lingua do gentio, é o mesmo que estrondo ou estrepito, que causam os instrumentos de golpe, como sino, tambor, atabale e outros; e o rumor que fazem as aguas, pelas roturas e concavidades dos montes, lhes deu o nome de Guararapes". *Castrioto lusitano*, por Fr. Raphael de Jesus. 1679.

Ao anoitecer, depois de um tremendo choque á arma branca, o desbarato dos Hollandezes era completo. Em meio do combate morrera o coronel Van den Brinck. Quando a noite cahiu de todo, o seu exercito abandonou o campo, deixando nelle novecentos e cincoenta e sete mortos, cem prisioneiros, dez bandeiras e toda a artilharia. Os pernambucanos só tinham perdido quarenta e cinco homens. Entre os feridos contava-se o bravo Henrique Dias, o heroico negro brazileiro, que D. João IV, então rei de Portugal, ingratamente esqueceu na distribuição de empregos e de graças com que remunerou os esforços dos libertadores.

De 1649 a 1654, não puderam mais os hollandezes reconquistar as posições perdidas. A Inglatera declarára guerra á Hollanda: instituira-se em Portugal a Companhia Geral do Commercio do Brazil, destinada a tornar effectiva a expulsão dos hollandezes. A 26 de Janeiro de 1654, assignou-se na campina de Taborda, diante do forte das Cinco Pontas, o tratado de paz, segundo o qual a Hollanda entregava todas as praças que oc-

cupára, com toda a artilharia e munições que nellas houvesse.

Tinham terminado as guerras hollandezas. O destino do Brazil estava decidido. A Patria estava definitivamente incorporada á grande communhão da raça latina.

DUGUAY-TROUIN

A França não desanimára de poder ter um dia, como possessão sua, a magnifica bahia do Rio de Janeiro. Em 1710, Duclerc, official da marinha franceza, desembarcára em Guaratiba uma força de mil soldados, e viera atacar a cidade. O governador, amedrontado, perdera tempo. Mas um grupo de moços estudantes, ao mando de Amaral Gurgel, resistira aos invasores e derrotára-os.

No anno seguinte, a França, sob o pretexto de vingar a morte de Duclerc que fora assassinado, mandou Duguay-Trouin, á frente de uma esquadra poderosa, assaltar o Rio de Janeiro.

A cidade resistira ao primeiro ataque, com uma bravura inexcedivel. Mas agora a luta ia ser terrivelmente desigual. A

esquadra de Duguay-Trouin, que partiu de La Rochelle, compunha-se de dezesete fragatas de guerra, que traziam cinco mil e setecentos homens. As fortificações do porto do Rio de Janeiro eram insufficientes; o governador Castro de Moraes era um timido, um homem sem iniciativa, que a imminencia do perigo perturbava. O povo não era aguerrido: era uma gente laboriosa e modesta, que só tratava de aperfeiçoar a sua cidade. E a cidade, que desde o tempo de Mem de Sá se desenvolvera sem cessar, era agora opulenta, cheia de templos em que grandes thesouros se accumulavam, coberta de ricas habitações particulares, e cercada de innumeras chacaras e quintas.

A victoria de Duguay-Trouin não foi difficil. A cidade, bombardeiada, não resistiu por longo tempo. No dia 22 de Setembro os francezes estavam senhores do Rio de Janeiro. Arrombadas as portas das casas, todas as riquezas dos particulares foram saqueadas. As preciosas alfaias das egrejas, os thesouros de ouro, prata e pedras preciosas que a piedade alli accumulara, foram carregados para bordo dos navios de França. E ainda Du-

guay-Trouin obrigou a cidade a pagar, para o seu resgate, seiscentos e dez mil cruzados em dinheiro, cem caixas de assucar e duzentos bois.

Quando o governador Castro de Moraes se submetteu á vergonhosa imposição d'essa contribuição de guerra, Antonio de Albuquerque chegava de Minas com um reforço poderoso para auxiliar o Rio de Janeiro. Mas, o desastre estava consummado. Duguay-Trouin retirava-se da bahia com a sua esquadra victoriosa, e a futura capital do Brazil, resignada, se dispunha a recuperar pelo trabalho os bens perdidos.

OS PAULISTAS

Já toda a costa do Brazil estava explorada e povoada. Mas as principaes, as maiores riquezas jaziam desconhecidas no coração da grande terra, nos sertões invios, que apenas o gentio percorria. Foi da cubiça e da ambição que se originou o descobrimento das vastas jazidas de ouro e de pedras preciosas que dormiam no centro do Brazil.

Ao norte, as guerras com a Hollanda tinham obrigado os portuguezes a se embrenharem pelo interior do paiz, em evoluções de campanha. Mas, no sul, foi a caça dos indios que abriu o caminho dos sertões.

A antiga capitania de S. Vicente pros-

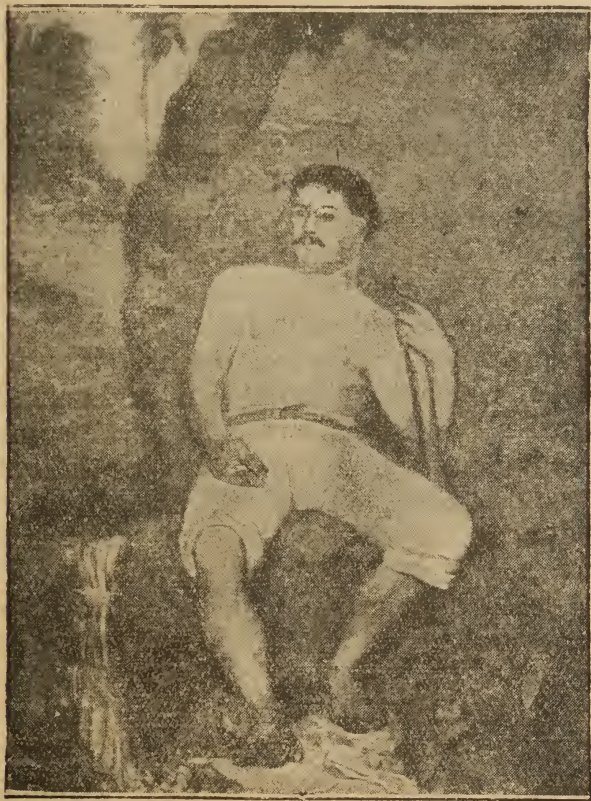
Os bandeirantes. (Quadro de Bernardelli.)

perara. Nas villas de S. Vicente e S. Paulo tinha-se formado um povo forte e atrevido, já brazileiro, creado ao ar livre, fadado pela sua robustez e pela sua natural bravura a grandes commettimentos. O commercio de carne humana era rendosissimo. Os indios, aprisionados, eram vendidos a peso de ouro.

Os sertanejos paulistas, no empenho de captivar selvagens, reuniam-se em grupos armados, e penetravam as florestas, sob as ordens de um chefe. A principio, muitos d'esses bandos ficavam para sempre sepultados nas regiões devassadas, ou comidos pelos selvagens, ou dizimados pelas enfermidades e pelas privações. Mas outros bandos vinham logo depois.

Foi provavelmente durante essas correrias, que se descobriram as riquezas, cujo goso estava até ahi vedado ao homem pela terra. Então, maior a febre da ambição se accendeu nas intrepidas almas paulistas.

O perigo das caminhadas esfalfantes; a luta encarniçada contra as asperezas do solo; as inclemencias do clima; os dentes das féras e a ferocidade das tribus; o ar-

rojo d'essa aventura espantosa; a ancia

O derrubador. (Quadro de Almeida Junior.)

louca de accumular fortunas, exaltavam os sertanejos. O Brazil não teve mais se-

gredos para elles, e abriu-se, vencido e subjugado, diante d'esses homens, que, pequenos e fracos, desafiavam, com uma tenacidade heroica, a hostilidade da natureza bravia.

O chefe da *bandeira* era senhor absoluto da sua gente. Todos lhe prestavam obediencia, e atiravam-se, a um aceno seu, sem hesitar, ás mais loucas empresas. Vestidos de couro, participando ao mesmo tempo da vida das féras, dos indios e dos homens civilisados, insensiveis á fome, ao cansaço e a todos os padecimentos, esses homens realisaram as mais admiraveis façanhas de que ha noticia na historia da Terra.

Dentro da natureza virgem que os cercava, os *bandeirantes* collocavam-se fóra da lei. Ninguem tinha poder sobre elles, naquelles recessos de mattas asperas, naquella grandeza magestosa de campos desertos. Tamanho chegou a ser, por vezes, o prestigio dos chefes de bandeiras, que os reis de Portugal se correspondiam directamente com elles, e d'elles recebiam respostas altivas, como de egual para egual. Tentaram debalde os jesuitas oppôr embaraços a essa ousadia. Bandeiras

armadas foram até as margens do Rio Paraná, e ahi, ás vistas das missões dos jesuitas, fizeram uma colheita de mais de quinze mil indios.

Agora, porém, já não era a carne humana que os bravos paulistas procuravam: era o ouro abundante que enchia as frinchas das serras e rolava no leito dos riachos.

A principio, percorreram toda a zona paulista. Desceram depois a Santa Catharina, avançaram até o Paraguay, devassaram todo o actual estado de Minas, entraram em Goyaz, chegaram ás cabeceiras do rio Tocantins... Fôra, de certo, em começo, um movel condemnavel o que os impellira a essas peregrinações; depois, com o descobrimento das minas, fôra ainda a ambição tambem pouco nobre do ganho que os levava a proseguir nessas tentativas arrojadas; mas, tão brilhantes foram os resultados d'essas expedições, tão grandes e tão bellas as conquistas que d'ellas nasceram, que a feialdade dos primitivos intuitos desapparece, dissipada por um vivo clarão de gloria. Aos bandeirantes se deve a exploração e a povoação do Brazil. E se mi-

lhares de indios pagaram com a liberdade e com a vida essa obra de civilisação, milhões de homens de uma nacionalidade, que talvez ainda venha a ser a mais forte da terra, estão hoje gosando a prosperidade, o bem estar, a fortuna e o conforto, que foram longamente preparados e cimentados pelos esforços dos perseguidores e pelas lagrimas dos perseguidos.

AMADOR BUENO

Quando o Papa Urbano VIII declarou que incorreriam em pena de excommunhão todos aquelles que captivassem e vendessem indios, havia em S. Paulo uma verdadeira agitação revolucionaria. Os jesuitas, que a sorte dos selvagens apiedava, procuravam por todos os meios impedir o vergonhoso trafico. Mas todos os interesses dos homens principaes da terra estavam ligados a esse commercio.

Ainda a maldade humana se não havia lembrado de iniciar o trafico negro: ainda os navios negreiros não iam á costa da Africa aprisionar os desgraçados filhos d'aquelle continente martyr. Dentro em breve iam os indios do Brazil ficar em descanço, porque outro commercio, igual-

mente infame, mas infinitamente mais rendoso, ia tentar os mercadores de carne humana...

Mas, por ora, ainda os escravos indios davam grandes lucros, no mercado da deshumanidade. E a gente principal de São Paulo vivia irritada pela opposição tenaz que os jesuitas faziam aos seus interesses.

Alem d'isso, na alma d'aquelle povo altivo, que tão grande parte, muitos annos mais tarde, devia tomar na grande obra da libertação da patria, havia já o desejo nobre de se libertar de um jugo que começava a pesar. Não era ainda uma ideia assentada e precisa de emancipação: era uma ideia vaga, uma ambição indecisa.

O povo do Rio de Janeiro, cujos interesses eram tambem feridos pelos effeitos d'aquella bulla pontificia, sahia a atacal-a. Em S. Paulo, a desordem rebentou violenta: e das duas grandes villas da capitania foram expulsos os jesuitas.

Foi então que chegou ao Brazil a noticia da revolução de Portugal. Sacudindo o jugo hespanhol, — a metropole acclamára D. João IV. Em todos os pontos do Brazil, a acclamação estava sendo confirmada. Em S. Paulo, foi ella o pretexto

para a explosão do descontentamento que surdamente lavrava.

Havia na villa um homem justo, que o povo adorava. Era Amador Bueno, que foi o chefe de uma nobre familia que ainda hoje existe, carregada de serviços á patria. Das povoações das visinhanças correu grande multidão que, juntando-se ao povo de S. Paulo, dirigiu-se á casa de Amador Bueno. Quando este appareceu, rompeu de todas as boccas este mesmo grito: "Viva nosso rei, Amador Bueno!" E, logo depois, um grande silencio reinou. O illustre paulista, tambem em silencio, contemplava aquelle vasto mar humano, que tumultuava em torno de si.

Via bem Amador que bastava um gesto seu para impellir aos maiores excessos aquella gente.

Que occasião aquella para uma alma ambiciosa! Deixando-se acclamar, o paulista fecharia nas suas mãos um poder absoluto e supremo. Seria rei! rei do povo mais emprehendedor, mais rico, mais orgulhoso do Brazil: rei que, contando com a cega dedicação e a coragem nunca desmentida dos seus subditos, poderia lutar com vantagem contra a metropole, e fir-

mar inabalavelmente o seu throno...Mas a alma de Amador não era uma alma vulgar. Não viu apenas, na aventura, os lucros que poderiam surgir para a sua pessoa: viu mais alguma cousa, — viu o sangue que se derramaria, viu o horror da guerra civil, o trabalho parado, as familias em luto, a patria ferida. E convidou o povo a acclamar D. João IV.

Foi quasi victima do seu desinteresse. A multidão julgava quasi uma traição aquelle procedimento. Mas a eloquencia irresistivel, que os justos sabem ter nos grandes momentos historicos, poude acalmar o povo irritado.

Acclamou-se D. João IV, e Amador Bueno recolheu-se á sua obscura, mas nobilissima situação de patriota.

OS EMBOABAS

Largo e volumoso, rolando entre ribas de uma vegetação magnifica, o rio das Mortes corre, aqui sereno, quasi sem agitação nas aguas, alli borborinhando sobre rochedos que se cobrem de espuma, adiante despenhado em quedas altas... De dia, banha-o a luz violenta do sol, e as grandes arvores centenarias reflectem dentro d'elle as immensas copas ramalhudas, que sussurram longamente ao vento, como numa queixa continua. A' noite, ao luar, brilha a sua face como um espelho de prata viva. E, á hora em que as antas ariscas descem, para vir beber da sua agua, pelas escarpas cobertas de verdura, — as serenas estrellas miram-se nelle, do alto do céo socegado.

Mas, naquellas aguas que passam e não voltam, vive a recordação duas vezes secular de uma grande batalha. Quem passa por ellas, evoca a lembrança do terrivel anno de 1708, anno tragico, ensanguentado pelas discordias que a febre do ouro ateiara.

Em torno das minas de ouro de Sabará, batiam-se dois grandes bandos: um era de paulistas, ao mando de Domingos Monteiro; o outro, composto de estrangeiros *(emboabas)* obedecia a Manoel Nunes Vianna. Escaramuças diarias agitavam os dois campos. Quando, cansados de dar pequenos combates, os bandos rivaes, ardendo em odio, se chocaram, — durou a batalha de sol a sol. Por longas horas correu o sangue em cachões, sobre aquella terra fecunda e rica, disputada com egual ardor pelos dois exercitos. O rio, correndo e borborinhando, recebia os cadaveres dos que cahiam. E a mortandade foi tão grande, que aquellas aguas receberam a funebre denominação que ainda hoje possuem...

Largo e volumoso, entre ribas de uma vegetação magnifica, eil-o a correr, a correr, a correr, o rio soberano, tão sereno

hoje, como no dia em que, ás suas margens, troou o estridor da batalha deshumana. Miram-se nelle as estrellas, pairam sobre elle as aves, veem beber da sua agua tranquilla as antas ariscas, banha-o o sol, acaricia-o a claridade branda da lua; e em torno d'elle, a Natureza, moça perpetua, numa perpetua festa, abre-se em flores e fructos.

Mas, naquellas aguas que passam e não voltam, vive a recordação duas vezes secular d'aquelle dia de horror e de sangue...

A VOLTA DOS BANDEIRANTES

A batalha do rio das Mortes foi decidida em favor dos Paulistas. Os Emboabas, repellidos, juraram vingar-se. E, tendo fingido procurar uma reconciliação, illudiram os adversarios e, cahindo de surpresa sobre elles, lhes inflingiram uma derrota completa. Os bravos Paulistas, dizimados, tiveram de abandonar a luta.

Tinham-se exgottado, durante essa longa luta, as suas forças e os seus haveres. Longe do lar havia tanto tempo, os que restavam d'aquelle grande exercito acharam melhor voltar ás suas colonias, até que, depois do necessario repouso, novamente apercebidos de armas e recursos,

pudessem recomeçar a campanha. E foi então que se deu um episodio admiravel.

Em grupos abatidos e tristes, os Bandeirantes voltavam a S. Paulo.

Não era agora aquella caminhada alegre e febril, que a esperança e a ambição animavam. Os bandos numerosos e decididos, que haviam partido para a batalha e para a conquista do ouro, regressavam desfalcados, diminuidos, doentes, desanimados, cheios do desespero da derrota e da saudade do lar.

Quando as primeiras casas da villa appareceram, o primeiro sorriso appareceu tambem nos labios d'aquelles homens que tinham vindo até alli com a morte na alma. Emfim, alli estava a Patria, alli estava a familia, alli estava o amor... que importava o resto?

E os bravos corriam...

Viram, então, que todas as mulheres da villa, — as suas mães, as suas esposas, as suas filhas — já sabedoras da derrota, sahiam para recebel-os. Não vinham, porém, rindo e cantando, como das outras vezes em que os conquistadores voltavam orgulhosos e ricos. Vinham cobertas de luto; e. antes de abraçal-os, declararam que ne-

nhuma d'ellas receberia como filho, como pae, como esposo, ou como irmão, a um só d'elles, antes de haverem todos vingado a affronta recebida e a traição soffrida...

Naquellas mulheres de alma espartana, o orgulho suffocava o amor...

O PADRE ANTONIO VIEIRA

Nasceu em 1608, em Lisboa. Transportando-se com a sua familia á Bahia, alli estudou com os jesuitas as humanidades e conta o seu notavel biographo João Francisco Lisboa, que o alumno, sendo de grande rudeza mas mui devoto da Virgem, lhe dirigia em certa occasião uma prece, quando "de repente sentiu como um estalo e dor tão aguda na cabeça, que lhe pareceu que alli acabaria a vida". E continúa o biographo: "era o véo espesso que trazia em tão indigna escuridade aquelle juvenil engenho que num momento se rasgava e desfazia para sempre".

De então para diante ninguem o venceu nos estudos, e tão grande era o seu

desejo de saber, que, contrariando os paes, abandonou a casa, recolhendo-se ao collegio dos jesuitas com pouco mais de 15 annos. Professou, e entre o muito que estudou citam-se as linguas brazilicas e africanas, o que fez no intuito de converter e civilisar os barbaros d'essas raças.

A primeira phase da sua vida no Brazil foi brilhantissima; datam d'essa epocha os seus maravilhosos sermões, notaveis peças de eloquencia, escriptas em elevadissima linguagem tida por modelo pelos que não desprezam o vernaculo, engenhosas de parabolas e conceitos.

Em 1641 partiu para Portugal em companhia do jesuita Simão de Vasconcellos afim de comprimentar D. João IV pela restauração da monarchia portugueza.

Prégando, logo conquistou as boas graças do rei, que d'elle fez seu conselheiro; começou a vida politica do grande homem. Esforçando-se, conseguiu que fossem criadas companhias de commercio que explorassem as riquezas do Brazil e do Oriente, oppondo assim concurrencia aos mercadores de Hollanda: propoz em certos casos a reducção e em outros a ex-

tincção de direito do fisco, protecção aos israelitas que existiam no reino para que com elles ficassem os valiosos capitaes que possuiam. A inquisição nunca lhe perdoou esse acto e, logo que achou ensejo, encarcerou-o.

Foi encarregado de tratar as pazes com a França e com a Hollanda, em nome de Portugal ainda não tranquillizado.

Accusam-n'o de ter ficado ao lado do rei, quando, apezar do desbarato das tropas hollandezas em successivos combates, elle pensou em ceder á Hollanda quatrocentas legoas da costa do Brazil; d'esta falta, grave embora, resgatam-n'o innumeros beneficios que prestou á nossa patria.

Em 1653, de volta da Europa, fixou-se no Maranhão, onde, em luta encarniçada contra o governador e os colonos, defendeu a liberdade dos indios que aquelles escravisavam. No Maranhão viveu sempre modestamente, pobremente devemos dizer, porque dormia no chão sobre uma velha esteira.

Vieira foi um intrepido defensor dos infelizes selvagens que os colonos não só escravizavam como torturavam; por causa

d'isso, foi o grande jesuita preso e remettido para Lisboa em 1661.

O governo da metropole não lhe consentiu a volta á terra que tinha como verdadeira patria. Na Europa muito soffreu, sendo até processado pelo tribunal da Inquisição que o encarcerou.

Indo a Roma sobresahiu pelo seu talento, e, voltando á Bahia, onde começára a sua vida gloriosa, morreu em 1697, contando quasi noventa annos de idade, cincoenta dos quaes vividos em nossa terra.

O SERTÃO DO NORTE

Em 1674, mais ou menos, um joven portuguez de nome Domingos Affonso, estabelecido em uma fazenda de criação, no actual districto de Joazeiro, em Pernambuco, decidiu corajosamente internar-se, devassando as selvas emmaranhadas até encontrar sitio onde pudesse espalhar rebanhos e edificar morada.

Tomando alguns companheiros de confiança e levando adiante um lote de gado, poz-se a caminho deixando o asylo seguro pela aventura afortunada ou infeliz.

Não cabe em tão limitado espaço a descripção minuciosa das muitas e terriveis peripecias por que passou o arrojado explorador; sabe-se que foi o primeiro a

atravessar a serra dos *Dois Irmãos* e o primeiro tambem que alongou os olhos pelos extensos e fertilissimos campos do Piauhy.

Achando-os magnificos, nelles fez pousada, deixando livres, entre limpidas aguas e herva tenra, as rezes que levara: as quaes tão bem se deram em tão ameno sitio que, em pouco tempo, multiplicando-se, encheram os prados d'antes apenas percorridos pelos cangussús ferozes.

A empreza temeraria de Domingos Affonso, cognominado *Sertão,* teve imitadores; e deve-se, não só á avidez de riquezas por meio da colheita do ouro ou do trafico do indio, como ao desejo natural de aventura e conhecimento de novidades, a exploração do interior do Brazil, feita por bandos de homens, que, sem pensar nos perigos, iam por diante, desbravando selvas, pelejando barbaros.

OS PALMARES

Dentre os muitos quilombos de que ha memoria desde os tempos mais recuados da escravidão no Brazil, foi o mais celebre o de Palmares, em Pernambuco.

Por um lado o sentimento guerreiro, desenvolvido nos escravos pelos senhores que os armavam em defesa da propriedade e da vida contra o hollandez invasor, por outro lado o incentivo forte da ideia de liberdade, fizeram que, em 1630, quarenta negros de Guiné, captivos em Porto Calvo, desertassem as fazendas, internando-se nas mattas onde se fortificaram.

Sós, na selva brava, soltos livremente como nas brenhas nataes, começaram a

viver na absoluta independencia, sem lei nem senhor.

Nas horas mais altas da noite desciam aos campos e levavam abundantissima colheita, ou, em magotes, invadiam as fazendas, saqueavam-n'as, e por felizes podiam dar-se os fazendeiros quando escapavam ás mãos dos quilombolas ousados.

Diariamente chegavam escravos ao quilombo, alguns feridos, outros algemados, e em pouco tempo attingiu a mais de vinte mil o numero dos mocambeiros. Foi eleito um chefe: *Zumbi;* appareceram leis e o homisio tornou-se uma republica. A pouco e pouco, abandonando o systema dos roubos, tornaram-se agricultores, — semeavam e colhiam, entretendo commercio, e os fazendeiros dos arredores, porque não podiam resistir aos homens da colonia negra, entenderam que era melhor tratar com elles como de iguaes a iguaes, vendendo-lhes fazendas e armas.

O territorio comprehendido nos limites do quilombo tinha quatro ou cinco milhas de circuito; o recinto era fortificado á maneira das aringas da Africa. Dentro medravam as plantações — o milho, a

mandioca, as bananeiras, e um rio d'agua crystallina serpeava regando e refrescando as terras da cabilda. Oito ou dez mil homens, sempre em armas, constituiam o exercito de defeza.

Em 1695, o governo resolveu submetter a republica, e tropas marcharam para combater a gente negra.

A luta foi tremenda; os negros defendiam não somente a liberdade mas a propria nesga de terra em que se haviam refugiado, as róças viçosas, e, mais que tudo, as suas mulheres e os seus filhos.

Foi-lhes, porém, fatal a sorte da guerra. Esmagados pela força que os foi buscar dentro das fortificações, não se submetteram, preferiram a morte. Zumbi, o chefe, com os destroços do seu exercito batido, precipitou-se heroicamente da altura de um penedo, e o sangue que jorrou em borbotões do seu corpo espirrou aos pés dos portuguezes pasmados.

No furor da refrega, os que sentiam a impossibilidade de victoria ou de fuga voltavam as armas contra o proprio peito. Maridos, para evitarem supplicios infamantes que, por ventura, fossem infligidos ás esposas, matavam-n'as; o mesmo

faziam as mães aos filhos, sem lagrimas, bradando. Os prisioneiros, desprovidos de armas com que se matassem, deixaram-se finar á mingua.

E aquella republica foi arrazada, foram incendiados os campos e as cabanas, e o rio tranquillo de agua limpida correu por entre as cinzas como uma veia, tanto sangue rolava.

Não foi, todavia, completa a destruição, porque eterna ficou a memoria d'essa esforçada luta pela liberdade.

O "BEQUIMÃO"

Vexado por successivas desordens, affligido pela miseria, teve ainda de supportar o Maranhão o contracto celebrado pelo governo com uma companhia de negociantes de Lisboa, em virtude do qual se lhe concedeu o privilegio exclusivo do commercio de todo o Grão Pará e Maranhão por espaço de vinte annos.

"Os contractadores ou assentistas, como geralmente os denominavam, deviam metter dez mil negros africanos na colonia, se tantos fossem necessarios, á razão de quinhentos por anno, e, além d'isso todas as mais fazendas e generos necessarios, assim para o consumo e uso pessoal dos moradores, como das suas fabricas e lavouras."

Todo o commercio dos moradores devia ser feito por intermedio dos assentistas. Comprometttiam-se igualmente os assentistas a introduzir melhoramentos nos methodos de cultura e industria, e a mandar, cada anno, um navio pelo menos áquelle Estado.

Em compensação, gosavam de certas regalias; era assim que podiam devassar os sertões tomando indios, até cem casaes, para cada uma das capitanias, comtanto que lhes dessem um sacerdote. Foi isso em 1684, sendo governador do Maranhão Francisco de Sá e Menezes.

O povo, tão duramente opprimido, entrou a murmurar; um prégador chegou até a bradar do pulpito que "o remedio para tantos males estava na mão do povo". Assim fomentada, a idéia de uma revolução impoz-se, e houve uma reunião de conspiradores no convento de Santo Antonio em 24 de Fevereiro de 1684; e d'ahi partiu o grito de protesto, levantado, principalmente pelo portuguez Manoel Bechman, ou "Bequimão", como elle preferia chamar-se, senhor de engenho no Mearim, e seu irmão Thomaz Bechman. que cultivava a satyra, — sendo o pri-

meiro muito querido pelo povo que acudia a ouvir a sua palavra fascinadora.

Deposto o governador pelos revolucionarios, foi declarada extincta a companhia do monopolio, e os jesuitas, em numero de vinte e sete, foram embarcados e expellidos do Maranhão.

Sabidas no Pará as noticias do acontecimento, o governador, reconhecendo que a expulsão dos jesuitas e a abolição no novo monopolio tinha alli sympathias, declarou que se obrigava a conseguir que a Côrte annuisse nesses dois pontos á supplica dos povos, arrancando, com tal promessa, á camara de Belem, uma desabrida resposta á do Maranhão que a convidara a adherir ao movimento. Manoel Bequimão regeitou todas as condições conciliadoras propostas em nome do governador.

Passado, porém, o momento do impeto, os animos arrefeceram, como geralmente succede, e, desembarcando no Maranhão Gomes Freire de Andrade, novo governador nomeado para aplacar a sedição. encontrou o povo em disposições pacificas, e logo, tomando o governo, annullou todos os actos dos revolucionarios, reintegrando

funccionarios, restabelecendo os jesuitas e a Companhia.

Bequimão foi declarado cabeça de motim e sentenciado á morte; e, posta a premio a sua pessoa, logo appareceu um Lazaro de Mello que pagou os beneficios que d'elle recebera entregando-o aos seus perseguidores; com o seu cumplice Jorge de Sampaio, chefe de numerosà familia e maior de setenta annos, foi decapitado o Bequimão.

Subiu ao patibulo com a calma de um heroe, e as suas ultimas palavras foram: "que pelo Maranhão dava satisfeito a vida".

Thomaz Bequimão, deportado, foi captivo dos mouros durante oito annos, em Mequinez, voltando ao Maranhão vinte annos depois. Lazaro de Mello perseguido pela consciencia, desprezado de todos, garroteou-se em um engenho.

OS MASCATES

Levantadas, uma em face da outra, separadas apenas por uma legoa de costa, as duas cidades de Recife e Olinda rivalizavam outr'ora em riqueza e progresso. Nem sempre essa rivalidade foi pacifica: chegou a ser uma rivalidade sanguinaria e terrivel que, em 1710, ateou a guerra dos *Mascates.*

Aqui, como nas margens do rio das Mortes, não foi a febre do ouro a origem dos morticinios e das crueldades praticadas: a guerra dos *Mascates* foi, verdadeiramente, a primeira explosão séria dos sentimentos de *nativismo,* que começavam a agitar a alma da nova nação. Depois das guerras hollandezas, o Recife prosperara muito: mas, não tendo sido ainda

elevado á villa, dependia de Olinda. Olinda era a habitação preferida das ricas e fidalgas familias brazileiras: o Recife era a habitação dos portuguezes, que o commercio enriquecera, e queixava-se de não ter sido elevado a villa, tendo maior commercio que Olinda. Essa rivalidade commercial, aggravada pela rivalidade de raça, tornou-se, dentro em pouco tempo, odio minaz e implacavel. As duas cidades, que apenas uma legoa separava, começaram a affrontar-se mutuamente, separadas por um infinito de rancores e doéstos.

Quando rebentou a guerra, todo o horror indizivel da luta civil cobriu aquelle ponto da costa brazileira. De um lado, os Pernambucanos não concediam quartel aos portuguezes, a quem davam a denominação de *Mascates*. De outro lado, os portuguezes negavam pão e agua aos Olindenses. No dia em que ambos os partidos pegaram em armas, o choque foi medonho.

A povoação do Recife já fora erigida em villa, e, como symbolo da sua nova auctoridade, arvorára numa praça publica o pelourinho. Os Olindenses, que

viam todos os dias os seus partidarios perseguidos, encarcerados ou deportados pelas auctoridades da metropole, sahiram em numero de vinte mil, e foram acampar ás portas do Recife. Formavam um verdadeiro exercito, a cuja impetuosidade não puderam os defensores da villa resistir. Foi o Recife tomado de assalto, e em todas as suas ruas correu em borbotões o sangue.

Ganha a batalha, a altiva gente de Olinda, toda composta de altivos e fidalgos *Senhores de engenho,* procurou emancipar-se completamente do dominio da metropole, fundando uma republica aristocratica. Mas, a luta ainda não terminára. Os de Recife, cobrando novas forças, conseguiram supplantar os de Olinda. Então, outra phase mais grave do conflicto se revelou: a da perseguição incondicional e barbara exercida contra os cabeças do movimento olindense.

O novo governador de Pernambuco, Felix Machado, nomeado pacificador da região, apenas viu abatido o orgulho de Olinda, fez pesar sobre ella uma vingança barbara. O bispo D. Manoel da Costa que, nos breves dias da supremacia de Olinda,

tratára com benevolencia rara os vencidos, foi degredado para as margens inhospitas do S. Francisco; e a melhor gente da sociedade olindense foi mandada, em ferros, para Portugal...

Hoje as duas cidades ainda se defrontam, orgulhosamente, ambas ricas e poderosas. Mas, livres ambas, ligadas pelo laço fraternal do mesmo governo e da mesma nacionalidade, são como duas irmãs que entre si igualmente repartem a prosperidade e a gloria.

OS AVENTUREIROS

Extractamos litteralmente da notavel monographia do Dr. Joaquim Felicio dos Santos, *Memorias do Districto Diamantino,* o vigoroso retrato que elle nos dá dos aventureiros ávidos:

"Eram homens ousados e intrepidos esses aventureiros, que se embrenhavam pelos sertões das Minas em busca do ouro; de vontade firme, pertinaz, inabalavel. Cégos pela ambição, arrostavam os maiores perigos; não temiam o tempo, as estações, as chuvas, a secca, o frio, o calor, os animaes ferozes, reptis que davam a morte quasi instantanea, e mais que tudo o indomito e vingativo indio anthropophago, que devorava os prisioneiros, disputando o terreno palmo a palmo em

guerra renhida e encarniçada. Muitas vezes viajavam por esses desertos, descuidados e imprevidentes, como se nada devessem recear. Para elles não havia bosques impenetraveis, serras alcantiladas, rios caudalosos, precipicios, abysmos insondaveis. Se não tinham o que comer roiam as raizes das arvores; serviam-lhes de alimento os lagartos, as cobras, os sapos que encontravam pelo caminho, quando não podiam obter outra alimentação pela caça ou pesca; se não tinham o que beber, sugavam o sangue dos animaes que matavam, mascavam folhas sylvestres ou as fructas acres dos campos. Já eram homens meio barbaros, quasi desprendidos da sociedade, falando a linguagem dos indios, adoptando muitos dos seus costumes, seguindo muitas das suas crenças, admirando a sua vida e procurando imital-os. Muitas serras, muitos rios, muitos lugares que conhecemos com os nomes indigenas, foram baptisados por elles. Taes eram, em geral, os primeiros descobridores das ricas minas do Brazil."

O GARIMPEIRO

Garimpo era a mineração furtiva, punida severamente pelos governadores da capitania de Minas.

Tornavam-se *garimpeiros:* aquelle que era obrigado a expatriar-se ou a passar vida miseravel, sem recursos, por lhe ser prohibida a mineração, unico meio de subsistencia que tinha; aquelle que, condemnado a degredo, tendo os bens confiscados, vendo-se apartado da familia, conseguia illudir a vigilancia dos seus algozes, e fugia; e o aventureiro, ávido de riquezas, que buscava fugir á contribuição fiscal, entregando-se a uma vida de grandes riscos, sempre desasocegada, no coração das selvas.

Dormiam nos campos, á luz das estrellas, sempre attentos; refugiavam-se nas rochas escarpadas, nas grutas, nos andurriaes dos montes, sem paradeiro certo, nomades, assustados porque a justiça lhes punha no encalço os dragões crueis, que os perseguiam como a bestas bravas.

As partidas dos reis patrulhavam os corregos, os campos, as serras, os grotões, noite e dia; e, se encontravam garimpeiros, cahiam-lhes em cima com ferocidade, deixando-os, muitas vezes, mortos barbaramente nos sitios em que os encontravam, quando não os arrastavam para os *troncos*, nas cadeias.

Emtanto, não existe d'esse tempo um só processo que prove ter sido accusado por um crime o garimpeiro; ao contrario, actos de generosidade, de dedicação e verdadeiro heroismo, praticados por esses homens intrepidos, que, além da gente d'El-Rei que não lhes dava treguas, eram forçados a sustentar luta, já não dizemos com a natureza, mas com o indio bravio e com a féra, senhores das brenhas.

Não aggrediam as tropas reaes; atacados, porém, defendiam-se valentemente, rechaçando os algozes, as mais das

vezes, porque não se batiam apenas por cumprimento de uma lei senão em defeza da liberdade propria.

Vencedores, não buscavam vinganças; tornavam pacificamente ás areias dos corregos, onde o diamante scintillava. Se um era capturado, nas maiores torturas a que o submettiam para que trahisse os companheiros, calava-se até a morte.

Em 1742 uma partida de dragões sustentou renhida peleja, nas margens do rio Manso, com alguns garimpeiros, entre os quaes sobresahia pela bravura um joven, imberbe e formoso, que foi preso e mettido no *tronco* da cadeia. Consta do auto de prisão que o preso era: "de estatura baixa e delicada, olhos e cabellos negros, cor morena, feições finas e regulares, sem barba alguma".

Negou-se a qualquer resposta; e, no mesmo dia, reconheceu-se que o valente garimpeiro era uma bella rapariga desfarçada em homem; no dia seguinte, sem que se pudesse saber como, evadiu-se...

Terras e aguas offereciam aos homens os seus riquissimos thesouros; podiam todos operar fraternalmente, pacificamente; mas a ambição fazia que os cam-

pos virgens estivessem sempre encharcados de sangue e cobertos de ossarias, e homens varejassem os bosques encarniçadamente, armados, dando caça a irmãos, que apenas commettiam o crime de concorrer com os que trabalhavam protegidos pela magnanima justiça d'El-Rei, representada na colonia diamantina pelos governadores e intendentes.

OS DIAMANTES

Ignora-se em que sitio foi encontrado o primeiro diamante; muitas tradições existem: nenhuma, porém, que mereça inteira fé.

Desconhecendo o diamante, os mineiros do Brazil cuidavam apenas do ouro; e acontecia que, minerando nos corregos e encontrando certas pedrinhas brilhantes, de uma crystallisação original, guardavam-n'as como curiosidade, empregando-as como tentos para marcação de jogos.

Dizem que a Bernardo da Fonseca Lobo se devem a descoberta do diamante e a noticia que d'ella houve, transmittida á corôa; affirmam outros que um frade, que andara em Golconda, onde já se mi-

nerava o diamante, vendo os tentos de que usavam os de Tijuco, na comarca de Serro Frio, em Minas, conheceu que eram diamantes, servindo-se Bernardo d'essa descoberta, cuja noticia levou ao rei de Portugal, merecendo, por isso, ser nomeado tabellião e capitão mór da Villa do Principe.

Só em 1729 foram enviadas á Europa, por D. Lourenço de Almeida, governador das Minas, as primeiras amostras de diamantes.

Ordenou a côrte que os terrenos diamantinos fossem rematados por contracto. Na comarca do Serro, em 1732, lavrava-se em trinta e cinco ribeirões, empregando-se nesse trabalho cinco a seis mil escravos. Os diamantes de mais de 20 quilates eram adjudicados á Corôa.

Em 1754 foi creada uma administração especial para a mineração diamantina — *Intendencia dos Dimantes*, sendo o primeiro nomeado para o cargo de intendente o desembargador Raphael Peres Pardinho.

Avultaram os contractadores, accumulando fortunas consideraveis, tornando-se verdadeiros senhores. Para exemplo,

citamos o famoso desembargador João Fernandes de Oliveira que, depois de fabulosos gastos em edificações e festas, para satisfazer o capricho de uma mulher que nunca avistara o mar nem fazia idéa do que fosse um navio, mandou cavar na sua chacara um largo e profundo tanque "e construir um navio em miniatura, que podia conter oito a dez pessoas, com velas, mastros, cabos e todos os mais apparelhos das grandes embarcações".

Em 1772 o contracto dos diamantes passou exclusivamente á Corôa, que fez publicações de bandos (edictos) ameaçando os contrabandistas.

A OPPRESSÃO

E' em si mesma, em seus excessos, nos seus desvairamentos irreprimiveis, que a força do despotismo tem o seu correctivo. Portugal colonisára o Brazil. Com o correr dos annos, lentamente se formára uma nacionalidade nova, nascida neste solo abençoado, tendo no sangue o calor d'este sol que exalta e faz amar a vida, tendo constantemente diante dos olhos o espectaculo sempre novo de uma natureza forte e impetuosa, que faz amar a liberdade.

Não quizeram os donos do paiz ver que já estavam governando, não tribus errantes e brutas, mas um povo que sabia comprehender o valor do seu esforço. Quanto mais crescia a altivez da nova

raça, mais crescia a oppressão da raça antiga. A côrte portugueza, vendo que as riquezas do Brazil eram inexgottaveis, não as poupava. D. João V inaugurou a politica do esbanjamento e do luxo irreflectido. Sahiam do Brazil, quotidianamente, incalculaveis e fabulosos thesouros. Mas, como a terra, somente devagar, explorada com calma e pertinacia, podia fornecer á Corôa o dinheiro preciso para sustentar a sua pompa estrondosa, foi preciso recorrer á violencia. E nem foram respeitados os bens dos particulares.

Era, principalmente, nos terrenos diamantinos e auriferos, que a oppressão mais pesadamente cahia sobre os brazileiros. Os quintos do ouro eram cobrados com uma dureza revoltante. Dia a dia augmentavam os impostos. Ninguem se podia eximir do dever de ficar pobre, para enriquecer a metropole.

Em todos os outros pontos do paiz, a oppressão era a mesma. Os tribunaes portuguezes davam invariavelmente razão aos colonisadores e negavam-n'a aos colonos. E a metropole não via que o mesmo

excesso da sua tyrannia tinha de arruinal-a.

O incendio levou muito tempo a lavrar. Todas as conflagrações são assim no começo: demoradas, insidiosas, insignificantes na apparencia.

Uma faisca, ao acaso do vento, cáe sobre a matta. Arde, a principio, frouxa e debil, invisivel quasi, a morrer. Mas, o mesmo vento que a lançou alli, anima-a com o seu halito vivificador. Palpita a pequenina chispa, arde de manso, abre-se numa leve chamma, que o vento sacode e agita. D'ahi a pouco, uma lingoa tenue de fogo se levanta a medo, cresce, vibra no ar, engrossa, crepita, curva-se sobre as hervagens seccas de em torno, accende-as, alastra-se, estalando, crescendo de minuto em minuto. Já cobra immensa, enrola-se nos galhos mais baixos, ganha os troncos, cinge-os, aperta-os, lambe gulosamente as ramagens mais altas. E, com um rugido surdo, ganha toda a floresta. O céo esbrazeado reverbéra o medonho clarão. Ao estrondo das madeiras que se espedaçam, casam-se os urros das féras que o incendio apavora. E ninguem dirá que todo esse espantoso desastre nasceu

de uma miseravel fagulha, que o sopro quasi insensivel de uma viração ateiou...

A administração da colonia era anarchica. O poder, ás vezes, estava concentrado nas mãos de um homem só, e logo depois passava a ser exercido por muitos. Os governantes eram quasi sempre velhos fidalgos de illimitado orgulho, educados na escola do absolutismo e da prepotencia. Nem tinham condescendencia para os pobres, nem tinham piedade para os fracos. Depois, as guerras prolongadas tinham dado bravura e altivez aos colonos. E os jesuitas se tinham encarregado mais de uma vez de intrigar os nacionaes com os dominadores.

A faisca, ainda timida, ainda impotente, estava criando força, e palpitando, na sua modestia e na sua insignificancia. Ninguem fez caso d'ella... Pouco faltava para que, transformada em incendio, se levantasse, devastadora e temerosa.

FELIPPE DOS SANTOS

Era a tarde de 16 de Julho de 1720, em Villa-Rica, (*) opulenta capital de Minas. Todo o trabalho, por ordem do governador, fora suspenso. Toda a população correra, a ver o espectaculo terrivel que se preparava. Tinham vindo os fidalgos, com os seus vestuarios de gala, — colletes de setim, casacas de velludo, camisas de renda, cabelleiras de rabicho; tinham vindo as fidalgas, cobertas de sedas e joias; tinham vindo os homens abastados da villa; tinham vindo os trabalhadores livres das minas e os negociantes; tinham vindo os escravos, quasi nús, ainda carregando os martellos de que-

(*) Hoje, cidade de Ouro Preto.

brar o cascalho aurifero e as bateias de sacudir o ouro...

Estavam as janellas cheias de gente; e, pelas ladeiras da cidade, a multidão rolava em silencio.

Não era uma festa que se esperava. A tarde era de terror. O conde de Assumar, Dom Pedro de Almeyda Portugal, cercado do seu regimento de *Dragões d'El-Rey,* ia presidir a execução de Felippe dos Santos, réo de rebellião, que tivera a ousadia de incitar o povo de Villa-Rica á desobediencia e ao motim.

A tyrannia da metropole pesava terrivelmente sobre Minas-Geraes. Todo o ouro que a terra dava era arrecadado para os thesouros de D. João V. A pretexto de evitar o contrabando, o conde de Assumar, capitão general, fidalgo orgulhoso e rispido, que só se deixava levar pela violencia do seu temperamento, perseguia e encarcerava os trabalhadores e os negociantes. Os impostos, cada vez mais pesados, accumulavam-se sobre a população. As capitações, os quintos do ouro eram cobrados com uma ferocidade deshumana. Por mais honrado que fosse o devedor da fazenda real, o governador

não lhe concedia praso nenhum: quando os impostos não eram pontualmente pagos, os bens do mau pagador eram confiscados, e o seu corpo, carregado de ferros, ia apodrecer no fundo de uma enxovia.

Nas vesperas da cobrança de mais um imposto odioso e vexatorio, o povo se revoltára, inspirado e conduzido por alguns homens principaes da villa. Quando o conde de Assumar estava em Villa do Carmo, (*) descuidado, o povo, qũe já tinha invadido a casa do Ouvidor Martinho Vieira, foi sitial-o, e impoz-lhe a obrigação de adiar a cobrança. Colhido de surpreza, o governador aceitou a imposição, e prometteu tudo. Mas, quando viu dissipada a revolta, esqueceu as suas promessas, e, reunindo forças armadas, prendeu todos os cabeças do motim, mandando-os, carregados de ferros, para o Rio de Janeiro, saqueou-lhes os bens, e desenvolveu na villa uma perseguição desenfreiada... Mas não era bastante! O conde de Assumar queria dar ao povo

(*) Hoje, cidade de Marianna.

uma lição tremenda. Para isso era necessario anniquilar, torturar e deshonrar á sua vista o mais sympathico, o mais popular dos chefes da revolta. O escolhido foi Felippe dos Santos. Adorava-o o povo, que a sua palavra eloquente fascinava. Homem justo, meigo, e caridoso, — alma feita para o amor da liberdade e da justiça, — Felippe dos Santos, num tempo em que ainda não tinha explodido o vulcão da Revolução franceza, já sonhava a Republica. E foi por isso a Felippe dos Santos que o conde de Assumar escolheu para victima da sua sêde de vingança.

Era a tarde de 16 de Julho de 1720. Felippe dos Santos, calmo e bello na sua resignação, foi, á vista de todo o povo, amarrado vivo á cauda de um fogoso cavallo. Nem uma voz se levantou para interceder pelo heroe. A multidão apavorada e tremula, subjugada pela tyrannia do governador, assistiu em silencio áquelle hediondo crime. Açoutado, o animal partiu a galope. E, pelas pedras asperas e ponteagudas das ruas, ensanguentado, ensopando com o seu sangue precioso o pó da sua amada cidade, via-se o heroe,

saltando e resaltando, ao trote vivo do cavallo, sem um gemido...

A noite descia. Felippe dos Santos expirara. Mas, ainda por largo tempo, á luz viva que tingia o céo, avermelhado pelo pôr do sol, a multidão, apinhada nas collinas que rodeiavam a cidade, viu passar, arrastado de ladeira em ladeira, espatifado e sangrento, aquelle corpo sagrado, que estava sanctificando o chão de Villa-Rica...

D'ahi a poucos annos, tinha de apparecer, na mesma terra, outro heroe: a causa da liberdade nacional precisava de mais sangue... E pelas mesmas ladeiras, em que passou, espostejado, aviltado, vilipendiado, o cadaver de Felippe dos Santos, tinha de passar d'ahi a poucos annos Tiradentes, seu continuador, possuido do mesmo sonho, escravo do mesmo ideal, disposto ao mesmo padecimento...

OS CORSARIOS

Vida errante e arriscada, pelas aguas do mar...

Esses navios que partiam, sem destino certo, confiando no acaso, em busca de prezas, não tinham lei, nem reconheciam nenhum poder na terra. O *Corsario*, dentro da sua embarcação veleira, era mais poderoso do que um rei dentro do seu reino. Aquelle pequeno espaço, aquella embarcação, aquelle bocado de taboas e pannos, eram um dominio, que, além do poder do ousado marinheiro que o commandava, só temia o poder da Natureza, — senhora das tempestades que cavam no seio das aguas a sepultura dos naufragos, e senhora dos furacões que, com um unico

sopro despedaçam, como cascas de noz, as mais arrongantes náus.

Levantar ancora, soltar pannos, e partir!.... Para onde? para onde soprasse o vento! O resto, o acaso o faria. Navegavam por dias longos e noites espessas, á espera de que a sorte os conduzisse ao encontro de alguma embarcação de commercio, que contivesse thesouros. Quando a avistavam, corriam sobre ella, a todo o panno. E começava, sobre as ondas desertas, a caçada fantastica. Quasi sempre, as náus procuravam fugir... A sua tripulação não queria nunca aceitar o combate dos corsarios, gente sem fé nem lei, que não duvidava arriscar pela fortuna a vida, porque a vida sem a riqueza lhe parecia um fardo intoleravel. Mas, ligeiros e promptos, construidos propositalmente para poder sustentar essas carreiras vertiginosas, os navios de corso alcançavam facilmente as cobiçadas prezas. Então, era forçoso aceitar a batalha. Os canhões, de um e outro bordo, vomitavam fumo e ferro. De repente, o navio corsario, arremessava-se, agil e veloz, sobre o inimigo: cahia sobre elle, como um milhafre sobre a victima, arpoava-o, lançava sobre a sua

amurada as pranchas de abordagem, e despejava dentro as ondas ávidas da sua gente destemida. Então, as machadinhas e as espadas revoluteavam no ar, sem repouso. Os vencidos eram sem piedade arrojados ao mar; alli mesmo, sobre as taboas cobertas de sangue quente, fazia-se o inventario das riquezas conquistadas; e a náu saqueada era mettida a pique, ou, abandonada á mercê das ondas, ficava, desarvorada e sem rumo, vagando na extensão do mar...

Toda a costa do Brazil era frequentemente visitada por esses ladrões do Oceano.

E as grandes caravellas, que voltavam a Portugal, carregadas de ouro, assucar e páu brazil, mal viam apparecer no horisonte o vulto de um navio suspeito, apparelhavam-se para a fuga, e deitavam a correr sobre a agua, batendo e alargando as grandes velas brancas—como aves espantadas com a approximação de um perigo...

Vida errante e arriscada, pelas aguas do mar... Dentro do seu navio, o *Corsario,* era rei absoluto. Quando, de um porto qualquer, sahia á procura da for-

tuna, bem sabia que se arriscava a nunca mais voltar, e ficar dormindo, eternamente, no fundo do Oceano, com a sua ambição e o seu desengano.

Que importava? Para essa gente, sem fé, nem lei, a vida sem a riqueza era um fardo insupportavel.

CAVENDISH E COOK

Era domingo. Pela formosa manhã de repouso, sahira a pequena população da villa de Santos, a caminho da egreja. Nas casas, tinham apenas ficado as creanças e os invalidos.

Ia a missa em meio. A egreja era pequena, mas em torno d'ella abria-se um largo espaço murado, em que grande multidão cabia á vontade. De repente, quando todos, mudos e recolhidos, oravam, começou a ser ouvido um sussurro, em que havia risadas e imprecações, numa lingua estranha, aspera e nova. Augmentava o sussurro em torno dos muros. Dentro, crescia a anciedade. Quando, interrompida a celebração da missa, foi conhecida a causa do tumulto, um medo panico se apoderou de todos. Desprevenido, sem ar-

mas, sem esperança de soccorro, o povo de Santos estava sitiado, encurralado na egreja. E fóra, os sitiantes, em numero grande, praguejavam e riam.

Eram inglezes. Tinham desembarcado de tres grandes navios, que percorriam o mar sob o commando dos dois corsarios Cavendish e Cook. Tinham desembarcado e caminhado em silencio, para surprehender sem defeza os habitantes. E, agora, vendo-os entregues ao desespero e ao susto, riam da sua afflicção. Não se deram pressa em saquear a villa. Sabiam que toda a gente valida de Santos alli estava, impotente e privada de auxilio, á mercê da sua ferocidade. E queriam insultar a sua agonia.

Fizeram vir de bordo viveres e odres de vinho. E, emquanto dentro, a população, ajoelhada, orava, pedindo a Deus a salvação da villa, os corsarios, entre vociferações, deram começo ao banquete.

Até a noite, durou a desregrada orgia. Canções avinhadas enchiam o ar. De quando em quando um rumor de disputa crescia entre os sitiantes, e ouvia-se de dentro o barulho da luta, — brados, pragas, gemidos, gargalhadas. Apagou-se no

céo o ultimo laivo de sangue do pôr do sol: e as primeiras estrellas que surgiram sobre aquelle acampamento de loucos, que bebiam sem cessar, numa gritaria infrene.

Pouco a pouco, porém, o tumulto diminuia. A embriaguez tomava conta dos sitiantes. Em breve, apenas um ou outro grito destacado se faziam ouvir. Os inglezes dormiam, ebrios e inconscientes.

Foi então que a população, sahindo da egreja, arrecadou as riquezas e fugiu para os arredores da villa.

Na manhã seguinte, ainda viram, de muito longe, uma grossa nuvem de fumaça cobrir a povoação abandonada. Cook e Cavendish, despertando, e conhecendo o mal que lhes tinha feito a orgia da vespera, mandaram ateiar o incendio em Santos, e fizeram-se ao largo, depois de executada essa covarde vingança.

Foram d'alli atacar a villa do Espirito Santo, mas, repellidos corajosamente, afastaram-se da costa brazileira, e, d'alli a pouco tempo naufragaram, perecendo com quasi toda a tripulação dos tres navios.

OS GRANDES RIOS

Do mais profundo seio dos sertões brazileiros, nascem aguas vivas, que engrossam prodigiosamente á medida que correm, e, antes de chegar á costa, já teem o volume e a extensão de grandes oceanos. São os immensos rios do Norte, — massas formidaveis de agua, das quaes as mais importantes veem desaguar no Atlantico pelas duas desmedidas boccas do Amazonas e do Tocantins.

Em 1749, cem homens destemidos decidiram confiar a vida aos azares de uma exploração arrojadissima, subindo as aguas bravas do Amazonas, em busca de um caminho para os ricos sertões de Matto-Grosso.

Deixaram a colossal embocadura do rio,

e foram, por um dedalo complicadissimo de ilhotas verdes, separadas por um sem numero de canaes entrecruzados, evitando pantanaes, orientando-se difficilmente no labyrintho, e corajosamente penetrando no seio d'aquellas regiões quasi desconhecidas. Em torno d'elles, um clima constantemente humido e quente desenvolvia uma vegetação incomparavel. Estavam na mais fecunda região da Terra, naquellas maravilhosas selvas tropicaes, que não conhecem differença entre estio e inverno, porque, em todo o correr do anno, se abrem exuberantemente numa extraordinaria variedade de flores e fructos.

Quando chegaram ao ponto em que as aguas do rio Madeira entram no Amazonas, cresceram os perigos. Havia, em primeiro logar, os indios. Eram da tribu dos *Muras,* ousados e ferocissimos, vivendo nomadamente sobre as aguas. Depois havia a insalubridade da terra. O Madeira, na sua embocadura, atravessa uma zona chata e baixa, que, por occasião das grandes chuvas, fica mudada num immenso pantano, povoado de miasmas. Outro flagello, ainda mais terrivel, esperava os atrevidos viajantes. Eram as

nuvens de mosquitos, zumbindo e voando, de noite e de dia. Mas, era preciso seguir...

Quando a expedição chegou á zona das grandes quedas de agua, quasi desesperou. As canoas, frageis, rudemente batidas pelas vagas agitadissimas, viravam, sossobravam, rachavam-se. Só para transpôr uma d'essas cachoeiras, cujà força é incalculavel, gastou o bando quatro dias e quatro noites. Ao cabo de esforços sobrehumanos e de tormentos incriveis, chegaram os navegantes ás aguas turvas do Mamoré e do Beni. Outras cachoeiras appareciam, despenhadas de grande altura, rugindo com furia na solidão. Uma flora fantastica revestia as margens. Caçadores, que se embrenharam na matta, á procura de provisões, não voltaram; e, á noite, de ambos os lados do rio, rompiam gritos roucos de féras, que farejavam carne humana. Quando chegaram ao Guaporé, puderam os expedicionarios repousar um pouco, nas missões hespanholas de Santa Rosa e S. Miguel. Mas, d'ahi para diante, as provações augmentaram.

As aguas do Guaporé cresciam, ala-

gavam as margens. Os exploradores não podiam desembarcar. Os peixes não appareciam. A agua bebida causava febres mortaes. E quinze indios, que acompanhavam a expedição como guias, fugiram, levando uma das melhores embarcações.

Quando chegaram ao rio Sarare, a situação tornou-se intoleravel. Houve fome. As aguas continuavam a crescer. Foi preciso expedir as mais ligeiras canoas aos estabelecimentos das missões hespanholas.

Somente ao fim de dez dias, durante os quaes muitos homens morreram, chegaram as provisões de milho, favas e arroz. Restaurada de forças, pôde a expedição subir o Sarare, rio de duzentas braças de largura, de navegação difficil, cheio de ilhas, de aguas agitadas em que boiam constantemente immensos troncos de arvores, arrancados das margens pelas devastações das cheias.

Viajavam os heroicos exploradores havia nove mezes, quando chegaram a Matto-Grosso. Muitos d'elles faltavam: tinham ficado em caminho, arrebatados pelas cachoeiras, ou assassinados pelos in-

dios, ou abatidos pelas febres, ou sepultados nos fundos atoleiros impraticaveis.

Mas os que sobreviveram puderam regressar ao Pará, fazendo facilmente em quarenta e quatro dias a mesma viagem que, com tanto sacrificio, haviam feito em mais de duzentos.

Estava aberta a communicação commercial entre o Pará e Matto-Grosso. E estava devassado o mysterio dos grandes rios.

A EMANCIPAÇÃO DOS INDIOS

Entre os brazileiros que começavam a aspirar á liberdade e os portuguezes que não abrandavam o seu oppressivo systema de governo, os indios continuavam a soffrer. Já não eram apenas as tribus selvagens as que pediam liberdade: aquelles mesmos, que, reunidos em aldeias, desarmados, quasi civilisados pela bondade e paciencia dos missionarios, se entregavam em paz aos trabalhos tranquillos da lavoura, — eram obrigados a deixar a terra e a obedecer, como soldados, aos chefes portuguezes. Violentados e opprimidos, os selvagens, para retomar os antigos privilegios, recorríam a revoltas frequentes.

Não havia tranquillidade possivel

Quando uma povoação portugueza, descuidada e feliz, lidava no seu commercio ou nos seus trabalhos de engenho ou mineração, uma grita subita e desvairada enchia os ares, milhares de frechas sibilavam sobre as casas, e das mattas rompiam, terriveis e implacaveis, as hordas barbaras. A vingança era sempre cruel. Organisavam-se expedições, que batiam os arredores e caçavam os culpados. Subjugada a tribu, a maldade dos homens civilisados voltava a magoar o gentio, o gentio voltava a saquear as povoações, e essa guerra sem tregoas proseguia, sem remedio, e sem esperança de termo.

Em 1757, Francisco Xavier de Mendonça, capitão general do Pará e do Maranhão, recebeu a ordem de fazer executar rigorosamente os decretos que prohibiam o mercado de indios. Foi um dos actos melhores do governo do marquez de Pombal. As mais importantes aldeias do gentio foram declaradas villas, e os pobres naturaes do paiz primitivo, incorporados aos colonos, sob o regimen da mesma lei, foram pela primeira vez considerados *homens*.

A INCONFIDENCIA

Grande foi a repercussão que tiveram os hymnos entoados pelo povo americano, quando descançou as armas com que valentemente pleiteara a sua autonomia, constituindo-se em nação independente, e hasteando, com orgulho, o pavilhão estrellado. Moços brazileiros, que cursavam a universidade de Coimbra, discutiram a possibilidade de fazer-se a independencia do Brazil; e, em Montpellier, varios patricios nossos, estudantes de medicina, tiveram o mesmo pensamento, indo um d'elles, José Joaquim da Maia, expor as suas idéas ao grande Thomas Jefferson, então ministro plenipotenciario dos Estados Unidos em Paris.

Maia falleceu quando pensava em voltar á patria; veiu, porém, Domingos Vidal Barbosa, chegando a Minas quando essa capitania soffria com o governo de Luiz da Cunha de Menezes, tão duramente tratado nas *Cartas Chilenas* de Alvarenga Peixoto. Pouco tempo depois, chegava á capitania martyrisada José Alvares Maciel, filho do capitão mór de Villa-Rica, formado em philosophia.

A chegada d'esses dois brazileiros illustres trouxe novo alento aos que em Minas sonhavam com a liberdade, e logo se pensou em um levante, caso o governador de então, o capitão general visconde de Barbacena, intentasse executar as ordens que trazia da côrte, para fazer cobrar, por meio de uma derrama geral, grandes impostos devidos ao tributo do ouro.

Entraram no conluio, alem dos mencionados, os poetas Claudio Manoel da Costa e Ignacio José de Alvarenga Peixoto, sendo tambem apontado o dezembargador Thomaz Antonio Gonzaga; apparecendo mais tarde, para de futuro avultar como principal figura, o alferes de cavallaria Joaquim José da Silva Xavier, por antonomasia o *Tiradentes*, por ter

exercido a profissão de dentista. Depois de abandonar essa profissão, lançou-se a mascatear; sendo, porém, mal succedido, assentou praça, conseguindo ser promovido a alferes; pensou em fazer-se mineiro, mas a sorte não lhe foi favoravel e deixou-se estar no seu posto.

Reuniam-se os inconfidentes na Varginha, onde não só concertavam os planos do levante, como discutiam os emblemas que deviam servir de padrão á patria independente.

O que mais a peito tomou a idéa foi o Tiradentes; alguns até pouco depois pareciam arrependidos de se haverem deixado arrebatar pela utopia, e todos trataram de abandonar Villa Rica. O Tiradentes, porém, sempre dominado pela idéa santa, partiu para o Rio de Janeiro, conseguindo, para os gastos da viagem, um emprestimo. Cresceu o numero dos inconfidentes, e a causa ia ganhando adeptos, quando Joaquim Silverio dos Reis, coronel de um regimento, deu a primeira denuncia ao governador, buscando assim conquistar-lhe a sympathia que de muito lhe havia de servir; outros delatores appareceram: Basilio de Brito Malheiro e o

mestre de campo Ignacio Corrêa Pamplona.

Astuciosamente, o governador fez expedir a todas as camaras da provincia uma circular sustando o lançamento da derrama. Com isso muito desconcertados ficaram os conjurados, não porque suspeitassem da manha, mas porque perdiam o ensejo do levante. Andavam as cousas assim na capitania, e o Tiradentes no Rio era seguido e vigiado, até que o vice-rei Vasconcellos, sobresaltado, sem duvida, mandou aviso ao visconde de Barbacena de que se escapara do Rio, sem passaporte e com armas, o alferes Silva Xavier — noticia essa falsa, porque, dias depois, foi o alferes encontrado no sotão de uma casa da rua dos Latoeiros.

Foi então que o capitão mór mandou que se effectuassem as prisões, sem alvoroto, para não causar escandalo. E foram presos Gonzaga, Alvarenga e o vigario Toledo; depois Claudio Manoel da Costa e outros. Claudio Manoel da Costa, já com sessenta annos, resentiu-se tanto do interrogatorio, que se suicidou na prisão em que o deixaram.

A 18 de Abril de 1792 foi proferido o

accordam condemnando á forca, com infamia, o Tiradentes, Alvarenga, Freire de Andrade, o Dr. Maciel, Abreu Vieira, Vaz de Toledo, Vidal Barbosa, os dois Rezendes, pai e filho, Amaral Gurgel, Oliveira Lopes. As penas foram, porém, commutadas em degredo, devendo apenas padecer a morte o Tiradentes, por ter sido, pelos juizes, considerado o cabeça.

E foi assim frustrada, com prejuizo de uma vida e sacrificio de tantas outras, a primeira tentativa de independencia da patria.

O MARTYRIO DE TIRADENTES

Sentenciado á morte, o alferes Joaquim José da Silva Xavier subiu ao patibulo na manhã de 21 de Abril de 1792. Toda a tropa em armas, os infantes e os cavallarianos, pareciam estar prestando homenagem ao que ia morrer; as cartucheiras estavam abarrotadas para que não se atrevesse alguem a defender o réu de tão nefando crime.

O povo, curioso, deixava as casas, acudindo precipitadamente á praça da Lampadosa, onde devia ter logar a execução; havia gente ás janellas, nas arvores, pelos telhados, e, posto que fosse de dor a cerimonia, as physionomias appareciam satisfeitas: era um interessante e raro espectaculo; ninguem queria perdel-o: d'ahi, a azafama com que corriam ao sitio onde fôra levantado o cadafalso.

A's onze e meia da manhã, que um formoso sol alumiava, com apparatoso acom-

O supplicio de Tiradentes.

panhamento appareceu na praça o Tiradentes. Vinha sereno e altivo: a morte não lhe arrefecera o animo nem lhe desmaiara a cor do rosto amorenado.

Ao vel-o, o povo não se mostrou compadecido: maior era a curiosidade do que a misericordia. Um sacerdote ouviu-o, dando-lhe a beijar o crucifixo; e quando

o carrasco, revestindo-o da alva, lhe pediu perdão da morte, o martyr, meigo e sereno, disse: "— Oh! meu amigo! deixeme beijar-lhe as mãos e os pés: tambem o nosso Redemptor morreu por nós". E sem mais palavras, com os olhos pregados no crucifixo, entregou-o ao algoz.

Para fiel cumprimento da sentença, foi espostejado. A sua cabeça, fincada num poste, esteve exposta na praça principal de Villa Rica (Ouro Preto), justamente no sitio onde foi levantada a estatua do heróe, a expensas do governo de Minas, depois da proclamação da Republica; os seus membros foram espalhados, e ficaram em exposição em varios logares como testemunhos do poder e da justiça d'El-Rey.

Mas as gottas de sangue do heróe não cahiram em terreno esteril, porque a arvore de sacrificio se fez arvore de redempção, e a Republica é o fructo da semente de martyrio lançada á terra nessa manhã de Abril.

NAPOLEÃO

O genio de Napoleão Bonaparte enchia o mundo. Aquelle nome, obscuro a principio como o do mais obscuro soldado, começára a crescer sobre os campos de batalha, ao estridor das armas. Filho da grande crise historica, que foi a Revolução Franceza, Napoleão teve, num dado momento, fechada nas mãos, a sorte da Terra. Ferveu dentro do seu cerebro o sonho mais largo e mais atrevido que jamais occupou um cerebro humano. Percorria a Europa toda, de batalha em batalha; e onde os seus exercitos passavam, sobre o chão em que o sangue quente fumegava, ficava o seu nome vivendo, cer-

cado de uma lenda maravilhosa. Tinha uma fé inabalavel na sua boa estrella. E era essa fé que o levava, de aventura em aventura, e era ella, talvez, que assegurava o seu triumpho em todos os transes de uma carreira prodigiosa.

Uma só nação resistia ao orgulhoso Francez. Era Inglaterra, isolada do resto do mundo pelo mar que as suas esquadras cobriam. Era seu esse mar, porque os seus navios o cortavam em todas as direcções, indo, de porto em porto, propagar o commercio e assegurar a fortuna da ilha soberana das aguas. Para vencel-a, era necessario que todos os portos se lhe fechassem, e que, isolada no seu pequeno territorio e na immensa extensão do Oceano, ella ficasse privada do apoio do resto da Europa, — grande potencia fechada com a sua grandeza e a sua força dentro de um circulo de hostilidade e de odio. Foi para realisar esse plano atrevidissimo, que Napoleão assignou em Berlim o famoso tratado do *bloqueio continental:* por elle, seriam condemnados os navios inglezes a vagar de mar em mar, agora inuteis, agora inoffensivos por falta de communicação com o continente,

em que o genio do Imperador dominaria sosinho, sem achar quem oppuzesse um dique ao transbordamento triumphal da sua ambição.

Sómente Portugal faltou ao contracto, obrigado a isso pela Inglaterra, que bloqueiou o Tejo, emquanto o exercito francez já marchava sobre Lisboa. Assim, emparedado entre duas forças inimigas, cujo choque o esmagaria, o governo portuguez cedeu. D. João VI, que occupava a regencia, em nome da rainha D. Maria I, louca, resignou-se a sahir de Portugal, transferindo a sua côrte para o Brazil.

Em manifesto de guerra á França, D. João VI declarou que "a Côrte levantaria a sua voz do seio do novo imperio que ia crear".

E, chegando á Bahia, o principe assignou o decreto de 28 de Janeiro de 1808, que declarava os portos do Brazil abertos ao commercio de todas as nações amigas.

Até então, fôra o Brazil uma especie de *casa-forte* de Portugal, trancada pelo dono a sete chaves, cautelosamente vigiada e defendida da approximação de todo o resto da communhão humana. Portugal

estabelecera, em torno do seu thesouro, o sitio de uma vigilancia aturada e de um egoismo sem termo. A terra não guardava, dentro do seu seio robusto, as grandes riquezas que a natureza ahi accumulara: mas fazia Portugal o que a terra não fizera. O decreto de 28 de Janeiro levantava esse bloqueio egoista. O Brazil abriase á navegação de todo o mundo. D'ahi por diante, ia a nossa patria começar a ser o que é hoje, uma especie de celleiro prodigioso em que o mundo se vem abastecer, dando-lhe a vida, a animação, o progresso, riquezas de valor inestimavel, em troca das riquezas que delle recebe.

Era o primeiro passo para a liberdade. Os outros tinham de vir d'ahi a pouco, precipitados, vertiginosos, largos. A futura Patria Brazileira, aberta a todas as communicações, entrava para a communhão social. Quebrára-se o encanto que mantinha, dentro de uma penumbra de mysterio e de segredo, a região mais rica do globo. O trabalho humano vinha, emfim, em larga escala, gozar da sua incomparavel opulencia de recursos. E, deixando de ser o monopolio de uma nação, o Brazil ficava sendo propriedade de todo

o genero humano, sem distincção de raças.

Assignado o decreto, D. João VI deixou a Bahia, e veiu entrar a barra do Rio de Janeiro no dia 7 de Março.

D. JOÃO VI

A chegada de D. João VI ao Brazil assignalou para o immenso paiz o inicio de uma éra de extraordinaria prosperidade.

Já nesse tempo, a cidade do Rio de Janeiro, onde o principe-regente chegou a 7 de Março de 1808, tinha uma grande importancia e uma notavel extensão: comprehendia quarenta e seis ruas, dez travessas ou beccos, e dezenove praças. Com a chegada da Côrte, a sua animação e o seu commercio augmentaram logo.

E' longa a lista dos melhoramentos que o principe-regente decretou e realisou: só no anno de 1808, crearam-se a Suprema Côrte Militar, os Archivos do exercito, o

Tribunal de Justiça, a Academia de Marinha, a Fabrica de Polvora, o Tribunal do Commercio, o Banco do Brazil, a Academia de Medicina e Cirurgia, — e a Impressão Regia, da qual, em 10 de Setembro, sahiu o primeiro numero do primeiro jornal que aqui houve, — a *Gazeta do Rio de Janeiro.* Nos annos seguintes, D. João fundou mais tres Escolas Medicas, uma no Rio, outra na Bahia, e outra no Maranhão; creou no Rio a Academia de Bellas Artes, a Bibliotheca Nacional, o Jardim Botanico; e espalhou por todo o paiz os Tribunaes de Justiça.

Todos esses beneficios, porém, sómente hoje podem ser reconhecidos e agradecidos. O povo do Rio de Janeiro, naquelle tempo, apenas sentia os incommodos e vexames a que foi submettido.

Com o principe-regente, viéra do Reino uma numerosa comitiva de frades, freiras, cantores, fidalgos, valídos. Era um sequito de quinze mil homens, e, na sua maior parte, composto de gente que vivia á custa do Paço.

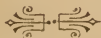
Toda essa gente queria ser alojada e bem tratada. Fazia ostentação de um luxo extravagante e pretencioso. A cidade fi-

cou cheia de casaquinhas de velludo, de camisas de rendas, de espadins de gala, de perucas, de rabichos. Esses vadios, que pintavam os beiços com carmim e polvilhavam o cabello, e cuja occupação unica era jogar, beber e comer, tinham uma arrogancia que offendia a gente simples, laboriosa e affavel da cidade. Para dar casa a essa turba-multa de ociosos, decretou-se o despejo forçado de varias habitações. Além d'isso, era preciso dar dinheiro a esses peralvilhos, que não possuindo um cruzado de seu, gastavam como se fossem millionarios, e só sahiam á rua em séges sumptuosas, e precedidos de numerosa criadagem, levando lanternas e archotes. Para isso, crearam-se empregos novos, e tiraram-se a pessoas habilitadas e honestas os antigos, que foram dados a homens sem preparo e sem honestidade.

O povo murmurava. Não só o povo do Rio de Janeiro, como o povo de todo o Brazil. As idéas liberaes continuavam a desenvolver-se. O Brazil estava cançado de ser possessão de quem, longe de lhe dar progresso, apenas d'elle se servira até então como de uma mina inexgottavel, e "só o não perdera, durante as guerras

da Hollanda, porque elle, Brazil, soubera defender-se".

A semente, que Tiradentes lançára ao solo, não fôra perdida. O Brazil possuia já muita gente illustrada, esclarecida, criada durante a grande agitação da Revolução Franceza, tendo sido muitos homens daquelle tempo educados na Europa, perto dos centros em que mais forte lavrara o incendio revolucionario.

D. João VI viveu no Brazil treze annos. Muito lhe ficou devendo a colonia, que já se podia considerar um imperio, pela sua importancia e riqueza, e tambem pela quasi autonomia de que gosava. Mas todo o povo anciava já por uma independencia completa. Os dias de dependencia estavam contados.

AS EXPLORAÇÕES SCIENTIFICAS

No mesmo anno em que rebentou em Pernambuco a revolução republicana, casou o principe D. Pedro, herdeiro presumptivo da corôa de Portugal, com a archiduqueza Leopoldina, filha de Francisco I, da Austria.

Francisco I aproveitou as negociações diplomaticas que precederam esse casamento, para enviar ao Brazil uma expedição scientifica, encarregada de estudar a flora, a fauna, os mineraes d'este paiz, — tão rico, tão interessante, tão capaz, com certeza, de fornecer com a sua assombrosa natureza, contingentes consideraveis ao estudo das sciencias naturaes, mas tão desconhecido, então, sob o ponto de vista scientifico, como na éra do seu descobrimento.

A organisação da expedição foi confiada a Van Schneibers, director do museu artistico; o professor Mickau, da cidade de Praga, foi encarregado de estudar a Botanica e a Entomologia do Brazil; M. Pohl teve a seu cargo a Mineralogia; Matterer, a Zoologia; além d'esses vieram com Van Schneibers, o pintor paysagista Ender, o pintor botanista Buckberger, e o professor de horticultura Schott. O rei da Baviera quiz tambem que dois sabios do seu paiz acompanhassem a commissão austriaca, e para este fim escolheu duas notabilidades scientificas: os professores Von Spix e Von Martius, o primeiro zoologo e o segundo botanico, membros ambos da Academia de Munich.

Essa expedição, que, a bordo de duas fragatas, conduzindo grande numero de trabalhadores e mineiros, sahiu de Trieste no dia 10 de Abril de 1817, — chegou ao Rio de Janeiro em 14 de Julho do mesmo anno. Depois de cinco mezes de demora na capital, occupados nos preparativos da exploração, os sabios extrangeiros iniciaram em Dezembro os seus trabalhos.

Até então, o interior do Brazil fôra

apenas percorrido pelos exploradores, que não tinham os olhos educados para a contemplação da natureza, nem a alma cheia do amor da sciencia. As explorações só tinham sido feitas até então, ou pelos que procuravam captivar os indios, ou pelos que iam á caça dos diamantes e do ouro, ou pelos que, descendo ou subindo os grandes rios, buscavam estabelecer vias rapidas de communicação entre o littoral e o sertão, afim de favorecer o commercio. Sempre o interesse e a ambição tinham movido esses bandos intrepidos, que se arrojavam a viagens nunca d'antes tentadas. Outra sorte de exploradores tinha tambem penetrado o mysterio das mattas fechadas, que, a cada passo do viajante, oppunham uma ameaça e uma cilada, um perigo e um desastre: eram os missionarios, que, de crucifixo em punho, iam de acampamento em acampamento indio, expondo-se ao martyrio.

Agora, porém, o que levava os sabios, — missionarios da sciencia, — a essas viagens arriscadas, já não era a ambição, já não era a fé religiosa: era a ancia de saber, a ancia de mergulhar os olhos avidos no seio d'essa natureza fecunda, para lhe

apprehender todos os segredos, para lhe devassar todos os mysterios.

A' expedição de 1817 seguiram-se outras. Os serviços que prestaram á Sciencia são inenarraveis. Com a exploração scientifica do territorio brazileiro, fizeram-se descobertas surprehendentes: a Botanica, a Zoologià, a Mineralogia, a Archeologia, a Ethnographia, a Anthropologia receberam, d'esse manancial abundantissimo, fartas torrentes de subsidios.

E nem tudo está feito. Porque a Natureza, zombando das pesquizas do homem, guarda sempre, impenetravel e attrahente, o seu maior mysterio. Ainda não está, por exemplo, bem averiguada a origem do homem americano. E, como esse, muitos outros problemas scientificos esperam ainda uma solução.

Mas, o homem, no seu nobre orgulho, e na sua infatigavel ambição, não repousa um momento. E os seculos futuros dirão se a humanidade fez bem ou mal em se arremessar, pertinaz e corajosa, contra a muralha de sombra e treva, por traz da qual se esconde intangivel e invisivel o *segredo da vida...*

A CONSTITUIÇÃO

Na Europa, já tinha sido abatido e anniquilado o poder absoluto, que se fundava sobre a velha e absurda theoria do direito divino, segundo a qual um rei era o representante directo de Deus na terra, e, como tal, sagrado, sendo a sua pessoa inviolavel e infallivel. A Revolução Franceza varrêra esses preconceitos, e annullara essas regalias, incompativeis com a dignidade humana.

Em 1820, o povo portuguez, longamente vexado por um regimen que só lhe tinha dado desastres e vergonhas; acabrunhado pelo predominio da Inglaterra que, com o pretexto de proteger Portugal, o explorava e cobria de opprobrio: e seguindo o exemplo dos outros povos da Europa, — agitou-se, revoltou-se, e exigiu que lhe

dessem uma constituição, que, cerceando os privilegios da corôa, conferisse aos cidadãos mais liberdade, mais direitos, e mais altivez. Foi apresentado um projecto de Constituição, em Lisboa, em 1820.

A noticia da revolução só chegou ao Brazil em fins d'esse mesmo anno. Logo, a guarnição do Pará e a da Bahia adheriram ao movimento constitucional. Mas, no Rio de Janeiro, D. João VI contemporisava. Não era facil a um rei absoluto abrir mão das prerogativas da sua familia. Os reis, julgando-se um prolongamento de Deus na terra, não queriam crer que leis humanas os pudessem governar. D. João julgou prudente, antes que fosse promulgada a constituição em Lisboa, mandar seu filho D. Pedro á antiga séde da côrte, encarregado de acalmar os animos.

Então, na manhã de 26 de Fevereiro, todas as tropas do Rio de Janeiro se apresentaram armadas no largo do Rocio. Nas ruas proximas, o povo tumultuava, pedindo em altos brados que fosse desde já aceita e jurada sem restricções pelo rei a constituição que ia ser promulgada em Lisboa. O rei, timido sempre, sempre he-

sitante, mandou o principe D. Pedro informar-se do que havia. D. Pedro appareceu no largo, a cavallo, recebido com reserva pelos batalhões sediciosos. O movimento era serio. Emquanto isto se passava na praça publica, a Camara da Cidade se reunia no theatro situado no Rocio, e, em nome do povo e da tropa, manifestava ao principe a conveniencia de não demorar a execução de providencias tão vivamente reclamadas pela opinião publica.

D. Pedro não hesitou. "Em nome de El-Rei seu Pae, jurou solemnemente respeitar e fazer respeitar a Constituição decretada pelas Côrtes de Portugal".

Muito tempo ainda tinha de correr, antes de ser praticamente e lealmente cumprido esse juramento dos senhores do Brazil... Mas o primeiro passo estava dado.

A constituição de 1820 era uma verdadeira declaração dos direitos do homem. Estabelecia a liberdade politica, isto é: a liberdade de praticar tudo aquillo que não fosse por lei prohibido; a igualdade de todos os cidadãos perante a lei; a abolição das classes privilegiadas; o direito de pe-

tição; a inviolabilidade do direito de propriedade e do direito de segurança individual; a abolição das penas de confisco, de infamia, de tortura, de açoite, de baraço e prégão, e de marca a ferro quente; e dava aos cidadãos, ainda, o direito de representação contra decisões iniquas e arbitrarias.

Pouco importava que, d'ahi a pouco, tivesse D. João VI de faltar á sua palavra empenhada. A revolução estava feita; o Brazil inteiro, ancioso pela liberdade, farto do captiveiro e da oppressão, não podia mais parar na caminhada gloriosa que encetara.

E bem o via D. João VI! Porque, quando obrigado a partir para Portugal o rei deixou D. Pedro como regente e seu logar-tenente no Brazil, disse-lhe, a bordo, abraçando-o: "Pedro! o Brazil brevemente se ha de separar de Portugal... se assim fôr, põe a corôa sobre a tua cabeça, antes que algum aventureiro lance mão d'ella!"

— 1817 —

Morrera D. Maria I. E, no Rio de Janeiro, ia ser D. João VI coroado rei de Portugal e do Brazil, quando rebentou em Pernambuco uma revolução.

Havia odio entre officiaes brazileiros e portuguezes. Depois, a idéa da independencia avultava e dominava todas as almas. A fagulha já era mais do que labareda: era incendio declarado e terrivel. A 6 de Março de 1817, exacerbaram-se as animosidades, por causa da ameaça de prisão que pesava sobre alguns brazileiros, suspeitos de republicanismo. Um negociante brazileiro, Domingos José Martins, trouxera da Europa, onde fôra educado, o amor dos principios liberaes. Toda a gente moça de Pernambuco o ouvia e applaudia, quando elle, em comicios ou banquetes, falava d'esse novo ideal de

governo livre, — o povo, livre de senhores que só podiam invocar em favor do seu direito um méro accidente de nascimento, e governando-se a si mesmo, por meio de eleitos seus, sahidos do seu seio.

Martins fôra preso.

Rompeu a revolta. Trocaram-se tiros nas ruas. O povo uniu-se á tropa. Escancararam-se as portas das prisões: os presos, assim postos em liberdade, vieram engrossar as fileiras dos que no palacio sitiavam o governador Montenegro. Triumphante, a revolta proclamou a Republica como forma de governo, adoptou uma bandeira de cor branca, symbolo da paz, mandou comprar armas na America do Norte, augmentou o soldo das tropas, e preparou-se para a luta.

Era cedo, porém. O solo, de onde tinha de rebentar a arvore da liberdade, ainda precisava, como adubo, de muito sangue e de muita lagrima. Nenhuma grande conquista da humanidade se fez senão com grandes soffrimentos accumulados. Uma idéa só vence quando com os seus cadaveres lhe dão apoio aquelles que acham melhor morrer por um ideal nobre do que viver na vileza e na escravidão. No Ceará,

o padre Alencar, que agitava o povo, foi preso. Abreu Lima (padre Roma), emissario do governo republicano do Recife, foi fusilado. O governo de D. João VI mandou bloqueiar os revolucionarios. A revolução, não podendo resistir, teve de ceder. Theotonio, que commandava os republicanos, fugiu; suicidou-se o padre João Ribeiro; e começou então a pesar sobre Pernambuco a ferocidade da vingança real. Encheram-se as prisões; armaram-se as forcas; começaram a funccionar os destacamentos dos fusiladores. Um tribunal militar, julgando summariamente os culpados, ensanguentou Pernambuco. Mas o governo quiz dar aos morticinios em massa uma apparencia de justiça, e installou uma alçada civil, que, mais feroz ainda do que a militar, mais animada de odio e vingança, tornou-se um "tribunal de sangue", uma commissão permanente de féras, insaciaveis, crueis, implacaveis.

Quando se julgou que já tinha corrido bastante sangue, suspendeu-se o castigo. E Pernambuco estava coberto de luto, quando, a 6 de Fevereiro de 1818, D. João VI se fez coroar.

No largo do Paço construiu-se uma larga *varanda.* Ahi ajoelhou-se D. João. Fóra, estava formada toda a tropa. Assistia o povo ao espectaculo, — calado e coagido. O rei prestou o seu juramento. O alferes-mór agitou sobre a sua cabeça a bandeira de Portugal, e tres vezes clamou: "Real, real, real! pelo muito alto e poderoso senhor nosso, D. João VI, rei de Portugal!" Soaram musicas, badalaram sinos, estrugiu a artilharia.

E D. João VI, inconsciente, não sentia o minimo remorso, porque já nem se lembrava dos que tinham sido assassinados por sua ordem...

O "FICO!"

Epocha terrivel foi essa, em que, o principe D. Pedro, orgulhoso, cavalheiro, ousado, voluntarioso, ficou occupando a regencia do Brazil, em face de um povo moço e atrevido tambem, cheio de aspirações, de ideaes ainda mal definidos, e cheio de uma consciencia profunda do que era, e dos grandes destinos que lhe estavam reservados. Suspendera pagamentos o Banco do Brazil; o thesouro da nação, esvasiado pelos desperdicios da côrte de D. João VI, estava pauperrimo.

Portugal queria de novo reduzir o Brazil ao papel de colonia submissa. D. João VI não tinha opinião. A politica portugueza era conduzida pela rainha D. Carlota Joaquina e pelo infante D. Miguel, irmão mais moço de D. Pedro. "Mãe e filho,

como idéia e braço, capitaneavam o partido absolutista, que á força queria *libertar* o soberano, e restaurar, com um absolutismo radical, o Portugal antigo e enthusiasta da religião e da monarchia". (*)

Já se tinham realisado as eleições para os logares de deputados brazileiros ás Côrtes de Lisboa, e tinham sido recebidas de Portugal as bases da constituição que devia ser jurada no Brazil. Mas D. Pedro contemporisava agora, como seu pae tinha contemporisado em 1820. E, como então, as tropas se reuniram de novo no largo do Rocio, coagindo-o a demittir o ministerio e a jurar a Constituição.

Foi nessa epocha de agitação, que se receberam de Lisboa tres decretos que vieram exacerbar a exaltação patriotica do Brazil. O primeiro declarava independentes do governo do Rio de Janeiro os governos provinciaes que ficavam dependendo exclusivamente dos tribunaes portuguezes. O segundo abolia os tribunaes que se haviam estabelecido no Rio de Janeiro. E o terceiro era este:

"A assembléa geral, extraordinaria e

(*) Oliveira Martins. *Historia de Portugal.*

constituinte das côrtes da nação portugueza.... decreta:

1.º O Principe Real voltará quanto antes para Portugal;

2.º Assim que chegar, Sua Alteza partirá para visitar as Côrtes e Reinos de Hespanha, França e Inglaterra, acompanhada de pessoas escolhidas por Sua Alteza, e que se distingam pelo seu saber, virtudes, e dedicação ao systema constitucional."

Quando chegaram esses decretos, os patriotas começaram a conspirar, considerando que elles eram uma affronta atirada á face do Brazil.

D. Pedro hesitava. E já estava quasi disposto a obedecer á ordem das Côrtes, fazendo os seus preparativos de viagem, quando o povo assignou uma representação pedindo-lhe que ficasse. O Senado da Camara dirigiu-se em massa ao Paço, e ahi entregou ao principe a mensagem, que tinha mais de oito mil assignaturas.

Durante uma hora, ancioso, o povo esperou á porta do Paço a decisão de D. Pedro. De repente, appareceu a uma das janellas José Clemente Pereira, presidente do Senado da Camara, que em voz

alta repetiu ao povo a resposta do principe: "como é para bem de todos, e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico".

Estas palavras foram cobertas por acclamações estrepitosas. Era o dia 9 de Janeiro de 1822. Estava aberta a campanha. Annuindo ao desejo do povo, fazendo um pacto com elle, e desobedecendo ás ordens das Côrtes, D. Pedro tinha iniciado a luta com a metropole.

SETE DE SETEMBRO

Todo o Brazil delirava. Começava a ver realisado o seu grande sonho, e fazia de D. Pedro o seu idolo.

A guarnição portugueza, que estacionava no Rio de Janeiro, quiz ainda tentar uma revolta contra a decisão do principe; mas foi logo submettida e embarcada para Lisboa. Por todo o Brazil manifestavam-se irreprimiveis e violentas a colera e a má vontade ás guarnições que se queriam conservar fieis ás Côrtes de Portugal. Sómente na Bahia foram vencidos os patriotas: ahi, o brigadeiro Luiz Ignacio Madeira de Mello, investido do commando das tropas por uma carta régia, dispunha de grandes forças.

O principe D. Pedro chamou para a gerencia dos negocios publicos uma turma de patriotas esclarecidos, entre os quaes

O Grito do Ypiranga. (Quadro de Pedro Americo.)

avultava o grande cidadão José Bonifacio de Andrada e Silva.

Convocou-se um conselho de procuradores-geraes das provincias; ordenou-se que lei nenhuma promulgada pelas Côrtes de Lisboa fosse no Brazil executada sem ter o *cumpra-se* do principe regente: como o governo de Portugal pedisse aos governos estrangeiros que impedissem a remessa de armas para o Brazil, o povo fluminense pediu ao principe que aceitasse o titulo de *defensor perpetuo do Brazil;* contrahiu-se um emprestimo de quatrocentos contos de réis; declararam-se inimigas todas as tropas que desembarcassem no paiz sem licença previa; o general Labatut seguiu para a Bahia, afim de iniciar a guerra da independencia; e, em manifesto dirigido ás nações amigas, o joven paiz declarou que os seus portos continuavam abertos ao commercio do mundo.

D. Pedro desenvolvia uma actividade febril; foi a Minas e a S. Paulo acalmar os motins que ahi rebentavam. E em viagem sentia, a cada passo, a palpitação da alma do povo, anciando pela liberdade. Acclamavam-n'o as populações. O Brazil já se considerava independente de direito. E

o principe comprehendia que retardar a proclamação da independencia seria um erro.

Voltava de S. Paulo, quando, perto do Ipiranga, soube que, em Lisboa, o despeito das Côrtes, vendo-se desobedecidas e maltratadas por elle, vingava-se, desrespeitando e ameaçando os deputados brazileiros. Não hesitou. E aceitou abertamente a luta, levantando o brado de *Independencia ou Morte!*

D'ahi a cinco dias, tendo vencido em viagem accelerada, cem legoas, chegou D. Pedro ao Rio de Janeiro; na noite de 15 de Setembro, apresentou-se no theatro, trazendo no braço uma fita com a inscripção *independencia ou morte*; e, a 12 de Outubro, dia de seu anniversario natalicio, foi coroado.

Estava fundado o Imperio do Brazil.

D. PEDRO I

Pouco tempo depois da coroação, estava o Imperio acclamado e reconhecido em todo o Brazil. Lord Cochrane, chamado do Chile, e o general Labatut tinham obrigado os ultimos rebeldes, no Norte, a acatar a soberana vontade do povo. Parecia que uma era tranquilla ia começar para a nova nação. Livre, sem peias, moço e forte, possuidor de recursos naturaes que não tinham rivaes em toda a terra, porque não inauguraria o Brazil uma existencia de paz e de trabalho? Mas D. Pedro I era ambicioso e violento. Quem muda á arvore já frondosa a forma dos seus galhos, quem lhe altera o colorido das flores, quem lhe modifica os fructos? Mais difficil ainda seria, na idade madura, mudar

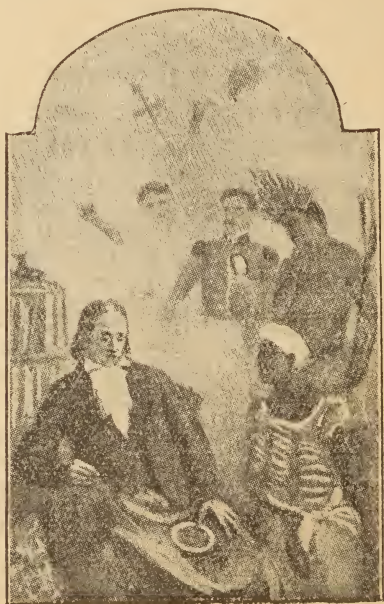
as tendencias de espirito de um homem, e as suas inclinações e os seus gostos...

D. Pedro I fôra educado nos principios do absolutismo.

Filho e neto de reis absolutos, tendo na alma a convicção orgulhosa da sua origem divina, da sua regália de "reinante por escolha e graça de Deus", os seus sentimentos democraticos eram só apparencia. Amava o povo que o fizera imperador, julgava ser sincero quando se intitulava o mais constitucional dos principes, — mas conservava no fundo do espirito o pesado lastro dos preconceitos e das vaidades da sua casta.

A Constituição, que jurára cumprir e defender, era uma cadeia que lhe manietava a ambição, que lhe suffocava o genio prepotente, que lhe impedia os vôos do caracter despotico.

Era generoso, bravo, capaz de dedicações, franco, amigo dos fracos, inimigo dos oppressores. Mas uma qualidade que não deixára de herdar dos antepassados era o amor do poder e da independencia completa. Não podia depender de homens, — que não lh'o tolerava a natural altivez de caracter. E, se bem não o confessasse,

achava que tambem não devia depender de conveniencias e de leis.

José Bonifacio.
(Quadro de Eduardo de Sá.)

Faça-se ao seu nome esta justiça: ninguem póde, de um momento para outro. mudar a alma de um homem... A alma do primeiro Imperador do Brazil se tinha formado num tempo e num meio em que

lhe não ensinaram a conhecer poder superior á sua vontade.

Imperador constitucional, fazendo grande alarde das suas idéias liberaes, fingindo amar ao povo mais do que a si mesmo, fingindo ter collocado a corôa sobre a sua cabeça mais para fazer a felicidade do Brazil do que para satisfazer a sua propria ambição, Pedro I parecia, a quem só pela rama o encarasse, um exemplar acabado do monarcha constitucional. Isso era a superficie: no fundo lá estava o Bragança, o representante do direito divino, o principe absoluto, que as peias do constitucionalismo aborreciam e irritavam.

Por outro lado, o povo, enthusiasmado pela sua victoria, orgulhado pelo seu triumpho, arrebatado pela sua força, exaltado pelo seu ardor de povo moço, era exigente e incontentavel. Queria um imperador, como o havia sonhado, só governando em nome d'elle, povo.

O conflicto era fatal.

Foi por isso que, com a acclamação de Pedro I, não começou para o Brazil uma era de tranquillidade e de trabalho fecundo...

A DISSOLUÇÃO

Funccionava a Assembléa Constituinte. Dentro d'ella de par com a discussão das bases do Codigo Constitucional, outras discussões ferviam, excitando os animos.

Houve no Rio de Janeiro um conflicto de soldados. A Assembléa immediatamente decretou que todos os soldados de origem européa apenas pudessem estacionar a uma distancia de seis legoas da cidade. O Imperador, quando teve conhecimento d'isso, não pediu conselho a ninguem. Montou a cavallo, e do Paço de S. Christovam partiu a galope para a cidade. Ordenou sem demora que o general Moraes, á frente de um regimento de infantaria, invadisse a sala das sessões, e intimasse a Assembléa a se dissolver por bem ou á força.

No momento em que a tropa entrou, a Assembléa deliberava. Houve um espanto grande nas bancadas. Mas a attitude dos representantes do povo foi calma e digna. Nenhum d'elles tremeu. Ficaram sentados, sem responder á intimação. Então, o general Moraes declarou que trazia poderes para esvasiar á sala a cutiladas e a tiros. Fóra, estava formado um parque de artilharia. Mais longe, em linha, apparecia um regimento de cavallaria.

Resistir á violencia da intimação seria uma inutilidade. O presidente declarou suspensa a sessão. Começaram a sahir os deputados, de um em um, entre as filas de soldados. A' porta, José Bonifacio de Andrada e Silva, dois irmãos seus, e alguns outros membros da Constituinte, foram presos, e mettidos a bordo de um navio que estava apparelhado para sahir.

Começava para elles o longo exilio de cinco annos. Desterrando José Bonifacio, o Imperador castigava aquelle que mais serviços lhe prestára. O grande brazileiro, patriarcha da Independencia, começava a soffrer as consequencias da credulidade, que o levára confiar no *constitucionalismo* de um filho de reis absolutos.

No Rio de Janeiro essa violencia passou sem protesto. O povo ficou aturdido com o inesperado do acontecimento. Mas em Pernambuco, onde perdurava a agitação de 1817, a violencia imperial repercutiu. D'essa repercussão, nasceu a revolução de 1824. *A Confederação do Equador*, instituida pelos revolucionarios republicanos, pouco durou. Foi logo domada. E, como em 1817, começaram a funccionar, no Ceará e em Pernambuco as *commissões militares,* encarregadas de julgar summariamente os culpados. Dezesete conjurados pagaram com a vida o crime de amar a liberdade. D'elles, um, Frei Caneca, foi fusilado. Tinha sido condemnado á forca: mas os juizes não acharam um carrasco que o quizesse enforcar. Outro, Rattcliff, veiu para o Rio de Janeiro, onde subiu ao patibulo.

A ideia progredia. Sobre o chão da patria continuavam a cahir cadaveres de martyres. Sobre esse montão de cadaveres tinha de se apoiar um dia, inabalavel e vencedor, o ideal republicano.

A ABDICAÇÃO

Morto D. João VI, ficava o throno de Portugal pertencendo ao Imperador do Brazil. D. Pedro optou pela corôa do Brazil, dando a de Portugal a sua filha, D. Maria Amelia. Acreditou que tudo conciliava casando a filha com D. Miguel, seu irmão, que governaria o reino na qualidade de regente; D. Pedro I não conhecia D. Miguel...

D. Miguel, ambicioso, brutal, conspirava, havia muito. "Plebeu nos modos, violento e bronco no espirito, fanatico e violento, o infante D. Miguel democratisava a monarchia, e a plebe adorava-o. Era corpulento e trigueiro, queimado pelo sol; vestia-se á picadora, com um casaco de baetão verde, calção preto, botas altas de cava, com tacões de prateleira e esporas de prata. Usava um bonnet azul, de prato largo, com viseira. Tinha incli-

nações grosseiras e rusticas. Ensinava a lavrar aos moços do campo; suffocava um forte cavallo de Alter, puxando-lhe a cilha com os dentes; levantava com a bocca um sacco de trigo de seis alqueires, e punha-o ao hombro com uma só mão" (*).

Para conseguir os seus fins, D. Miguel lisongeiava a plebe de Portugal e os frades. Condemnava abertamente as idéias liberaes do irmão D. Pedro. Quando se viu investido da regencia do reino, fingiu estar disposto a casar com a herdeira do throno D. Maria, — mas, logo depois, dissolveu as Côrtes, e acclamou-se rei.

D. Pedro I via assim perdido o throno da filha. Como bom rei e como bom pae, quiz reconquistal-o. Foi esse um dos motivos serios que o impelliram a sahir do Brazil.

No Brazil, a sua politica descontentava cada vez mais os patriotas. D. Pedro via bem que a sua posição era difficil. Comprehendia que era preciso ou transigir com o povo, cujas tendencias liberaes augmentavam, ou retirar-se. Uma demissão do ministerio precipitou os acontecimen-

(*) Oliveira Martins. *Historia de Portugal.*

tos, e fez surgir, inopinadamente, uma crise séria. O ministerio demittido era sympathico ao povo. O que o substituiu, a 5 de Abril, era composto de aulicos.

O povo, que já estava habituado a fazer reclamações e a vel-as satisfeitas, reuniu-se, e enviou uma deputação ao Imperador, pedindo a reintegração dos ministros demittidos. D. Pedro I não hesitou: entre uma luta de resultado duvidoso e a abdicação, escolheu esta ultima. E na madrugada de 7 de Abril, usando do direito que a constituição lhe conferia, abdicou a corôa na pessoa de seu filho, D. Pedro de Alcantara. Mas, parece que a causa principal da sua deliberação foi a necessidade de ir disputar ao irmão D. Miguel a corôa da filha.

O monarcha já estava reconciliado com o venerando José Bonifacio de Andrada e Silva, que, depois de ter curtido cinco annos de exilio, e ainda algum tempo de prisão na fortaleza da ilha das Cobras, julgára que os interesses da Patria valiam mais do que os seus resentimentos pessoaes, e não recusára ao Brazil os seus serviços. Foi a este grande e illustre ci-

dadão que o Imperador entregou a missão de ser o tutor de seu filho menor.

E, ao romper do dia 7, foi para bordo da náu ingleza *Warspite,* de onde se passou para a fragata *Volage,* que o levou á Europa.

D. PEDRO II

O reinado de Pedro II começou por uma revolução, a 7 de abril de 1831, e por outra veio acabar, a 15 de Novembro de 1889.

Foram terriveis os tempos da Regencia e os primeiros tempos do segundo Imperio. Na capital, a febre politica incendiava os partidos. Varias facções tinham surgido, disputando o poder, perturbando constantemente a ordem publica. O genio e a energia de Diogo Antonio Feijó, eleito regente do Imperio, durante a menoridade de D. Pedro II, tiveram de sustentar combates rudes com a anarchia em que Pedro I deixára o Brazil. Sedição no Pará, rebelliões no Maranhão, Pernambuco, Ceará, Minas-Geraes e Matto-Grosso traziam o governo embaraçado, nessa phase

difficil e ingrata da nossa historia; houve na Bahia a sedição da *Sabinada*, e no Maranhão a revolução dos *Balaios*; e no Rio Grande do Sul, na brava terra dos *gaúchos*, rebentára a famosa revolução dos *Farrapos*, causa de uma tremenda guerra civil que devia durar mais de dez annos.

A declaração da maioridade de Pedro II não poz um termo a essa agitação. Na tribuna das Camaras e na rua, por meio de discussões violentissimas ou de encontros á mão armada, as facções politicas da Capital do Imperio se degladiavam sem trégoas. O governo mal tinha tempo e calma para decretar as leis de que tanto carecia o paiz. O tempo mal chegava para acudir aos tumultos que se succediam sem interrupção.

Tendo passado o governo dos liberaes para os conservadores, aquelles, descontentes com a marcha que levavam os negocios publicos, organisaram em S. Paulo a reacção. O proprio Diogo Feijó, ex-regente do Imperio, dirigia o movimento revolucionario. Caxias, commandando o *exercito pacificador*, bateu, na cidade de Sorocaba, a *columna libertadora*. Outra revolução liberal rebentou em Minas. Foi

ainda Caxias quem a suffocou. E, em Pernambuco, houve a *revolução praieira,* em que tão bello papel representou Nunes Machado.

Grandes acontecimentos, porém, tinham de vir reconciliar os partidos, e salvar o Brazil d'esse delirio politico, em que esterilmente se exgottavam as suas forças. As guerras contra Rosas, Aguirre e Solano Lopez vieram unir, num mesmo impulso de patriotismo, todos os brazileiros. O segundo Imperio não estava fadado para se consumir em lutas inglorias e futeis. A guerra do Paraguay tinha de dar ao Brazil o seu baptismo de soffrimento e de heroismo. D'esses longos annos de luta, a nação havia de sahir respeitada e forte. Mais tarde ainda, illuminaria vivamente a historia do segundo Imperio o clarão immortal da lei *Treze de maio,* libertadora de toda uma raça. E esse reinado que começára incolor, acanhado, acabaria de um modo violento e grandioso, a 15 de Novembro, com a proclamação da Republica.

O GAUCHO

O complemento do gaúcho é o cavallo. Elle e o cavallo formam um todo homogeneo, indivisivel. Sobre o nobre animal. que o entende e ama, o gaúcho, — de alma livre como o vento, de musculos rigidos como o aço, de caracter altivo como as grandes aguias, — passa a vida, independente, voando de campina em campina, cruzando os vastos pampas, cuja extensão solitaria produz e excita o amor da vida nomada, das grandes jornadas, das guerras longas e das aventuras arriscadas.

Desde pequeno, o gaúcho aprende a domar os cavallos bravios. Sem arreios, montado em pello, o animal se rebella e salta, corcoveia e dispara, roja no chão e recúa, espuma e nitre, furioso, desesperado, numa revolta suprema contra o pe-

queno domador. Uma queda, duas quedas, vinte quedas... que importa? o pequeno domador não desanima. Volta a montar o animal selvagem. E, já senhor d'elle, abate-o, subjuga-o, doma-o, humilde, amigo, resignado. Então, o homem e o cavallo não se separam mais. Na guerra e na paz, eil-os unidos, voando de campina em campina, cruzando os pampas vastissimos. Sobrio e activo, o gaúcho não pára, não desce do cavallo para comer. Come assim mesmo, á pressa, voando sempre. Quando a noite vem, desmonta, estira-se no chão, põe a cabeça sobre a sella, fecha os olhos, e dorme, despreoccupado e feliz, com a face voltada para o alto céo, onde as estrellas palpitam, e de onde desce uma grande paz suave, um grande silencio consolador...

Essa vida alarga o pensamento, enrija a alma, apura o caracter. Dentro das barulhentas cidades, dentro das multidões atropelladas, o homem intimida-se, encolhe-se, mingoa, e só vê a si mesmo, a sua insignificancia e a sua pequenez.

Mas, na solidão do pampa, no infinito deserto, o homem não olha para si: olha para o céo, para o espaço illimitado que o

cerca, — e vê o Infinito. Vendo o Infinito, vê a liberdade e a justiça: aprende a odiar todas as oppressões, aprende a amar e a defender todos os opprimidos.

A escravidão reduz o homem á ignominia do bruto.

O gaúcho prefere morrer, voar em liberdade para esse outro mundo que não vê mas imagina, a ficar amarrado a esta vida mesquinha, arrastando uma calceta, ou obedecendo a um senhor.

Salvé, livre dominador do pampa brazileiro!

OS FARRAPOS

Era em 1844. Esfarrapado e sujo, a galope, sobre o cavallo já esfalfado pela jornada longa, vinha um gaúcho. Trazia, voando ao vento, o ponche esburacado e esfiapado. Cobria-lhe a cabeça um velho chapéo desabado, em cuja copa havia furos... Quantas balas o teriam atravessado! E o rosto do gaúcho, cavado pelas privações da terrivel campanha, com a barba crescida e inculta, ainda conservava o ar de altivez e de orgulho, que é o traço caracteristico da physionomia d'essa gente.

A tarde cahia. Um silencio melancolico augmentava a tristeza d'aquella paysagem nua e rasa, onde não apparecia um vestigio de vida. De espaço a espaço, arvores queimadas, signaes de ranchos incendiados, montes de cinzas, ossos cal-

cinados, e mais nada. A região fôra devastada. Nenhum boi apparecia. Nenhum cavallo galopava na vastidão da zona deserta.

O gaúcho adiantava-se. Trazia ainda empunhada a grande lança de combate: no cinto, sob a aba do velho ponche roto, guardava a faca de matto e a garrucha. As suas armas e o seu cavallo: durante dez annos tinha sido isso a sua unica propriedade e a sua companhia unica. Terminadas as guerras, voltava agora ao seu sitio, em busca da estancia abandonada, de onde havia tanto partira, deixando negocios, familia, bem-estar, conforto e fortuna, para, seguindo a inclinação guerreira do seu temperamento, ir tentar a aventura das armas, entre os bandos dos *Farrapos* seus irmãos, que se batiam pela liberdade da terra riograndense.

Por escarneo e mofa, tinham dado a esses revolucionarios o nome de *Farrapos*. Esses guerreiros que acampavam ao relento, que, para não morrer de fome, se contentavam com um bocado de carne quasi crua por dia, — não tinham uniforme, não tinham dinheiro, não pensavam em renovar as botas e os ponches

que a vida da guerra, o pó da estrada, o fumo das batalhas estraçalhavam. Tinham o seu cavallo, a sua garrucha, a sua lança, a sua bravura, e o seu amor da independencia...

Farrapos, sim! mas esses homens incultos e feios, a cuja physionomia as barbas crescidas davam uma ferocidade que fazia medo aos soldados do governo, — durante dez annos tinham sustentado uma luta titanica a que todas as tropas do Imperio não puderam, pela força, dar termo. Só a brandura, a amnistia, as concessões de toda a especie conseguiram acabar essa guerra civil, sustentada por homens que haviam fundado a sua republica, e que, atravez de todos os perigos, inferiores em numero, em armas, em disciplina, em dinheiro, tinham com as suas *guerrilhas* atordoado e batido os exercitos regulares que o Imperio lhes oppunha.

No silencio e no recôlhimento da tarde que cahia, galopava o gaúcho. Sabia bem que não viria encontrar a familia: essa, como elle, tinha tambem seguido os bandos guerreiros; uns tinham morrido, outros erravam ainda... O *Farrapo* queria ver a sua estancia, a sua propriedade.

Chegou. Já não viu a larga porteira: tinha sido queimada. Entrou. Nos campos, cheios outr'ora de *criação,* havia, agora, apenas matto. Não viu a casa, outr'ora opulenta e bella: a casa era um montão de destroços. O horror da guerra civil tambem por alli passára, destruindo tudo com o seu bafo incendiario. Pobre e sósinho na terra, — elle, outr'ora feliz e rico, amado e respeitado!...

Que importava? o velho *Farrapo* não lamentava o desastre.

A noite descia. Estrellas timidas se accendiam no céo. O gaúcho deu liberdade ao cavallo, estirou-se no chão, collocou sobre a sella a cabeça, e adormeceu, feliz, descuidado, livre, com a face voltada para os astros.

Que importavam os desastres, a ruina e a miseria?

Tinha-se batido pela liberdade da sua terra... podia dormir tranquillo.

GUERRA COM O PARAGUAY

Impondo-se á malaventurada republica do Paraguay, porque a sua eleição foi uma verdadeira farça, desde o inicio do seu governo despotico tratou o marechal Francisco Solano Lopez de organisar com especial cuidado as forças militares, elevando-as a proporções superiores ás dos demais Estados Sul-Americanos e aos recursos da Republica.

Taes aprestos bellicos não podiam ter outro intuito senão o augmento do poderio do tyranno, não no Paraguay onde era absoluto, mas sobre os paizes visinhos.

Nada, porém, fazia suppôr que se destinassem a uma guerra com o Brazil as forças que o marechal accumulava, porquanto não podiam ser melhores as relações entre os dois paizes.

Allegando, porém, offensa na recusa

feita pelo governo do Brazil da sua mediação na questão com o Estado Oriental, Francisco Solano Lopez rompeu as hostilidades, prohibindo a navegação dos navios brazileiros nas aguas da Republica; ao mesmo tempo era aprêzado o paquete brazileiro *Marquez de Olinda*, que seguia viagem para Matto Grosso, levando a seu bordo o coronel Frederico Carneiro de Campos, presidente nomeado para aquella provincia.

Pouco depois, a pequena guarnição do forte de Coimbra, em Matto Grosso, depois de gloriosa resistencia, e vendo-se desprovida de munições, evacuava a praça diante de uma esquadra paraguaya.

Em vista de tão atrevidas aggressões, não podia o Brazil conservar-se indifferente, e o governo fez a declaração da guerra.

Sem esquadra, com um exercito insignificante, o Imperio, contando mais com o patriotismo dos brazileiros do que com os recursos bellicos de que dispunha, não hesitou em desaffrontar-se. Espalhada a noticia, correram milhares de voluntarios em defesa da patria. A 1° de Maio de 1865 foi assignado o tratado da triplice alliança

Batalha de Avahy. (Quadro de Pedro Americo.)

entre o Brazil, a Confederação Argentina e a Republica do Uruguay, ficando o commando chefe, por uma das condições do tratado, entregue ao brigadeiro D. Bartholomeu Mitre, presidente da Confederação do Prata. Começada a campanha, lentamente o nosso governo foi adquirindo materiaes indispensaveis, e organisando uma esquadra com que pudesse fazer frente ao inimigo.

A historia d'essa luta memoravel, cujo final foi um triumpho completo para as tres nações reunidas, não cabe em tão limitado resumo.

A Luiz Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, devemos a precipitação da victoria. E quantos heroes appareceram! Manoel Luiz Osorio, cuja lança era temida, fez prodigios de valor á frente de seus gaúchos; Andrade Neves, Porto Alegre, Mallet, Argollo, Deodoro, Camara, e outros muitos que commandavam os intrepidos soldados brazileiros, que tão brilhantes provas deram de valentia e resignação; Barroso, heroe do *Riachuelo*, e o denodados marinheiros que forçaram a passagem de Humaytá; e os que se bateram desde Corrientes até as margens do Aquidaban; —

Batalha de Riachuelo (Quadro de Victor Meirelles).

a todos esses, officiaes e simples soldados, deve o Brazil uma saudade eterna e uma eterna gratidão, porque não só lhe garantiram a paz como cobriram de perpetuos laureis as suas bandeiras.

Muitos ficaram no campo, mortos; a patria, porém, não os esquece, e os seus nomes perduram como exemplos. Honra á memoria dos bravos!

A RETIRADA DA LAGUNA

E' dos mais tragicos, na historia das guerras, o episodio da retirada da Laguna, de que se tornaram heroes os soldados da expedição no Norte. Esses bravos, saindo de Cuayabá, foram atravez de pantanos e de macégas, em longa e penosa marcha, engrossando as fileiras com os contingentes que recebiam, até o acampamento do inimigo, na Laguna.

Já senhores do terreno, os intrepidos commandados do coronel Camisão de Mello tiveram de ceder o passo, vendo-se desprovidos, não só de viveres como de munições, de modo a não poderem por muito tempo lutar com o inimigo, que, sobre estar descançado, tinha abundantes provisões de guerra.

Annunciou-se a retirada; e, não sem tristeza, trocando tiros com o inimigo, mo-

bilisou-se a columna, iniciando essa estupenda epopéa de resignação.

Caminhando lentamente, viam-se de improviso assaltados pela impetuosa cavallaria paraguaya; rapidamente formavam o quadrado, defendiam-se, rechaçavam o inimigo; e vagarosa, deixando mortos, carregando feridos, lá ia a columna, desfraldando nos ares as bandeiras sagradas. Reentrando na patria, nem por isso caminhavam descançados, porque o inimigo, tornando-se, por sua vez, invasor, lhes seguia os passos, a distancia; e, num momento, arremettendo, com tanta furia cahiu, que os nossos mal tiveram tempo de formar o quadrado: em meio da luta, com o formidavel tiroteio, o gado assustou-se; e, deitando a correr estonteadamente, poz em confusão as filas brazileiras; e d'isso aproveitou-se o inimigo fazendo grande estrago; ainda uma vez, porém, foi repellido.

Escasseavam os viveres; ás vezes o guia, apezar de conhecedor dos campos, enganava-se, e a columna era forçada a retroceder. De instante a instante, uma descarga atroava: era o inimigo que seguia a columna, mascarando-se nas moi-

tas. O ardil tremendo veiu, por fim, cercar os heroes: lavrava o incendio nos campos, as chammas sitiavam a columna, e longe os paraguayos, diabolicamente assanhados, iam ateando fogo á macega.

Lutavam com esse pavoroso inimigo, e não raro, ainda acalorados, viam o céu cobrir-se de nuvens densas e negras — e a tempestade desabava; apagavam-se as chammas; os soldados, porém, encharcados, ficavam a noite inteira de pé, apoiados á coronha das armas cuja bayoneta haviam cravado na terra.

Pantanos, silvados, tudo venceram: mas um inimigo novo surgia e esse incombativel, — o *cholera*. Os que cahiam escabujando, á falta de ambulancias, ficavam pelos caminhos, pedindo aos gritos uma gotta d'agua, e morriam, os olhos voltados para a bandeira que ia longe, tremulando.

Morreram o coronel Camisão e o guia Lopes, e a columna continuou, perseguida sempre, de noite e de dia, pelo inimigo; e, ao fim de trinta e cinco dias de marcha, tendo sahido de Laguna com 1600 homens, chegou a Nioac com 700, apenas, e esses mesmos enfraquecidos, maltrapilhos, enfermos.

Esse episodio, commovedor e heroico, bastaria para enaltecer o soldado brazileiro, atrevido na luta, resignado no soffrimento; a historia da guerra do Sul, porém, é farta de acções audazes e mostra á evidencia o valor dos filhos do Brazil.

AQUIDABAN

Foi á margem esquerda do rio d'esse nome que cahiu mortalmente ferido, para em pouco expirar, o tyranno Francisco Solano Lopez, dictador do Paraguay.

A sua morte pôz termo á sanguinosa guerra, que, se muitas lagrimas inconsolaveis arrancou á familia brazileira e se enflorou de louros immarcessiveis o pavilhão da patria tão denodadamente defendido pelos nossos irmãos, deixou uma riquissima terra devastada, e na miseria um povo de valentes que a perversidade de um despota sacrificára.

Convencido da impossivel resistencia, vendo enfraquecido o seu exercito pelas constantes derrotas, Solano Lopez viu na evasão o meio unico de salvar a vida; e, cercando-se de alguns fieis soldados, poz-

se a caminho, seguindo pelos mais complicados desvios para assim illudir a vigilancia do exercito brazileiro. Tal, porém, não succedia, porque os heroes da expedição commandada pelo brigadeiro José Antonio Corrêa da Camara não perdiam o rastro dos fugitivos. Lopez, que ia despercebido de quanto se passava perto, ignorando a presença dos nossos nas cercanias do seu refugio extremo, acampou no campo de *Aquidabanigui*. A demora dos emissarios que despachara para observarem as immediações, os quaes haviam sido aprisionados pelos nossos, fez que o impaciente dictador descesse ao passo do Aquidaban, de onde pouco depois tornou ao seu acampamento. Já operavam as forças alliadas; e num dado momento, surgindo dos mattos e de todos os caminhos que iam ter ao acampamento do tyranno, cahiram sobre as suas forças, destroçando-as sem grande trabalho. Lopez. vendo-se perdido, abandonou o acampamento, seguindo em direcção ao matto que margeia o Aquidabanigui. Avistado pelo coronel Silva Tavares, não poude fugir com tanta pressa que evitasse os perseguidores. Cercado por uma pequena força,

longe de acovardar-se, desembainhou a espada, e dispoz-se a combater, — correndo, então, para o seu lado, afim de protegel-o, varios officiaes e soldados do seu exercito. Foi nesse momento que os nossos fizeram fogo, e viram o tyranno dar as redeas ao cavallo, que montava, desapparecendo no matto proximo. Chegando ao sitio do combate o brigadeiro Camara, e sabendo da direcção que tomara Lopez, seguiu para aprisional-o ou matal-o, caso resistisse. Sahiram ao seu encontro dois clavineiros que declararam ter atirado sobre o tyranno, deixando-o mortalmente ferido. Dirigindo-se ao lugar indicado, o brigadeiro Camara encontrou o dictador cahido na barranca do arroio, com o corpo apoiado sobre a mão esquerda, a espada na direita e os pés n'agua. Intimado a render-se, atirou um golpe estouvado, dizendo que não se entregaria, preferindo morrer pela patria. Desarmado, expirou momentos depois, abreviando-lhe a morte um tiro disparado da margem opposta.

Com a morte de Solano Lopez, 1° de Março de 1870, terminou essa guerra entre povos que não se odiavam, e que ape-

nas tinham sido victimados pela ambição desmedida de um despota allucinado.

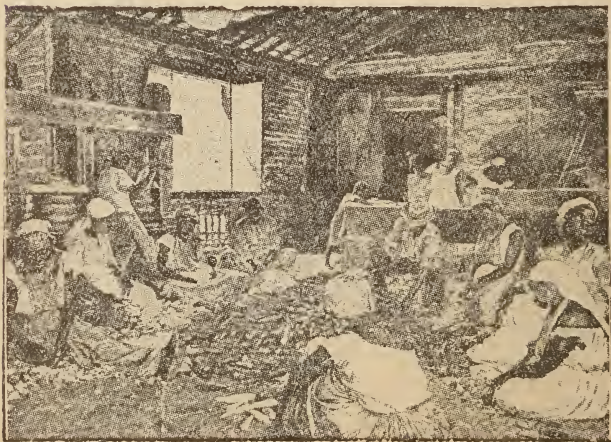
São innumeraveis as acções de valor praticadas na terrivel campanha, a maior e mais renhida que se tem disputado nos campos da America do Sul.

A VIDA NAS FAZENDAS

A' primeira luz da manhã, palpitando ainda no céu enxames de estrellas, a sineta soava no quadrado. Abriam-se as senzalas lobregas, e os negros, estremunhados, sahiam para a forma; e, aos seus resmungos de preces, respondiam ao longe, nos caminhos dos pastos, as vozes dos rebanhos.

Louvavam o senhor, e formados, cada qual com o seu instrumento de serviço, as mães com os filhos escarranchados ás costas, todos calados, submissos, unindo-se muito, — o feitor com o relho enrolado á cinta procedia á chamada á qual os negros respondiam soturnamente, de olhos sempre baixos.

Certo que nenhum desertára durante a noite, o feitor assistia á distribuição de

agua quente, levemente adoçada; alguns enguliam a beberagem sem mais nada; outros, porém, que haviam guardado da vespera um bolo de angú ou um pedaço

A Mandioca. (Quadro de M. Brócos.)

de aipim, comiam; as mães amamentavam ás pressas as creanças, e logo depois começava a desfilada para a roça. Iam em turmas, homens e mulheres; ao fresco da manhã davam começo á capina ou á colheita, eito acima, cantando.

Passaros chilreavam; a pouco e pouco,

porém, subindo o sol, o orvalho seccava, as aves recolhiam-se, e só ficavam, expostos ao sol violento, os escravos, e o canto tornava-se mais triste, lamentoso, guaiado.

Deixavam o serviço para o almoço, feito na roça por uma velha negra, e o alimento compunha-se de feijão e angú com couves; enchia, cada um, a sua cuia e, de pé, á sombra dos cafeeiros em flor, comiam; as mães desciam, ás pressas, aos tejupares, e amamentavam as creanças, que dormiam sobre palhas, á guarda dos mais velhos.

A um brado do feitor, tornavam todos ao serviço e, até a hora do crepusculo trabalhavam sem pausa, resignadamente.

Os que eram pastores vigiavam o gado nos campos, os carreiros guiavam os bois de canga, e a terra prosperava molhada pelo suor e pelas lagrimas da pobre gente.

De raro em raro, nos grandes dias, davam-lhes uma pequena ração de carne e de cachaça, e permittiam-lhes que folgassem. A alegria chegava ao delirio quando os primeiros sons do *caxambú* atroavam, e, no terreiro, reunidos, começavam a dansa selvagem, que lhes recordava a aringa

africana e os dias felizes dos tempos da liberdade.

Doentes, eram tratados pelos curandeiros; só em casos gravissimos, ainda assim quando o enfermo era uma *boa peça,* os senhores recorriam aos medicos. O cemiterio, quando havia, era um campo de herva viçosa onde os bois dormiam ruminando sobre covas frescas.

E assim viviam os negros, lutando pelos riquissimos outonos, pagando a miseria e os máos tratos com a abundancia dos paióes e o enriquecimento dos senhores.

O EXERCITO NEGRO

Foi pouco antes de 13 de Maio de 1888. Das fazendas do interior de S. Paulo, tinham fugido em massa os escravos. O calix da amargura tinha sido exgottado até as fézes. A raça negra, depois de tantos seculos de soffrimento resignado, revoltava-se emfim...

Como os rios, que, ao nascer são fios de agua debil, e vão engrossando á proporção que marcham, aqui abrindo passagem pelo matto, alli deslocando calháos, augmentando, augmentando sempre, carregando agora immensos troncos de arvores, agora recebendo o contingente de outras aguas que chegam, augmentando, augmentando sempre, despejando-se, já formidaveis, do alto de penedias escarpadas, ganhando velocidade com a quéda,

augmentando sempre, até que, com um rugido temeroso veem desabar no oceano, — assim engrossou o bando negro, que, ao partir do interior de S. Paulo, era um grupo, e, ao chegar á cidade de Santos, depois da descida da serra do Cubatão, era uma legião.

Emquanto caminhavam, das fazendas que iam encontrando iam levando os escravos. Cada passo dado trazia um novo contingente á leva do desespero, ao levante da dor, ao exodo terrivel do soffrimento. Vinham quasi nús, famintos, com os pés chagados pelas estradas pedregosas. Alguns tinham apenas em torno dos rins uma tanga esfarrapada: e, ao sol, appareciam aquellas pelles pretas, cobertas de cicatrizes, retalhadas tantas vezes pelo chicote do feitor. As mulheres carregavam ás costas as creancinhas nuas e magras que choravam: ou, para as enganar, davam-lhes ás boccas famintas os peitos murchos e seccos, de onde não pingava uma só gotta de leite.

E caminhavam... caminhavam... caminhavam, de dia e á noite, á luz do sol ou á luz das estrellas. E cantavam. Aquella melopéa tristissima, repassada da in-

dizivel melancolia das musicas africanas, echoava como um côro de gemidos no vasto seio impassivel da natureza.

E á noite, quando, em silencio, desciam a serra negra, sob o olhar de fogo dos astros, os seus passos reboavam surdamente na treva, como o rumor de um oceano que se agita.

E era um oceano, um rude oceano que se precipitava do alto da serra... oceano revoltado, para o qual já não havia diques. Já nenhum pensava no castigo, no vergalho, no tronco, na vingança dos senhores... D'alli, para a liberdade ou para a morte!

Foi no quilombo do Jabaguara, em Santos, que o exercito negro parou. O quilombo era um baluarte da propaganda abolicionista. Alli, algumas almas justas e piedosas tinham aberto um asylo para os desesperados do captiveiro. Alli, — emquanto nas fazendas se castigavam escravos, — dava-se aos foragidos pão e carinho, trabalho e liberdade, consolo e instrucção.

Quando o quilombo do Jabaguara recebeu essa ultima avalanche de negros fugidos, a propaganda estava perto da

victoria. A alma brazileira se tinha levantado para protestar contra o crime secular da escravidão. A raça negra ia ser incorporada, no Brazil, á communhão social. Ia-se apagar da face da America a mancha de lodo e sangue que a deshonrava. Pouco tempo depois da chegada ao Jabaguara, era promulgada a lei 13 de Maio.

Todos os asylados do quilombo sahiram, a caminho de Santos. Ahi, na igreja, perto do tumulo de José Bonifacio, ouviram a sua primeira missa livre. E a egreja se encheu de um rumor prolongado de soluços, — soluços de allivio, de esperança e de felicidade...

13 DE MAIO

A infancia e a decrepitude abriram a marcha da redempção: sagrado o ventre negro pela lei lustral de 28 de Setembro de 1871, a velhice, pouco depois, teve o seu arrimo no humanitario decreto de 28 de Setembro de 1885, e deixou os campos e as collinas, recolhendo-se ao descanço das cabanas, precursor da paz absoluta do tumulo.

Ficavam, porém, gemendo no interior das terras milhares de homens escravisados, — quando, graças á piedosa campanha abolicionista, o grito de liberdade repercutiu ao norte na fertilissima região dos grandes rios.

A jangada cearense remiu a culpa dos mares, levando por elles, a caminho da liberdade, os descendentes dos que haviam

vindo soluçando no fundo dos navios de trafico.

Dia a dia o pensamento de libertação dos captivos ganhava novos adeptos; o povo, associado aos mais atrevidos batalhadores da causa, prestava o seu concurso, acudindo não só com o obulo, como prestando-se a dar abrigo aos que, acossados pela féreza dos senhores que sentiam proximo o momento temido, evadiam-se buscando amparo e caridade.

As senhoras, a mocidade das academias, as classes armadas, os artistas auxiliavam poderosamente a propaganda, de sorte que, opprimido pela violencia da ideia dominadora, impossivel de ser reprezada, o governo resolveu corresponder aos desejos da nação promulgando a lei que declarava livres todos os escravos do Brazil. Foi essa lei assignada a 13 de Maio de 1888, pela princeza Isabel, regente, na ausencia do imperador, que se achava na Europa.

Oito dias duraram na capital as festas por tão faustoso acontecimento, e em todo o imperio foi grande o jubilo. Nunca a população do Rio de Janeiro deu do seu enthusiasmo provas tão vivas e sinceras,

como no decurso d'esse prazo festivo; a alma popular dilatou-se, e viu-se o esplendido e commovedor espectaculo de um exercito desfilar levando nas carabinas ramos de violetas, e os formidaveis canhões cobertos de flores e de ramos. Nas praças avultavam coretos, e, ao som das musicas alegres, o povo dansava e folgava como numa kermesse colossal; encheramse os theatros, e nas ruas era tal a concurrencia que o transito se tornou difficil.

Houve uma grande passeiata commemorativa; o acto mais solemne, porém, foi a missa campal rezada no campo de São Christovão, á luz brilhante do sol, diante de um alto cruzeiro, em presença do exercito e do povo.

Cessara o tormento secular de uma raça; e a patria, celebrando essa festa paschoal, parecia que se preparava, com uma purificação, para receber dignamente a Republica.

15 DE NOVEMBRO

Amanhecia. Doirada pela manhã do mez balsamico, a cidade, despindo-se da nevoa, acordava risonha para a vida; a noite correra tranquilla, nada deixando suspeitar do que se preparava nos quarteis; de sorte que foi com verdadeiro espanto que o povo, descendo dos suburbios para o trabalho, viu postados em frente do quartel general, no campo da Acclamação, varios regimentos e um parque de artilharia.

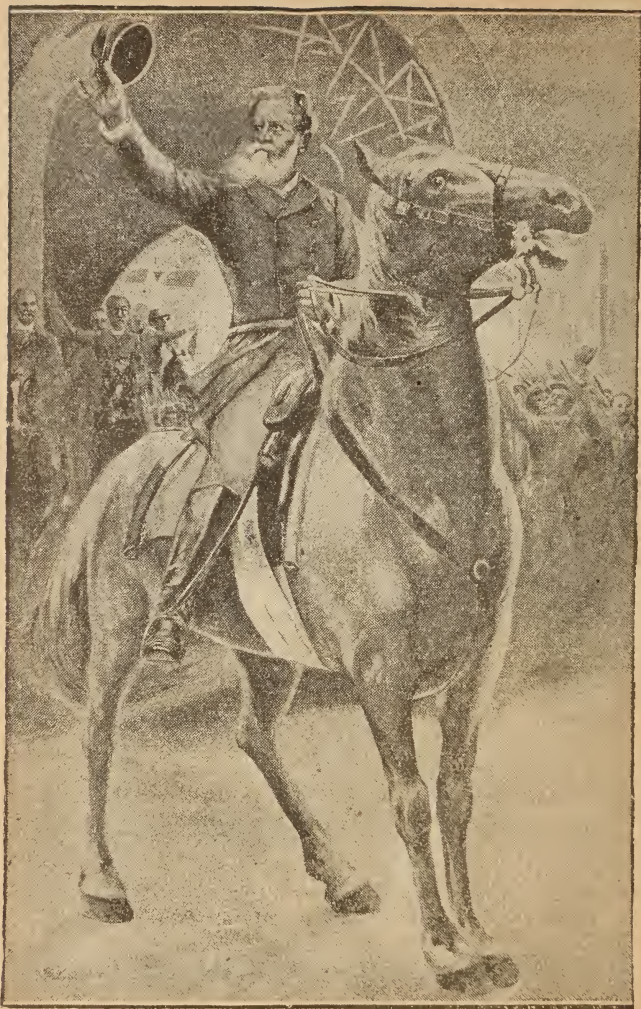
As armas scintillavam ao sol, e dominando todos os soldados apparecia a figura sympathica e dominadora do marechal Deodoro da Fonseca, commandante chefe das forças reunidas.

O valente militar, que nessa manhã, a instancias de Benjamin Constant e de

outros proceres da Republica, deixara o leito onde o mantinha torturado a enfermidade adquirida nos marneis de Matto Grosso, — animado pelo ideal patriotico, não accusava o menor soffrimento.

Seus olhos inquietos, cheios de uma luz forte, irradiavam; e, firme na sella, domava o corcel fogoso, que, a todo o instante parecia querer investir, escarvando o solo, nitrindo. Benjamin Constant, calmo, parecia a Meditação ao lado da Acção. Eram o Pensamento e o Braço, — os dois completavam-se: um dirigia, o outro executava.

O povo, a principio medroso, a pouco e pouco se foi approximando; vendo o attitude pacifica da tropa, os populares insinuavam-se nas fileiras, paravam junto aos canhões assestados ameaçadoramente contra o quartel, que se conservava fechado e mudo.

Falava-se em resistencia, em combate, quando a larga portaria se abriu de par em par. Chegavam enlameados, exhaustos da marcha accelerada que haviam feito, os alumnos da Escola Militar, armados e promptos, — e logo um grande brado atroou: "Viva a Republica!" O marechal,

15 de Novembro. (Quadro de Belmiro de Almeida.)

seguido do seu estado-maior, penetrou no quartel; e, quando se esperava o rumor da peleja, ouviu-se, como um echo, o mesmo brado lá dentro: — "Viva a Republica!"

E a tropa que, segundo se dizia, se conservava fiel ao throno, sahiu, acompanhando o intrepido soldado, que o povo, em delirio, acclamava; e os canhões saudaram a Republica com uma salva de 21 tiros, emquanto as bandas executavam o hymno nacional, mal ouvido atravez do estrondo da artilharia festiva e do clamor enthusiastico da multidão.

Os ministros, presos no quartel, bem comprehendiam que não se tratava de uma simples revolta; as acclamações do povo bem o diziam.

Formada a tropa, desfilou, seguindo o marechal, que atravessou a cidade até o arsenal de marinha, cujas portas lhe foram abertas, saudado delirantemente pelo povo que enchia as ruas, pelas senhoras que se apinhavam ás janellas.

Dias depois embarcava para o estrangeiro a familia do ultimo monarcha. Como a Abolição, a Republica foi feita pacificamente: o povo recebeu-a como a realisação de uma esperança antiga.

A Republica começou sob magnificos auspicios; e, para que ella se torne grande e forte, urge que todos os que nascerem á sombra do seu pavilhão glorioso, num esforço commum e patriotico, trabalhem pela sua prosperidade, e não se recusem a defendel-a, no momento em que, acenando aos filhos, ella lhes pedir o sacrificio supremo do sangue.

FINAL

Damos aqui por finda a nossa empreza. Abalançámo-nos a leval-a a termo sem vaidade, porque não trazemos novos subsidios á historia nem nos alongámos tanto pelos episodios quanto deveramos; muitos e admiraveis, deixámos de parte, por não caberem em um livro cujo principal intuito é despertar nas almas jovens o amor da patria.

Para tornar a leitura mais agradavel procuramos revestir os factos de uma forma amena que não enfastiasse os leitores. D'aqui partireis para o estudo da verdadeira historia nacional; neste livro ha apenas quadros e exemplos; e não vos deveis limitar ás suas linhas escassas, porque ha ainda muitas e grandes bellezas a

conhecer no copioso documentario da nossa vida social e politica.

Ide por diante, buscai conhecer a vossa patria, para que, vendo-a tão grande como é, façais por vos tornardes dignos d'ella.

BIBLIOGRAPHIA

PORTO SEGURO — *Historia Geral do Brazil;* PORTO SEGURO — *As lutas com os Hollandezes;* R. SOUTHEY — *Historia do Brazil;* MELLO MORAES — *Corographia do Brazil;* COUTO DE MAGALHÃES — *O Selvagem;* CAPISTRANO DE ABREU — *Descobrimento e desenvolvimento do Brazil no Seculo XVI;* PEREIRA DA SILVA — *Quadros da Historia Colonial do Brazil;* A. BRASILIENSE — *Historia Patria;* MATTOSO MAIA — *Lições da Historia do Brazil;* JOÃO RIBEIRO — *Historia do Brazil;* SYLVIO ROMÉRO — *A Historia do Brazil* (ensino civico); A. MOREIRA PINTO — *Historia do Brazil;* MACHADO DE OLIVEIRA — *Historia da Provincia de S. Paulo;* PEREIRA DA SILVA — *Historia da fundação do Imperio;* BORGES DOS REIS—*Historia do Brazil;* B. DE MAGALHÃES — *Lições de Historia do Brazil;* P. R. M. GALANTI —*Compendio de Historia do Brazil* — taes são as fontes desta recopilação.

OS AUTORES.

INDICE